



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

LETÍCIA DE OLIVEIRA MENEZES

**“ESSE QUILOMBO É NOSSO”: A MEMÓRIA ANCESTRAL NO CORPO DE
MULHERES NEGRAS NA CAPOEIRA ANGOLA**

SALVADOR, BAHIA

2023

LETÍCIA DE OLIVEIRA MENEZES

**“ESSE QUILOMBO É NOSSO”: A MEMÓRIA ANCESTRAL DE MULHERES
NEGRAS NA CAPOEIRA ANGOLA**

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de Mestre em Educação e
Diversidade, no Curso de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Federal da Bahia
Orientador: Prof. Dr. Pedro Abib
Co-orientadora: Rosângela Araújo

SALVADOR

2023

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação - Biblioteca Anísio Teixeira

Menezes, Letícia de Oliveira.

“Esse quilombo é nosso” [recurso eletrônico] : a memória ancestral no corpo de mulheres negras na capoeira angola / Letícia de Oliveira Menezes. - Dados eletrônicos. - 2024.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rodolpho Jungers Abib.

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Rosangela Janja Costa Araújo.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2024.

Disponível em formato digital

Modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br/>

1. Educação não formal. 2. Gênero - Raças. 3. Capoeira angola. 4. Interseccionalidade. I. Abib, Pedro Rodolpho Jungers. II. Araújo, Rosangela Janja Costa. III. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. IV. Título.

CDD 371.394 - 23. ed.

AGRADECIMENTOS

Agô (licença), agradeço a todas/os que vieram antes para que eu pudesse pisar nesse chão. Saúdo e agradeço a toda minha ancestralidade. Agradeço com alma e coração em primeira mão à minha família, peças fundamentais e indispensáveis em qualquer caminho que eu trace. São dela/es que vem a minha primeira formação. Minhas maiores referências. Obrigada Márcia Oliveira por ser energia motivacional e inspiração feminina antes mesmo da minha primeira respiração. Meu umbigo é a marca eterna da nossa conexão. Obrigada Wilson Menezes por ser chama acessa, bússola suleadora e referencia masculina. Não sou nada sem teu carinho e cuidado. Anderson, meu irmão e melhor amigo te dedico. A minha admiração por você é enorme.

À todas/os minhas avós e meus avôs. Jaci José Trindade (*in memorian*) exemplo de mulher a cada fio de sua vida. Marcos Ferreira de Oliveira (*in memorian*); à Dona Nicinha, minha vó e mãe duas vezes. A minha raiz viva. Agradeço em especial ao meu avô e maior mestre Nelson Machado de Menezes (*in memorian*); que me deixou como herança a capoeira.

Á minha madrinha Edneusa Santos por ser cuidado e proteção sempre. Ao meu dengo, Flávia Lopes, agradeço a presença integral e amor singular. Agradeço as várias famílias que entrelaçam sangue e daquelas que escolhi: Oliveira, Menezes, Alvarez, Lopes, Sales, Soares e Sankofa.

Falando em família, agradeço ao Mestre Renê Bittencourt pelos ensinamentos pra capoeira e pra vida; Á todas as pessoas e detalhes que compõem a Associação de Capoeira Angola Navio Negroiro. Meu lar, meu quilombo. Onde curo minhas feridas e reconecto com minhas potencialidades.

Agradeço a todas as minhas amigas e parcerias. Á minha doula epistemológica, Linni Muniz e ao meu tio Alexandre Oliveira por serem chaves para abertura de portas e caminhos. Luiza Hughes, Arthur Lopes, Pedro Follador, Maiana Santos, Taiala Viviane, Bianca Menezes serão aqui nomes para representar minhas e meus grandes amigues. Agradeço também a minha terapeuta, Lucilene Santos, que me ajuda a empretecer a minha saúde mental com simplicidade e competência.

À todas as pessoas que compuseram a escrita, professoras/es que fizeram (e fazem) parte da minha formação; Ao curso e as pessoas do Bacharelado Interdisciplinar

em Humanidades; à orientação de Pedrão que é um dos meus mestres há muitos anos; à Co-ORientação de Mestra Janja, que me fornece sua guiança com tempero de ser minha referência. Aos Grupos de Pesquisa Griô e GIRA.

Á Mestra Jararaca por sua existência que me ensina tanto e sua confiança em mim;
À Contramestra Brisa do Mar pelo seu jeito manso que tem potência de furacão; À Larissa Almeida e Jéssica Paranaguá meu máximo respeito pela honra de podermos partilhar nossas mandingas.

Como diria Giovana Xavier (2019) a ideia é transformar o diploma individual em patrimônio coletivo. Me agacho, subjetivamente, aos pés dos berimbaus para agradecer e saudar todes que direta ou indiretamente compuseram a construção dessa narrativa mandingueira. É só o começo de muitas histórias nossas que teremos oportunidades de escrever em TODOS os espaços que quisermos! Ubuntu e Adupé! Sigamos GINGANDO!

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
1. NEM TUDO QUE RELUZ É OURO	20
1.1 Educação e capoeira angola	21
1.2 Memória ancestral , corpo, oralidade e ancestralidade	34
1.3. Mulher Preta Tem História.....	44
1.4 “O diabo mora nos detalhes”.....	55
2. BIBLIOTECAS VIVAS DA CAPOEIRA	57
2.1 Mestra Jararaca.....	62
2.1.2. “Capoeira ta no sangue”	65
2.1.3. Afinal, o que é ser uma mestra?	70
2.1.4 A perspectiva de uma mestra mulher?	71
2.1.5. Maternidade angoleira.....	75
2.1.6. a verdadeira universidade.....	77
2.2. Contramestra Brisa do Mar	83
2.2.2. Como tudo começou.....	86
2.2.3. A resistência ao título de contramestra.....	89
2.2.3. Movimento Mulheres do Mar	91
2.2.4. As idas e vindas, como o mar.....	94
3.GUERREIRAS DE ZION	98
3.1. Larissa Almeida: preta angoleira.....	98
3.1.2. Os saberes e fazeres dos movimentos sociais	100
3.1.3. A paixão insistente pela capoeira	103
3.1.4. Educação, capoeira e autoconfiança: tem que suar para aprender	109
3.1.5. Autoconfiança é uma “chamada” para novas histórias	115
4.2. Jessica Paranaguá: a voz que arrepi.....	118
4.2.2. A sua chegada no mundo de mandinga.....	120
4.2.3. Os tons de ginga (musicalidade e capoeira)	121
4.2.4. A educação em suas diversas formas	127
(IN)CONCLUSÕES.....	134
REFERÊNCIAS	137

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mestre Jararaca tocando berimbau (fonte: <https://proext.ufba.br/1a-edicao-de-au-ufba-e-osas-mestresas-de-capoeira>)

Figura 2 - ContraMestra Brisa do Mar tocando berimbau em um trecho do documentário “Movimento Mulheres do Mar” (32 min)

Figura 3 - Contramestra Brisa do Mar tocando berimbau nos festejo de Iemanjá | Fotografia: @melcenourinha

Figura 4 - Contramestra Brisa do Mar tocando berimbau nos festejo de Iemanjá com as pessoas olhando e acompanhando a manifestação | Fotografia: @melcenourinha

Figura 5 - Larissa fazendo uma chamada. Imagem de acervo pessoal. Fotógrafo: Jeff Dias

Figura 6 - Larissa com a camisa “minha capoeira tem cor e tem nome” - Imagem de acervo pessoal. Fotógrafo: Jeff Dias

Figura 7 – Paraguaçu tocando o berimbau médio na ACANNE (imagem de acervo pessoal)

Figura 8 – Jéssica cantando com a sua banda TOM71 em um evento na Faculdade de Educação (UFBA) em 2023 – Imagem de acervo pessoal

Figura 9 – Jéssica Paraguaçu e Larissa Almeida jogando capoeira. Imagem de acervo pessoal. Fotógrafo: Adriano Viana (Bons Ventos 7)

RESUMO

Este trabalho investiga as experiências e narrativas de mulheres negras angoleiras em Salvador e Mar Grande (BA), buscando compreender como a prática da capoeira angola se configura como um espaço de educação não formal e de fortalecimento identitário. A partir de uma pesquisa qualitativa e participante, foram realizadas entrevistas e imersões em rodas de capoeira com quatro mulheres, analisando suas trajetórias, vivências e percepções sobre a capoeira angola como prática educativa. A pesquisa busca contribuir para o campo dos estudos sobre gênero, raça e educação, problematizando as relações entre corpo, memória e saberes ancestrais na construção de identidades negras femininas. Os resultados indicam que a capoeira angola é um espaço de resistência e de produção de conhecimentos, onde as mulheres negras encontram ferramentas para fortalecer suas identidades e desafiar as desigualdades sociais.

Palavras Chave: Gênero e raça; Educação não formal; Capoeira Angola; interseccionalidade

ABSTRACT

This paper investigates the experiences and narratives of black “Angoleiras” women in Salvador and Mar Grande (BA), seeking to understand how the practice of capoeira angola is configured as a space for non-formal education and identity strengthening. Based on qualitative and participant research, interviews and immersions in capoeira circles were carried out with four women, analyzing their trajectories, experiences and perceptions of capoeira angola as an educational practice. The research seeks to contribute to the field of gender, race and education studies, problematizing the relationships between the body, memory and ancestral knowledge in the construction of black female identities. The results indicate that capoeira angola is a space of resistance and knowledge production, where black women find tools to strengthen their identities and challenge social inequalities.

Key words: Gender and race; Non-formal education; Capoeira Angola; Intersectionality

APRESENTAÇÃO

Antes de mais nada, agô (licença) as/os minhas e meus ancestrais para falar sobre histórias que são nossas. As/aos mais velhas/os e mais novas/os que existem para que essa escrita seja possível. Descrever a trajetória amalgamada de afeto e ginga é como resgatar coisas fundamentais para mim. Assim, início contando que esta pesquisa começa em um templo bem sagrado que é a cobertura da minha casa. Mas não inicia hoje. Ela começa junto aos meus primeiros engatinhares.

Aliás, devo contar algo ainda mais curioso. Eu sou nascida e criada em uma periferia de Salvador chamada Cosme de Farias. Oliveira (2009) trouxe a história de que este bairro antes se chamava “Quinta das Beatas” até que um grande rábula da década de 60 foi morar na região e, o bairro, em homenagem, passou a carregar o seu nome. Cosme de Farias era o “advogado dos pobres” e, sem querer entrar muito na história do deputado federal mais velho que esse Brasil já viu, destaco que suas intervenções perpassaram a prática de defesa das causas dos capoeiras que, na Salvador Republicana, eram presos por “vadiagem” num momento em que as leis que proibiam a capoeira estavam vigentes.

Me lembro bem do meu pai, Wilson Menezes, me contando sobre ele andar pelo bairro e ver o grande Major Cosme de Farias passando pelas ruas deste território em que ele nasceu, cresceu e criou seu filho e sua filha. O território da comunidade de Cosme de Farias é um marco de luta pelos direitos das pessoas capoeiristas. Foi neste espaço que o meu avô, Nelson Machado, decidiu me ensinar um pouco da capoeira. Até hoje não desvendei o motivo de ser a escolhida entre tantos netos e neta. Além do fato de que ele não era um capoeirista.

Então, antes mesmo de começar a dar meus primeiros passos, a partir dos meus primeiros engatinhares na cobertura da minha casa, seu Nelson se “deithava”¹ no chão junto comigo e me convocava para ginga. Acalentada pelos braços de meu avô, comecei a aprender a capoeira com o meu mais velho que me apresentou a capoeira com a sutileza dos seus cuidados e brincadeiras. Era só falar “tin din don, minha neta” que o meu corpo vibrava em festa. Esta paixão seguiu, saiu e entrou na rotina várias vezes, mas já tinha se

¹ Essa é a forma que meu avô pronunciava essa palavra. Assim como, minha avó segue falando também. Coloco entre aspas para saudar seu jeito de oralizar a palavra para trazer proximidade para a oralidade do meu mais velho.

firmado no meu corpo em dissertação bem escrita de memória ancestral. Ele batia palmas seguido de cantorias e os incentivos de “isso ai, vumbora minha neta”, “ginga minha neta”. Foi a partir daí que realmente tudo começou. Sem nem saber dar meus primeiros passos, sem entender quem eu era, tendo por volta de uns 2 (dois) anos de idade que a capoeira chega pra mim como um acalanto de um mais velho. A partir daí, como vocês podem perceber, ela não saiu mais.

Seguindo este caminho, depois de percorrer a entrada da casa dessa dissertação, levo vocês para adentrar aos comodos mais profundos. Vamos sair da entrada e ir para sala desta escrita. Contar o início da minha história com a capoeira é o primeiro passo para que se faça compreensível a dimensão desse espaço subterrâneo do meu eu que me leva, depois de tantos anos de aproximação com a capoeira, querer escrever sobre mulheres negras angoleiras.

O presente trabalho versa sobre a compreensão de processos educativos oriundos de corpos de mulheres negras angoleiras residentes de Salvador e Mar Grande (BA). O território de Salvador será o foco da investigação por dialogar intimamente com a história da capoeira angola aqui no Brasil.

Entretanto, gosto de pensar que os mestres mais conhecidos como pioneiros e os grupos de capoeira angola são daqui da nossa cidade. Então decidimos beber da fonte. O território da Ilha de Itaparica, vizinha de Salvador separada pela Baía de Todos os Santos, é escolhido por ter uma participante dessa pesquisa que é moradora das águas de Mar Grande (ContraMestra Brisa do Mar). Sendo assim, estes territórios serão trazidos como cenários das histórias das escritoras. As chamo de escritoras porque parto do pressuposto de que nesta escrita as mulheres participantes estão escrevendo a dissertação junto comigo.

Tivemos como objetivo, ou seja, a partir da escuta sensível das narrativas, vivências, ativa e afetiva, fizemos estudos de casos para pesquisar o que, cada participante aprende com a prática da capoeira angola. Além disso, buscamos as encruzilhadas das suas histórias para entender o que se tem em comum e a relação dessas semelhanças com as trajetórias de nossas ancestrais.

Outrossim, temos mais três objetivos específicos, sendo eles: refletir com base no levantamento bibliográfico a história da mulher negra na capoeira angola; participar de espaços de capoeira angola em que essas mulheres estejam, a fim de registrar suas

experiências da memória corporal; problematizar o corpo e as narrativas de mulheres negras angoleiras enquanto práticas educativas.

O contexto social deste trabalho parte do pressuposto de que mulheres negras na sociedade (e conseqüentemente dentro dos espaços capoeiranos) passam por dois marcadores sociais que se sobrepõe e resultam em formas ainda mais intensas de opressões, seja pelo patriarcado, tal qual pelo racismo. Agacho nos pés dos berimbau, para refletir a intersecção de gênero e racialidade. A estrutura social racista e sexista faz com que seja necessário pensarmos essas trajetórias nas encruzilhadas racial e de gênero, para que essas histórias não sejam contadas por uma só perspectiva que anula a existência feminina ao longo dessas percursos de gingas e resistências.

A proposta de topar entrar nesse jogo de discussão vem a partir de outras gingas que tive (e sigo tendo), ao longo da minha vida de mulher preta e angoleira. Por isso, retomo um pouco para minha história para entendermos juntas/os/es como decidi trançar palavras para cultivar o objetivo da pesquisa. Então, retomando sobre esta trajetória destas gingas que me orientaram até aqui: depois do impulso, mais do que especial, do meu avô Nelson para iniciar a capoeira, meu pai e minha mãe ouviram esse chamado e me colocaram nas aulas de capoeira da minha escolinha na época. Meu professor era, nada mais nada menos, que o “Tio Renê”, que hoje é o meu Mestre.

Um parêntese mais que importante, minha mãe (Márcia Oliveira) e meu pai (Wilson Menezes) são minha primeira e meu primeiro educadores. Ser filha de um casal negro, que lutou com o que podia e o que não podia para me dar vida (em todos os sentidos dessa palavra) é, e sempre será, minha primeira formação. Não terá diplomas e nem uma outra certificação que seja mais importante que esta minha formatura familiar. Me firmo na descrição trazida pelo autor malinês Hampatê Bâ sobre os pais, mães, avós, avós, quanto referências primordiais para o conhecimento:

Além do ensino esotérico ministrado nas grandes escolas de iniciação – por exemplo, o Komo ou as demais já mencionadas –, a educação tradicional começa, em verdade, no seio de cada família, onde o pai, a mãe ou as pessoas mais idosas são ao mesmo tempo mestres e educadores e constituem a primeira célula dos tradicionalistas. São eles que ministram as primeiras lições da vida, não somente através da experiência, mas também por meio de histórias, fábulas, lendas, máximas, adágios, etc. (BÂ, p. 183. 2010)

Depois de complementar o debate refletindo sobre a importância da formação no seio familiar, continuo a história contando o pouco como foram o passar do tempo após a conclusão do meu primeiro ciclo escolar na educação infantil e alfabetização. Essa conclusão de ciclo e os delongar do tempo, acarretaram no meu afastamento da capoeira.

Até que, na frente da minha casa naquela mesma favela que me é berço, Cosme de Farias, começou a ter um grupo de capoeira chamado Bantú. Gestado pelo Mestre Valdec. Após passar alguns anos fora da capoeira, voltei a fazer parte desse antro de ancestralidade com o Mestre Valdec. Mestre este que me deu o apelido de “Flor de Liz”. Eu era a única menina do grupo (em outras situações da escrita do mestrado posso retomar este ponto como algo extremamente relevante) e por isso, ele me batizou como sendo “Flor de Liz”

Ganhei este apelido, que é um nome de peso, aos 12 anos. O Mestre Valdec foi muito sagaz ao analisar meu jeito de jogar e como me coloco na vida. Na capoeira, temos a tradição de ser batizadas/os com um apelido, um nome de guerra. O meu, a Flor de Liz é uma flor bonita mas pontiaguda e além disso, é uma flor que costuma crescer em lugares que não são propícios para ela, como por exemplo, lugares cheios de pedras. No Grupo Bantu, eu era a única menina que fazia parte do grupo e por essas e outras que, assim como a Flor de Liz, consegui crescer nesse lugar “adverso”. Hoje entendo e descubro cada vez mais o quanto esse nome fala sobre a minha história e a minha caminhada. Obrigada, Mestre Valdec.

O Mestre acabou tendo que morar fora e o funcionamento do grupo não era mais na frente da minha casa e aos poucos eu fui me afastando, até perceber que estava longe demais. Tanto do grupo, quanto da capoeira. Entretanto, esta percepção só chegou a mim depois de muitos anos quando adentrei a universidade. Nos primeiros anos da minha formação acadêmica fiz matérias com o Pedro Abib, o Pedrão, que hoje é meu orientador, lá em 2018.

Nessas matérias de ACCs (Ação curricular em comunidade e sociedade), Pedrão ensina um pouco sobre a história e os movimentos da capoeira. Foi lá que senti saudade de uma das coisas mais preciosas da minha vida e tive que voltar a gingar. Procurei o “Tio Renê” nas mídias sociais e pedi pra voltar a treinar com ele. Refiz o caminho de volta para aquele que me ensinou as primeiras gingas: tornei-me discípula do Mestre Renê Bittencourt e aquilombada na Associação de Capoeira Angola Navio Negroiro (ACANNE), encontrei representação de mandinga nos corpos negros de outras várias mulheres que compõe este quilombo. A ACANNE é um território de resistência étnico-racial e de gênero desde o ventre de Dona Sônia (mãe do Mestre Renê), que fez com que ele entendesse a importância do protagonismo feminino negro em todos os espaços,

inclusive na capoeira, algo que atravessa o posicionamento da ACANNE e consequentemente a minha formação.

Por fim, para que esta história não fique tão extensa, eu sempre fui muito curiosa. Sempre quis estar na área de educação. Mas não me identificava muito com o modelo atual estabelecido no Brasil. A minha vontade de pesquisar e escrever eram muito grandes, até mesmo quando eu estava no ensino médio, pensando em ser médica. Só que nunca entendia o que é que de fato eu poderia pesquisar. O que realmente faria sentido de ser escrito e falado. Até que, em uma das minhas aulas na UFBA, eu entendi que pesquisar e escrever sobre a coisa que mais movimentava minha vida, a capoeira, seria o caminho perfeito para trilhar a minha trajetória e contar o meu lado da história.

Na capoeira, o que mais me deixava mal era entender que geralmente eu era a única menina que estava ocupando esse espaço. Comecei a ler bastante sobre a presença da mulher na capoeira e percebi que era uma história muito maior do que eu pensava. Além desse da questão de gênero, uma outra coisa me incomodava: a questão racial era pouco debatida em âmbito acadêmico escrito. Não me sentia representada nas histórias que eram contadas.

Sendo assim, a partir de incômodos, ausências e a construção de narrativas que não me contemplam socialmente e na academia, por conta de uma estrutura racista e sexista, é que passo a pesquisar para escrever um pouco mais das nossas histórias, conciliando com a Educação, que é a ferramenta mais assertiva para fazer revolução.

Em espaços acadêmicos, sou Bacharela Interdisciplinar em Humanidades na Universidade Federal da Bahia. Formação esta, que me fez aventurar por diversas áreas de conhecimento e enriquecer meu repertório intelectual interdisciplinar. Seja através das leituras textuais ou das leituras e vivências de mundo. No Bacharelado Interdisciplinar (BI), tive a oportunidade de perceber que a pesquisa está imersa dentro da extensão. Estou estudante de Pedagogia (UFBA), mergulhando no mundo da educação. Os marcos da minha formação estão associados às atividades de extensão, principalmente as Ações Curriculares em Comunidade e sociedade (ACCs).

Na ACCS “Ações Curriculares em áreas de Reforma Agrária” pude pisar nas terras do Movimento Sem Terra (MST) em descidas a campo, trocando diálogos e aprendizados com as pessoas camponesas sob a orientação de Celi Taffarel e compreendi um pouco mais sobre as questões agrárias e a luta pela terra. A partir desse

entendimento empírico, refleti um pouco mais sobre como nossos territórios e tradições atravessam nossas identidades.

Seguindo o ritmo das ACCs fiz parte de dois semestres enquanto estudante e dois semestres na qualidade de monitora da ACCs “Mestres e Mestras das Culturas Populares e a Educação” tendo oportunidade de aprender em sala de aula da universidade com mestres e mestras das culturas populares, tais quais Mestre Bule Bule; Vovó Cici; As Ganhadeiras de Itapuã; Dona Gegê; Maria D’Ajuda (Uhitwé Pataxó); Mestre Felipe de Santo Amaro; Dona Salvadora e Dona Biu. Ouvir os ensinamentos compartilhados por essas/es mestras/es foram processos fundamentais de conhecimento para a dilatação dos meus olhares sobre a importância das nossas narrativas serem contadas por nossas/os mais velhas/os e escutadas por nós.

Outro componente curricular que enriquece muito o processo de construção desta pesquisa é a ACCs “Saberes e Fazeres das Culturas Populares na Educação” que tive a oportunidade de cursar dois semestres enquanto aluna e três semestres como monitora (e até tirocinista) com a orientação de Pedro Abib (Pedrão), aprendendo muito com as mestras e mestres, saberes e fazeres das culturas populares. Indo a campo para aprender com mestres e mestras como Mestre João do Boi, Mestre Zeca Afonso, Mestre Primeiro; Dona Dalva Damiana; Dona Nicinha (*In Memoriam*), Mestre Felipe de Santo Amaro; Dona Joca, Dona Biu e tantos outros nomes e vivências em manifestações culturais além do samba corrido, o samba chula, a capoeira, a ciranda, cacuriá e etc. Essas vivências estruturam as raízes dessa pesquisa por todo compartilhamento de memórias ancestrais que me ORientam² a pesquisar de corpo inteiro e respeitando as culturas populares e as suas éticas.

Além das ACCs, fiz parte do Programa “Projeto Griô: Memória e Cultura na Comunidade do Alto das Pombas”, um projeto de arte-educação que visa relacionar as dimensões de ensino, pesquisa e extensão. Neste programa tive a oportunidade de dar oficinas semanais de capoeira angola para as crianças da comunidade do Alto das Pombas (bairro de Salvador-Ba) e que ao longo deste texto, conheceremos um pouco mais sobre essa vivência. Desse espaço surgiram muitas inquietações e reflexões sobre capoeira, gênero e educação que são partilhadas e enriquecidas junto com o Grupo de Pesquisa Griô (Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia) e o Grupo

² ORI é uma palavra em Yoruba com um significado amplo e complexo mas que está relacionado com a cabeça, mente, inteligência, etc.

Gira (Grupo de Pesquisas em Culturas Indígenas, Repertórios Afro-Brasileiros e Populares) dos quais faço parte.

O movimento é o que nos ensina. Neste período, muitas coisas me movimentaram. Além de fazer parte do Grupo Griô, também faço parte do Grupo GIRA. O Grupo foi criado para reunir pesquisadores, estudantes dos diferentes níveis da formação acadêmica em dança e áreas afins, interessados em aprofundamento de estudos voltados aos saberes e fazeres das artes e culturas Indígenas, da diáspora africana, dos saberes populares; seus desdobramentos no campo artístico e suas mediações, performances e traduções na contemporaneidade.

Antes de ser aprovada no mestrado em Educação, eu tinha sido aprovada no mestrado em dança e vivenciei bastante esse espaço por 15 dias. No PPGDança (Programa de Pós-graduação em Dança), eu era orientada da grande referência Amélia Conrado. Assim, entrei para o GIRA e não quis sair mais. Neste ambiente, as pesquisas também dialogam muito com a minha porque o corpo em sua integralidade está ali o tempo todo sendo pautado e discutido. Muitas referências negras e dissidentes estão compondo minha experiência com esse “quilombo” acadêmico.

A entrada no mestrado aconteceu durante a pandemia COVID-19 no período de isolamento social. Por um lado, foi muito bom poder participar de eventos e cursos de organizações de outros estados. Por outro, a ausência física também desfavorece muito das vivências, trocas, olhares, relações... Destaco algumas apresentações importante como as apresentações orais sobre o processo de escrita da dissertação no “Seminário Corpas, Saberes e Territórios nas Artes e na Educação”, que foi organizado pelo Grupo de Pesquisa em Imagem, História e Memória, Mediação, Arte e Educação (GPIHMAE) e pelo Grupo de Estudos Egungun, ambos vinculados ao PPGArtes da Unesp; e na “Oficinária 27 – Chamada de Mulher: rodas de re-existência”, no 14º Congresso Mundos de Mulheres, que decorreu sob o lema “FeminismoS AfricanoS – Construindo alternativas para as mulheres e para o mundo através de um corredor de saberes que cuida e resiste”, realizado entre os dias 19 a 23 de Setembro de 2022, na Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo-Moçambique, do qual participei de forma online.

Este foi um período de grandes marcos para as minhas produções acadêmicas. Começando pela publicação de um capítulo em um livro. Um texto compartilhado com minha coorientadora Mestra Janja (Rosangela Araújo) no livro “Mulheres que Gingam:

reflexões sobre as relações de gênero na capoeira”. Uma experiência para ficar para vida toda e o desejo de escrever muito mais livros. As outras produções estão mais ligadas a publicações em anais de eventos como os artigos completos: “Rasteira na moralidade: dororidade e a história das mulheres na capoeira angola” publicado no “Anais do IX Congresso ANDA” e “Meninas Pretas e a Construção Identitária a Partir Capoeira: Ensino Aprendizagem na Comunidade do Alto Das Pombas” artigos que foram publicados em revistas.

Não posso deixar de agradecer ao fortalecimento primordial da CAPES que forneceu a bolsa de mestrado durante 19 meses. Este incentivo à ciência deveria ser um direito de todas as pessoas que fazem pós-graduação em universidades públicas. Estamos falando de um dinheiro que na verdade é para nossa sobrevivência, enquanto pesquisadoras/es e nada além disso. Duas coisas que me entristeceram foi o fato de que a bolsa da CAPES não sofria reajuste há 10 anos. Em um Brasil em crise e pandêmico, a inflação subiu em 70% durante³ este período. E o valor da bolsa acabava sendo insuficiente até para o básico. Precisei então procurar atividades profissionais que pudessem complementar a minha renda mensal.

O fato curioso de todo esse processo foi que a necessidade exacerbada de produção dentro de um sistema tão disciplinar, me fez entrar em um processo de adoecimento. Como contei para vocês acima, infelizmente, a bolsa não era suficiente para me manter, o que significou a busca por outros espaços que pudessem me dar estabilidade financeira. Trabalhos *freelancers* para complementar a renda acabavam tomando muito tempo da minha escrita e dedicação (que deveria ser exclusiva) do mestrado.

Além da questão da necessidade financeira, ler diversos livros, que não são apresentados como bibliografias das matérias que fiz, me fazia ficar com uma quantidade de conhecimento excessivo, mas que acabava não contribuindo tanto para a produção da dissertação em si. Os componentes curriculares faziam com que eu me sentisse (com o pesar da palavra) “burra”, por estar sempre percebendo que as temáticas debatidas por vezes distorciam bastante do que eu estava aprendendo no meu espaço de pesquisa: a capoeira. Era muito bom ler, por conta própria mulheres negras e pessoas com corpos

³ Fonte: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2022/03/23/Bolsas-da-Capes-e-CNPq-completam-9-anos-sem-reajuste>

dissidentes, mas essas leituras, ao contrário do que eu pensava, realmente conseguiam me deixar incomoda como as demandas são conduzidas.

A escritora negra americana bell hooks (p.95,2017) faz a seguinte reflexão: “Reforçando a ideia de uma cisão entre a teoria e a prática ou criando nessa cisão, ambos os grupos negam o poder da educação libertadora para a consciência crítica, perpetuando assim condições que reforçam nossa exploração e repressão coletivas”. Foi assim quando notei que o caminho que estava trilhando, de muita leitura e presença em muitos espaços acadêmicos estava me tirando o tempo e vontade de estar nesses espaços de capoeira, precisei fazer o percurso contrário. Estava faltando treinos de capoeira e me ausentando de um espaço que para mim é um dos espaços principais da minha vida e que inclusive dos tópicos à minha pesquisa. Perceber isso me doeu muito porque percebi o quanto é contraditório e solitário o processo acadêmico e acabam nos afastando dos nossos “quilombos”.

Assim, decidi ir para campo. Não se tem escrita sem história e, nesse caso, sem vivência. Foi quando me afastei um pouco da academia e foquei na capoeira que a lógica mudou. Me senti improdutiva, por mais que estivesse presente no quilombo, sem faltar nenhum treino. Mas toda a vivência em comunidade, os aprendizados com as gingas, com os corpos das outras mulheres do meu grupo, as falas do meu mestre... tudo foi se somando como um grande semestre informal e superprodutivo, a nível de conhecimento e revitalização pessoal. Como dizemos lá na ACANNE: “capoeira cura”.

Dentro dessas experiências fora das quatro paredes brancas da academia, venho aprendendo muito sobre a necessidade de contarmos nossas próprias histórias. Por isso, ousei em iniciar este registro contando todas estas histórias. Esta escrita não será imparcial quando falo de algo que está entranhado nas veias da minha trajetória e que perpassa esse sangue que é de tantas mulheres negras que não podem contar suas histórias. A pesquisadora norte-americana, Gloria Anzaldú (2001) me fez lembrar o porquê da escolha de assumir a responsabilidade de escrever e deixar o registro escrito das nossas existências.

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e

consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever. (ANZALDÚA. 2001, p.232)

Tal qual Anzaldúa, tenho muitos motivos para escrever e me identifico muito em cada verso desse trecho. Pensando em registrar “o que os outros apagam”, a escrita desta dissertação se faz todo em primeira pessoa. Para que nossas histórias, de mulheres negras angoleiras, como eu, possam ser contadas por nós mesmas. Tal qual a o conceito cunhado pela escritora negra brasileira de Minas Gerais, Conceição Evaristo, em uma entrevista para o NEXO JORNAL:

A nossa “escrevivência” conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva, justamente para acordar os da Casa Grande. [A escrevivência] seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. [...] A minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. (EVARISTO, 2017)

Contaminada por estas realidades, escrevo. Atualmente, nota-se que existe um movimento de fortalecimento das mulheres como protagonistas da capoeira. Entretanto, os registros acadêmicos se voltam para escritas de mulheres brancas ou homens brancos. Nessa perspectiva, a iniciativa é de tentar encontrar respostas (ou mais questionamentos?) sobre as narrativas das mulheres negras na capoeira angola e quais são as narrativas corporais que angoleiras pretas trazem atualmente. Compreendendo a capoeira como um espaço de educação não escolar e a presença feminina como um desafio na construção desses espaços, pretendemos saber: quais as influências das memórias ancestrais nos corpos de mulheres negras que praticam a capoeira e como tais saberes redundam em práticas educativa?

Por necessidades ancestrais, sinto (literalmente na pele) a importância de aprofundar essa pesquisa no âmbito acadêmico. É urgente pautar a narrativa feminina negra que ainda não está sendo, neste espaço, apresentada com a ampliação essencial de narrativas. Esta escrita perpassa, integralmente, as vivências do meu corpo:

Trata-se de uma escrita muito verdadeira porque, partindo do corpo e envolvido na vivência daquilo que diz, assim como as escrituras oriundas da tradição oral - de modo especial a literatura oral africana -, manifestam-se em uma linguagem intimamente viva e potente, que toca quem a recebe de maneira imediata por falar ao corpo inteiro, via corpo. (PETIT, p. 66. 2015)

Carrego uma alegria por já existirem trabalhos que tecem sobre essas

perspectivas e valorizo suas potências, mas ainda existem muitas lacunas nesses registros que quero trazer nesta pesquisa, como por exemplo, a análise das quatro mulheres negras de Salvador e um estudo escrito por mulher negra soteropolitana e angoleira.

Sendo assim, esta produção busca refletir com base no levantamento bibliográfico a história da mulher negra na capoeira angola; participar de espaços de capoeira angola em que essas quatro mulheres estejam, a fim de registrar suas experiências da memória corporal e problematizar o corpo e as narrativas de mulheres negras angoleiras enquanto instâncias de produção de conhecimentos.

A pesquisa é construída a partir dos pressupostos de uma abordagem qualitativa. O processo metodológico foi construído a partir de uma ótica interdisciplinar que congrega elementos da etnometodologia, da autobiografia e da pesquisa participante.

A pesquisa qualitativa, com isto, considera as contingências, complexidades e variáveis postas no desafio dos casos escolhidos. Há um olhar sensível ao contexto social e as interpretações da pesquisa são fruto de um diálogo de textos de quem participa da pesquisa e de quem a conduz. Há, desse modo, uma leitura da realidade social implicada, e não passiva. Tem-se como objetivo construir por meio da ação empírica um estudo que demonstre que espaços produtores de educação - ainda que não formal - fortalecem as identidades culturais dessas mulheres angoleiras negras e suas comunidades.

Segundo Hammersley (2012), a pesquisa qualitativa tem algumas características básicas. A primeira delas como o pesquisador se orienta: de modo flexível e baseada em dados, ressaltando o desenvolvimento descritivo. Faz a opção pelas explicações ao invés de testar hipóteses. Isso faz com que as categorias de análise são construídas ao longo da pesquisa e não de forma pré-concebida.

A segunda é como os dados não são estruturados em sua totalidade, porque há uma preocupação maior em se compreender e não em quantificar. A coleta de dados acontece de diversas formas como entrevistas, documentos, informações online, escritos pessoais, entre outros. É uma pesquisa criativa e desafiadora, nesse sentido. Outra característica é o estudo de configurações “naturais”, isto é, diferente das pesquisas experimentais que têm seu desenvolvimento em ambientes preparados para tal, como laboratórios, a pesquisa qualitativa está exposta a ambientes imprevisíveis.

Dentro desta concepção, o objetivo é investigar, através das narrativas em corpos

de mulheres negras (de Salvador-Ba e Ilha de Itaparica), as influências das memórias ancestrais por meio da capoeira angola e como tais saberes redundam em práticas educativas. Para tal, foi necessário como ação inicial, o levantamento bibliográfico sobre a história da mulher negra na capoeira angola. Após essa compreensão básica, participar de espaços de capoeira angola com mulheres negras que tenham tempo e cargos (de capoeira) diferentes, para tentar compreender as nossas diversas vivências e suas multiplicidades. Problematizando assim, o corpo e as narrativas dessas narradoras enquanto instâncias de produção de conhecimentos.

Para Pedro Demo (1987) uma entrevista pautada na qualidade e espontaneidade vai além da catalogação de informações. Assim, para registrar suas experiências, um dos procedimentos metodológicos adotados para este estudo serão as entrevistas. Estas se baseiam no rigor metodológico, mas também na autonomia das narradoras da pesquisa. As entrevistas não podem centrar-se apenas no momento marcado, datado, chamando de “entrevista”. Esta deve ser processual e espontânea que possibilitará a emergência de escrivências e reconstrução de narrativas de vozes e corporalidade de mulheres pretas.

A pesquisa será participante por entender que a minha identidade contempla a realidade das pessoas que são *locus* dessa pesquisa. Assim como também os fundamentos que são trazidos por Macedo (2009), entendendo que a pesquisa pode ser produzida em espaços de conhecimento de âmbito heterogêneo e da capacidade de escrever e discorrer sobre assuntos diversos. Assim, a busca é pelo diálogo corporal, jogar e trocar saberes e fazeres da capoeira com essas mulheres. Durante as entrevistas que serão espontâneas, tentaremos compreender, através das narrativas, como a capoeira ensinam estratégias e percepções de sobrevivências. Essas movimentações de entrevistas não serão apenas com perguntas orais, mas também através da linguagem da capoeira: treinos, jogos, músicas e afins.

Arquiteto esse passo a passo de método de pesquisa, me referenciando no que é proposto por Macedo (2009) em produzir conhecimentos a partir de vivências culturais que não sejam “acadêmicas”, buscando sair das limitações que é estar dentro dessa perspectiva. A pesquisa e vivência é aplicada com cinco mulheres negras praticantes da capoeira angola de Salvador (Bahia). As participantes, de início, seriam apenas cinco mulheres, cada uma representando uma idade/hierarquia na capoeira. Entretanto, ao longo da construção da pesquisa que foi feita, em sua maior parte, durante a pandemia de COVID-19; A imersão da investigação, por ser durante a pandemia, limitou bastante as

possibilidades de encontro e de afinidade com os processos e por questão de disponibilidade e qualidade da pesquisa tornou-se mais prático e possível ter as narrativas focalizadas em quatro mulheres.

Mesmo assim, fiz encontros com mulheres que pudessem representar os diversos níveis de hierarquia da capoeira contando respectivamente com: mestra, contramestras, e alunas (com mais de 5 anos de capoeira), além de pensar a parte afetiva em relação a essas mulheres que são: Mestre Jacararaca, Contramestra Brisa do Mar (Grupo Angoeiros do Mar), Larissa Almeida e Jessica Paranaguá (ambas angoleiras da Associação de Capoeira Angola Návio Negreiro - ACANNE).

Busquei compreender e compartilhar os saberes e fazeres das mulheres negras que são angoleiras em Salvador. Dessa forma, farei análises das construções discursivas da vida dessas pessoas, pensando - de maneira interdisciplinar e interseccional – sobre a influência da capoeira angola na vida de nós mulheres pretas enquanto guardiãs de memórias ancestrais e promotoras de saberes que contribuem para formação educativa.

Muitas reflexões me invadem gerando inquietações para esta pesquisa. O título se dá a partir de uma canção da capoeira que sempre me emociona: “Maria Conga, esse quilombo é nosso, esse quilombo é meu é seu, esse quilombo é NOSSO”. Toda vez que esta música toca na roda arrepios, arrebatem meu corpo me convocando para a lembrança de que podemos e devemos estar e ocupar todos os espaços e a força que tem a letra com poucas palavras. Segundo relatos orais advindos dos mestres e metras da capoeira com quem fui tendo contato e perguntando sobre esta personagem presente nas cantorias, fui informada que Maria Conga foi uma liderança quilombola e que representou muito a resistência. Tudo a ver com a proposta dessa nossa investigação empírica.

Neste processo de investigação, não temos a intenção de abranger toda a diversidade de mulheres pretas capoeiristas na cidade de Salvador, buscamos desenvolver compartilhamentos com cinco mulheres e registrar os aprendizados e vivências entre mim e as participantes.

No primeiro capítulo, intitulado "Nem tudo que reluz é ouro" apresento a revisão de literatura que compõem a dissertação, procurando aprofundar as temáticas fundamentais para o estudo. O capítulo é composto por três subcapítulos, sendo eles: **“Rasteira na Educação”, “Mulher Preta tem história” e “O diabo mora nos**

detalhes” onde são abordados, respectivamente, reflexões sobre a estrutura da educação e sua relação com a capoeira angola e as questões sobre ancestralidade, corporalidade e oralidade; Efetuo uma contextualização de questões intersseccionais e um apanhado histórico sobre a mulher negra na capoeira angola; bem como o estado da arte das produções realizadas até então sobre mulheres negras na capoeira angola.

O segundo capítulo foi dedicado para as entrevistas não estruturadas com as participantes desta pesquisa. Recebendo o nome de “Bibliotecas vivas da capoeira”, esta parte da dissertação apresenta a contextualização para a escolha dessas cinco mulheres pretas participantes. Quem são essas mulheres participantes da pesquisa e o que aprendemos juntas nos subcapítulos: **“Mestra Jararaca”**; **“Contramestra Brisa do Mar”**. Em cada subcapítulo são apresentadas as vivências com cada uma, aprendizados e reflexões a partir de cada encontro.

O terceiro é intitulado de “Guerreiras de Zion”, onde serão abordadas as experiências com duas mulheres que compõe a ACANNE e que também estão no espaço formal educativo enquanto educadoras da área de história. Essas trocas serão divididas em três subcapítulos: **“Larissa Almeida: preta angoleira”**; **“Jessica Paranaguá: fazendo história”** e **“As encruzilhadas de ser quem nós somos”**. Neste último, proponho uma reflexão sobre os aprendizados que destaco durante o processo de pesquisa.

Nas conclusões apresento uma análise do alcance da pesquisa à luz dos objetivos propostos. Efetuo uma análise do método empregado e procuro realçar as contribuições deste estudo para a produção de conhecimento científico e social, especialmente no campo da educação, bem como as limitações do trabalho e as oportunidades para estudos futuros.

Dentro deste contexto, este trabalho procura fazer uma contribuição na área de educação e também contribuir para o protagonismo das mulheres negras dentro da pequena roda (a capoeira) e a grande roda (a vida), podendo também servir de inspiração e material agregador para produções teóricas de outras produções científicas e compartilhamentos sociais.

CAPÍTULO 1

1. NEM TUDO QUE RELUZ É OURO

Neste capítulo a proposta é fazer uma revisão de literatura visando apresentar uma compreensão acerca do que foi lido e estudado para que a dissertação pudesse ser escrita. O fio epistemológico que escorre por essas gíngas de conhecimento perpassam os conceitos básicos e as reflexões iniciais para que entedamos juntas/os/es as estruturas propostas de reflexão. O título do capítulo vem de um “corrido”⁴ que diz “Nem tudo que reluz é ouro e nem tudo que balança cai”. É importante começar dessa forma porque precisamos desmistificar alguns paradigmas para entender a linha de raciocínio desse fio epistemológico.

Por exemplo: não é sempre que $2+2$ são 4. Em uma aula com o angoleiro Eduardo Oliveira ele nos contou sobre um homem (africano e pesquisador da Etnomatemática) que dizia que, em sua cidade, quando se contava $2+2$ o resultado é 5, porque nessa conta também se inclui a pessoa que está calculando. Isso foi uma virada de chave nas concepções pré estabelecidas que eu vinha trazendo. Falo isso porque, seduzida pelos modelos de educação não formais tive que, para escrever esta dissertação, quebrar também padrões que eu já construía do universo educacional e também da cultura.

Para o historiador negro americano Carter G. Woodson (2021) “há complexidade para questionar as opressões sendo educada pelos opressores”. Isso é muito real. Nós negras/os/es fomos educadas por um sistema que nos lembra a todo momento a “insignificância” da pessoa negra. As escolas tendem a ser espaços em que nos convencemos da nossa inferioridade, cumprindo assim a proposta de fazer com que as pessoas negras se identifiquem com uma imagem negativa do seu povo. A plenitude da originalidade do povo negro permanecerá inalcançável enquanto seus esforços, aprendizados e atitudes estiverem sendo direcionados por aqueles que, socialmente, o excluem.

Convoco vocês, minhas e meus caras/os leitoras/es para deixar o ensino do opressor de lado e pensar uma (des)educação. Esta escrita é pensada para que pessoas como eu, como minha mãe, minhas primas, possam se sentir representadas e presentes na leitura. Rompendo, de tal forma, alguns padrões de escrita e e (des)orientada tal qual propõe Woodson:

Os Negros, no entanto, não avançarão muito se continuarem a desperdiçar

⁴ modelo de canção da capoeira curta de pergunta e resposta

sua energia injuriando aqueles que os desorientam e os exploram. Os exploradores da raça não são tão culpados como a raça em si. Se os Negros persistirem se deixando tratar dessa forma, sempre encontrarão alguém à mão que se imponha a eles. A questão é aquela que repousa em grande parte com os próprios Negros. A raça se libertará dos exploradores assim que decidir fazê-lo. Ninguém mais pode realizar essa tarefa para a raça. Ela deve planejar e fazer por si mesma. (WOODSON, p.77, 2021)

Todo o processo da pesquisa e escrita dessa dissertação foi um constante desafio de “(des)educação” da minha compreensão de mundo e da forma como poderia estruturar os aprendizados dentro de um padrão ocidental, branco e patricarcal de produção de conhecimento.

1.1 Educação e capoeira angola

Depois de entender a importância de nos (des)educar dentro de um sistema que não nos contempla, também faz-se necessário pontuar a relação dessa (des)educação com as filosofias da capoeira enquanto uma manifestação cultural que discorre sobre a história africana e afro-brasileira. Ela é uma manifestação de resistência desde sua raiz. Este território cultural e ancestral precisa ser lido também, através da sua dimensão educacional. A capoeira angola é uma forma de ver o mundo através do corpo, da ancestralidade, da formação de identidade, da educação e tantas outras perspectivas.

A Capoeira é uma manifestação que surge como instrumento de libertação do povo preto escravizado. O princípio da ginga, o negar para atacar, que está presente na prática da capoeira é sua principal filosofia. A manha, a mandinga, o jogo do corpo, mas também a malícia executada na mente, aquela de sobreviver na adversidade e transformar ao seu favor, é principal fundamento da capoeira. A resistência de lutar sorrindo, o segredo é conseguir aprender a colocar isso tudo na roda da vida. (PARANGUÁ, p.28. 2021)

Como bem pontuado por Jéssica Paranguá, a angola é um processo contra hegemônico de estruturação de vida e posicionamento social. Ela tem uma linguagem diferente da que foi posta pelos colonizadores, é uma movimento de rebeldia a colonização e tantas formas de opressões datadas. É entre os movimentos e articulações intelectuais de vivência, prática e tradição que a capoeira consegue consolidar uma nova estética de aprendizagem.

Oliveira (2007), filósofo já citado por aqui, interpreta a capoeira enquanto uma filosofia de vida que nos ensina sobre a educação nos seus mais puros valores: o lúdico; o mistério; a vivência; a alteridade. Valores estes que inserem no corpo uma projeção de vida fundamental para a ética e sobrevivência.

Eduardo Oliveira (2007), faz a leitura da capoeira angola como sendo uma semiótica de leitura do mundo. Esta leitura se dá a partir do corpo, do mito e de algumas

linguagens de movimentos da própria capoeira, como por exemplo a ginga. Neste texto, é discorrido a partir das vivências do autor na capoeira angola, o que ele percebeu, a partir do seu corpo, como sendo ensinamentos que a capoeira pode oferecer a partir da experiência. Dessa forma, ele utiliza dos movimentos básicos como analogia para compreensões de filosofias de vida:

Não dá para ser angoleiro e manter a mesma atitude retilínea diante da vida. Não dá para ser angoleiro se seu corpo e mente não sofrerem transformações significativas, o que equivale a dizer que apenas forja-se capoeirista no momento em que suas atitudes testemunham isso de diante do mundo. A capoeira angola não é um mero jogo de corpo; ela é um modo de responder as demandas que a vida oferece (OLIVEIRA, p.170, 2007)

Durante esta jornada de escrita, tive a oportunidade de, mais uma vez, ser aluna de Eduardo Oliveira na matéria “TE - filosofia contemporânea: a perspectiva latino-americana e africana” e tivemos alguns momentos da prática educativa dele que dialogamos justamente sobre esse aspecto. Um dos momentos foi quando durante a aula “Duda” propôs que a gente desse as mãos em roda e uma pessoa ficasse girando no meio até que pudesse perder o “controle” e ficasse tonta. Uma das coisas que dialogamos foi que quando ficamos girando e enfim paramos, existe um estado de incomodo, de desequilíbrio. Relacionamos isto com o movimento da terra, que é algo natural e que a gente, praticamente, não percebe, mas que é um movimento necessário.

Lembramos da infância e da importância de estar em movimento. Testamos isso no nosso próprio corpo e é um pouco também do que Eduardo aborda sobre suas percepções em relação a capoeira. A ginga, por exemplo, é um movimento contínuo de “falta de controle” e desequilíbrio. É deixar o corpo tomar seu rumo, ir para um lado, ir para o outro... ou seja, “Duda” nos presenteou com uma reflexão que é basicamente entender que os saberes e fazeres que somamos nas gingas da capoeira também podemos levar para a vida. Congrego, a partir dessa vivência, com a reflexão de Vanda Machado (p. 86, 2017) sobre corpo-território: “[...] Aí muitas vezes só o corpo fala num ritmo marcado, captando o seu vínculo com a totalidade do ser porque só o corpo inteiro nos serve de orientação. É comum ouvir-se das pessoas mais velhas: ‘antes de escutar os outros, primeiro escute a sua cabeça’. É o momento do corpo-território.”

Seguindo na ginga das reflexões, trago que Abib (2006) reforça conceitos que interpelam os processos de aprendizagem essenciais para a sobrevivência e luta social, como a ritualidade, a oralidade, o tempo circular e os saberes ancestrais. No universo da capoeira angola, o tempo de aprender transcende as categorias lineares presentes nas

sociedades ocidentalizadas, adotando uma concepção temporal intrinsecamente ligada à tradição afro-brasileira. Essa perspectiva singular do tempo reflete a profunda conexão entre os praticantes e a natureza que os envolve. Em seu depoimento, mestre Moraes enfatiza que o tempo necessário para absorver o conhecimento da capoeira é ditado pela própria natureza, e, como tal, deve ser respeitado.

Essa abordagem única para a aprendizagem ressoa com os princípios fundamentais da capoeira angola, que valoriza não apenas o domínio das técnicas físicas, mas também a compreensão mais profunda da cultura e da história afro-brasileira. A capoeira transcende o simples treinamento físico; ela incorpora uma visão de mundo que honra a interconexão entre os seres humanos e a natureza. Nesse contexto, o tempo de aprender torna-se uma manifestação da harmonia entre o indivíduo e seu ambiente, destacando a importância de respeitar os ritmos naturais da aprendizagem e do crescimento:

Nesse contexto, o tempo de aprender torna-se um outro tempo. Não pode ser estipulado nem demarcado segundo as categorias presentes nas sociedades ocidentalizadas, que o delimitam dentro de uma concepção linear aqui já analisada. A concepção de tempo orientada pela tradição afro-brasileira, é uma das características mais marcantes dos processos de aprendizagem presentes no universo da capoeira angola. Perguntado sobre o tempo necessário para se aprender capoeira, responde mestre Moraes em seu depoimento: “O tempo para o africano, o tempo necessário para absorver o conhecimento...é... o tempo necessário para absorver o conhecimento ! Somos parte da natureza e a natureza é que rege o nosso corpo...o tempo de aprender é o tempo da natureza de cada um...e tem que ser respeitado! (ABIB, p. 184.2017)

Um parêntese importante de ser feito é que nessa minha trajetória de pesquisa e de vida eu tenho tido a oportunidade de estar perto das minhas referências. “Pedrão” Abib, como já trouxe anteriormente, foi meu orientador antes mesmo de assumir este cargo no mestrado. Desde 2018 tenho oportunidade de viver as culturas populares a partir da guiança dele. Então, as teses que ele traz em seus livros eu tenho tido a oportunidade de viver também na sua prática pedagógica. Gosto de pensar sobre isso, porque essas pessoas que trago como referência bibliográfica que conseguem relacionar a capoeira angola diretamente com a educação são pessoas que estão sentando na roda para aprender tal qual estão nas salas de aula (da vida) para ensinar. Isso por si só já apresenta um pouco de como a capoeira rotaciona algumas perspectivas sobre o ensino e aprendizagem.

Retomar ao outro ponto muito interessante trazido por Pedro Abib (2006) como pilares da capoeira angola. Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um

testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra. (BÂ, p. 168, 2010). Na tradição oral da capoeira angola, esta reflexão ecoa como um tributo à sabedoria transmitida verbalmente e à essência da palavra falada. Ressaltamos o poder da oralidade em culturas em que a tradição não é registrada por escrito, mas sim preservada e propagada através do testemunho verbal. Essa característica ressoa com a importância da palavra e da oralidade na manutenção da coesão e identidade de uma sociedade. Destacamos a essência vital da palavra e da comunicação, sustentando os pilares da capoeira angola.

A riqueza presente na cultura e tradição oral está onde a palavra é um elo essencial na construção e preservação dos conhecimentos transmitidos ao longo das gerações. Isso se alinha ao cerne da capoeira angola, onde a oralidade é um veículo primordial para a disseminação não apenas das técnicas, mas dos valores, costumes e da identidade de um povo. A partir da palavra, canto e, principalmente, do corpo. Entre as nações modernas, onde a escrita tem precedência sobre a oralidade, onde o livro constitui o principal veículo da herança cultural, durante muito tempo julgou-se que povos sem escrita eram povos sem cultura. Felizmente, esse conceito infundado começou a desmoronar após as duas últimas guerras (BÂ, p.168. 2010).

Faz-se necessário destacar que quando enfatizamos a oralidade e a força da palavra estamos pontuando a oralidade das culturas populares. A oralidade que é guardiã da memória ancestral e firmemente associada a vivência e prática da vida cotidiana. Paulo Freire (1981), por meio de seu emblemático pensamento, destaca a importância de uma educação vinculada à experiência vivencial, rica em ações concretas. A palavra descontextualizada e dissociada da realidade, apesar de sua riqueza, não é suficiente para o desenvolvimento crítico do indivíduo. Freire nos convida a reconhecer que o aprender genuíno está intrinsecamente ligado à prática, à experiência do fazer. A aprendizagem se enriquece quando o educando se envolve em atividades concretas que o conectam à realidade e promovem o desenvolvimento de sua consciência crítica. Assim, ele destaca a importância de uma educação que transcende o discurso vazio e abraça a vida prática como um caminho essencial para a democratização e formação do indivíduo:

Não seria, porém, com essa educação desvinculada da vida, centrada na palavra, em que é altamente rica, mas na palavra 'milagrosamente' esvaziada da realidade que deveria representar, pobre de atividades com que o educando ganhe a experiência do fazer, que o desenvolveríamos no brasileiro a

criticidade de sua consciência, indispensável à nossa democratização.
(FREIRE, p. 94. 1981)

Dando continuidade a essas gingas de análises, convoco aos pés do berimbau a Rosângela Araújo (2015), mais conhecida como Mestre Janja, que carrega duas carreiras intimamente conectadas com a educação: mestra de capoeira e professora acadêmica para nos ajudarmos a pensar mais sobre a relação da capoeira angola e a educação. Na verdade, não são termos que deveriam estar separados. A sabedoria das mestras na capoeira angola, como expressa na fala de Mestre Janja, vai além da técnica, dos movimentos e da musicalidade. A experiência das mestras da capoeira é rica em elementos pedagógicos, incorporando conhecimento, cultura e valores que ultrapassam as barreiras do simples ensinamento formal. É neste universo em que a capoeira se enraíza como uma prática aglutinadora, holística e vivencial, carregada de significados mitopoéticos que desafiam o racismo estrutural:

Os nossos achados indicam a crença num modelo educativo, aglutinador, holonômico. Diferente também é a visão destes sobre os sistemas oficiais de educação, ainda quando anunciando um novo olhar sobre a chamada diversidade, e nesta, dos sujeitos enquanto produtores de conhecimento. Mais que um emblema ingênuo da mitológica democracia racial, a vivência nestes grupos pode ser considerada uma construção conjunta e mitopoética do anti-racismo, nas suas expressões de corporeidade (ARAÚJO, p. 12. 2015)

Na capoeira angola, os conhecimentos são construídos através da vivência, não se limitando apenas à técnica ou movimentos específicos. As mestras, guardiãs de tradições ancestrais, atuam como agentes educacionais holísticos, indo além dos modelos convencionais de ensino. Essa vivência conjunta na capoeira não apenas desafia a superficialidade da democracia racial, mas também se torna um manifesto contra o racismo, principalmente por meio das expressões corpóreas que rompem as barreiras das formas tradicionais de educação. Assim como Araújo (p.75, 2015), que aborda a capoeira historicamente sendo uma ciência que preserva saberes de resistência: “É o que o Mestre Pastinha sempre se referia à capoeira como uma ciência, e a Capoeira Angola como sendo um patrimônio sagrado desta Ciência.”Esses/a autores e autora tem em comum nos seus escritos o entendimento da capoeira enquanto espaço de formação não escolar que nos prepara para a vida e seus desafios. A Mestre Janja neste escrito apresenta uma concepção histórica da década de 80-90 com foco em angoleiros baianos. Associando intimamente todo esse processo com as questões raciais (que nunca deveriam ser desassociados de análises sobre capoeira). Nesta perspectiva ela apresenta como a musicalidade e os outros

saberes da capoeira podem ser considerados como ferramentas de resistência. Saberes que interpelam nos valores vitais:

Esta concepção retomou em nós também o sentido infinito que os mestres atribuíam à capoeira enquanto uma ‘filosofia de vida’, ou seja, a crença de que cada um carrega consigo a sua busca de definição para o ser capoeirista, o que indubitavelmente passa pela formação e uma consciência calcada em afirmação e afinidade onde, ao se descobrir, descobre também o Outro e o seu entorno. (ARAÚJO, p. 75, 2015)

Não há mais dúvida de que a sabedoria transmitida pelas/os mestras/es de capoeira desempenha um papel essencial na compreensão da educação, que vai muito além do conhecimento formal. A capoeira angola, com suas tradições ricas e multifacetadas, oferece um vasto conjunto de possibilidades para expandir essa educação factual. As diversas expressões presentes nesse universo tornam os participantes verdadeiros políglotas da experiência, comunicando-se de maneiras plurais, incluindo além das linguagens verbais, a expressão integral do Ser. Araújo (2015) revela o caráter complexo e diversificado da educação presente na Capoeira Angola, que transcende os limites convencionais de aprendizado. Ao mergulhar na multiplicidade de linguagens presentes na prática da capoeira, os envolvidos se tornam leitores políglotas, capazes de compreender a totalidade e a profundidade da expressão do ser para além do âmbito verbal e linguístico. Assim, através das tradições e experiências da capoeira, expande-se a educação de forma holística e abrangente, oferecendo uma compreensão mais vasta do mundo e do ser:

Ao tomarmos o desvendamento do ser enquanto processo de ampliação desta educação fática, reconhecemos que as tradições da Capoeira Angola podem contribuir com uma infinidade de vieses cabíveis a esta compreensão. Sua multiplicidade de linguagens, conduzidas simultaneamente, faz das pessoas envolvidas ‘leitores políglotas’ em condições de comunicar, articulando círculos ad-linguísticos e totalizados na própria exposição do Ser. (ARAÚJO, p.95. 2015)

Retomando aos conhecimentos freiriano, a Educação Bancária (FREIRE, 1987) tem se firmado cada vez mais na educação formal. Trata-se de um modelo de ensino que se apresenta com uma aprendizagem arbitrária, ideológica e moral, de construção social que se organiza como um instrumento de opressão e na necessidade de hierarquização de poderes em relação aos compartilhamentos de aprendizados. Contrário à Educação libertadora, problematizadora (FREIRE, 1987), que busca a educação a partir das ações e reflexões, em que a construção do saber é feita em conjunto de forma horizontal e o conhecimento não é o resultado final e sim o processo educativo com propósito crítico.

A capoeira ginga enquanto espaço formativo não escolar e se multiplica na perspectiva freiriana da educação libertadora. Enquanto na educação bancária as individualidades das/os sujeitas/os não são trazidas como ferramentas fundamentais de produção e/ou compartilhamento de aprendizados, na capoeira (enquanto educação libertadora), a individualidade é um instrumento de preservação ancestral através dos jogos de corpo, ginga e mandinga.

Ao deslegitimar o processo individual, o contexto social e a ancestralidade das/dos educandas/dos, a educação bancária consegue manter o fluxo histórico de alienação dos indivíduos. Assim, contribuindo para a repercussão da mediocridade em relação às demandas que partem de matrizes tradicionais, populares e ancestrais. Em processos educativos libertários, a manutenção da memória ancestral, enquanto metodologia de resistência, é fundamental na formação, tal qual vemos presente na capoeira. Assim como é trazido por Paulo Freire:

Ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando. Não trabalhamos com ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para pensar autêntico, porque recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado de busca de algo que existe, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção. (FREIRE, p.96. 1981)

A educação bancária está imbricada no ventre dos processos educacionais eurocêntricos que menospreza qualquer realidade que fuja do “padrão” universal construído. Como bem traz o pensador estadunidense, Molefi Kete Asante (1991): “O eurocentrismo impõe suas realidades como sendo ‘universais’, isto é, apresentando o branco como se fosse a condição humana, enquanto todo não branco é visto como um grupo específico, por conseguinte, como não humano”. (ASANTE, 1991, p.171)

Neste cenário de não humanizar pessoas não brancas, existe também um processo de silenciamento do corpo. Na educação bancária, considero que existam processos que são como comer “camarão”, só que ao contrário. Quando as pessoas comem o camarão tendem a tirar a cabeça e ficar com o corpo, não é mesmo?! Nessa educação ocidental o padrão é o contrário. Da-se atenção às nossas cabeças e fazem o esquecimento do restante do corpo.

Uma das coisas que eu estava dizendo é que, como mulher negra, sempre tive aguda consciência de presença do meu corpo nesses ambientes que, na verdade, nos convidam a investir profundamente numa cisão entre mente e corpo, de tal modo que, em certo sentido, você está quase em conflito com a estrutura existente, por ser uma mulher negra, quer professora, quer aluna. Mas, se você quiser permanecer ali, precisa, em certo sentido, lembrar de si

mesma – porque lembrar de si mesma é sempre ver a si mesma como um corpo num sistema que não se acostumou com a sua presença ou com a sua dimensão física (HOOKS, p.181, 2017)

Esta é uma reflexão recorrente no entendimento de autores negros e negras. O incomodo com o processo de educação que coloca a cisão do corpo e mente como protagonistas de metodologias e didáticas para o compartilhamento de conhecimentos. As reflexões de Muniz Sodré (p.12. 2014) no trecho procedente: “Ou seja, nós não “temos” simplesmente um corpo, já que ‘somos’ igualmente um corpo. Entenda-se: não há a consciência supostamente sediada no cérebro e o corpo como seu objeto, pois a consciência é uma operação que se realiza em toda parte do corpo. A consciência é corpórea”.

A ideia da atenção a consciência corpórea é um dos pilares da capoeira. Para efetivarmos os movimentos e entender o dialogo corporal que existe nos jogos, antes de mais nada precisamos está muito conscientes de cada musculo do nosso corpo. E não só isso... conciliar a poesia que é versar com corpo e mente para alinharem para um jogo assertivo. Essa condução da corporalidade por si só já é uma maneira ativa de desconstruir com uma lógica engessada da produção de conhecimento sem movimentos, como bem traz a escritora bell hooks:

Acho que um dos incômodos silenciosos que rodeiam o modo como um discurso sobre raça e gênero, classe social e prática sexual perturbou a academia é exatamente o desafio a essa cisão entre mente e corpo. Quando começamos a falar em sala de aula sobre o corpo, sobre como vivemos no corpo, estamos automaticamente desafiando o modo como o poder se orquestrou nesse espaço institucionalizado em particular. A pessoa mais poderosa tem o privilégio de negar o próprio corpo. (hooks, p. 183, 2017)

Tal processo anula diversas possibilidades de produção de conhecimento entendendo nosso corpo integral como potência de saberes. Entramos e saímos de salas de aulas e nos mantemos sentadas/os/es em cadeiras que malmente cabem nossos corpos. Não é exercitado nada além dos sentidos necessários para ficar recebendo informação de alguém. Assim como é trazido pelo filósofo carioca negro, Renato Nogueira:

A filosofia afro-brasileira pode ser um grande exercício crítico. Por exemplo, a Escola - enquanto instituição formal – parece pressupor uma hierarquia entre razão e a emoção, uma cisão entre a *cabeça* e o *corpo*, alguma coisa que vários filósofos ocidentais, tal como fez Nietzsche, têm criticado: um esquecimento do corpo. Vale lembrar que esse esquecimento tem, na própria tradição filosófica ocidental, a sua elaboração e seu desenvolvimento. (NOGUERA, 2019, p.94 e 95)

Apesar de que, seria leviano pesquisar a educação pensando apenas a lógica de ensino ocidental. Percebo que dentro das estruturas sociais, nossos povos veem, desde sempre, encontrado formas muito potentes de sobrevivência através dos ensinamentos entre as gerações. Entre a prática cotidiana. Por vezes, esses valores educativos não são

lidos enquanto saberes. Digo isto até mesmo por um erro meu. Passei boa parte desta pesquisa investigando as infiltrações, erros e “mofos” da educação formal, a ponto de não perceber que a pesquisa precisava ser enxergada e potencializada a partir de outra ótica. Resolvi sair um pouco do âmbito acadêmico e dar um rolê ⁵de deslocamento de perspectiva. A primeira coisa que percebi e que tem muito a ver com o que aprendo na capoeira é o aprendizado contínuo com a vida. A capoeira ensina como se posicionar na vida e a vida ensina como usar da capoeira pra viver. É uma coisa linda e está nos detalhes cotidianos.

Busquei descobrir os signos presentes nesses “detalhes” e uma das primeiras coisas que pude observar foram os aprendizados que tenho com minha mãe (Márcia Oliveira) e que não necessariamente ela me disse algo para explicar sobre valores sociais. Ela mesma, em sua existência, com sua conduta e senioridade me ensina sobre liderança, força, ginga... Vejo nela a luta de minha avó, que fez tudo para que seus filhos não tivessem fome. Vejo em minha mãe um potencial e interdisciplinaridade que a capoeira me ensinou a enxergar e antes, não tinha maturidade para entender. Na capoeira não vamos ter disciplinas com conteúdo estruturados de um determinado assunto. Foi difícil para mim entender que os aprendizados das ações e observação de alguém mais velho, como por exemplo a minha mãe, seria de tanto conhecimento.

Decerto que as vivências da comunidade estão lastreadas em princípios e valores humanos que consideram a vida, o corpo e a ancestralidade na interdependência entre o *ser* e tudo que pode ser respeitado como vida no planeta. Tudo que se move como uma teia dinâmica em todas as direções. Inspirada nos princípios básicos que regem a convivência da comunidade, encontramos outros paradigmas para se compreender a educação como outra forma de *em-sinar*. Educação como possibilidade quando se oportuniza aprender pela necessidade de ser, valendo-se dos acontecimentos cotidianos considerados na sua extraordinariedade. Este é o sentido para que estejamos sempre atentos a tudo que possa contribuir para a busca de ser antes de aprender para ter. [...] (MACHADO, pág.46, 2017)

Romper com o esquecimento do corpo e pensar sua integralidade é uma das formas principais de construção de conhecimento no universo da capoeira, como foi bem trazido pela pesquisadora negra e baiana Vanda Machado.

Pensando a partir do corpo, compartilho, como reflexão, uma das minhas vivências no ano de 2019 na comunidade do Alto das Pombas (Salvador-BA) com crianças de 08 a 12 anos. A autora americana, bell hooks, argumenta que as crianças são exímias teóricas que não estão ainda condicionadas pela educação que aceita as práticas

⁵ Movimento de deslocamento no chão na capoeira. Pernas flexionadas e mãos no chão para rotacionar para outro lado

sociais como naturais. São questionadoras inatas e capazes de encarar as normas com um senso de maravilhamento, desafiando a ideia de inevitabilidade nas práticas sociais estabelecidas:

As crianças são os melhores teóricos pois não receberam a educação que nos leva a aceitar nossas práticas sociais rotineiras como “naturais” e, por isso, inexistem em fazer as perguntas mais constrangedoramente gerais e universais, encarando-as com um maravilhamento que nós, adultos, há muito esquecemos. Uma vez que ainda não entendem nossas práticas sociais como inevitáveis, não veem por que não poderíamos fazer as coisas de outra maneira. (HOOKS, P.83, 2017)

Nesse espaço educativo, tendo em vista a importância do aprendizado com essas “teóricas” passei a analisar de que forma a construção identitária das meninas pretas, deste grupo de trabalho, pode ser influenciada pela prática da capoeira angola. O Programa “Projeto Griô: memória e cultura na Comunidade do Alto das Pombas” se propõe a continuar e intensificar atividades de ensino, pesquisa e extensão que acontecem desde 2011, pelo Grupo de Pesquisa “GRIÔ: Culturas Populares, Ancestralidade Africana e Educação” (Coordenado pelo prof. Pedro Abib), da Faculdade de Educação da UFBA, em conjunto com o Grupo de Mulheres do Alto das Pombas (GRUMAP), Coordenado por Rita Santa Rita, a Ritinha, na Comunidade do Alto das Pombas que se localiza na cidade de Salvador (BA).

O intuito é alavancar um diálogo entre o espaço acadêmico da universidade e os saberes e fazeres compartilhados na comunidade. Esse programa visa desenvolver ações voltadas para crianças, jovens e adultos. O foco é contribuir na reapropriação da memória da comunidade, pensando na formação da identidade cultural. Assim como o autor Stuart Hall, acredito que nossas identidades estão a todo momento sendo construídas para além da lógica teórica. Adentra nossas formações contínuas de vida:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (HALL, p. 109. 2013)

Na disposição desse projeto é oferecido oficinas semanais de capoeira angola, dança, teatro e música, por estudantes bolsistas e voluntárias(os) do programa de extensão, para a comunidade as atividades foram realizadas no período de julho a novembro de 2019, durante esse período analisei questões que podem gerar discussões importantes. Na realização das oficinas, as aulas eram compostas majoritariamente por meninas (e negras), que inclusive, além de fazer as oficinas de capoeira angola também faziam as oficinas de Teatro e Dança, ministrada por outras mulheres negras. As oficinas

eram divididas em parte prática e teórica, sendo conduzida a partir de um viés lúdico. Como é trazido por Castro Junior et al, 2000.

A prática da Capoeira adquire dimensões bem mais amplas do que uma simples atividade corporal relacionada a uma determinada etnia, e passa a ter um significado de prática social, ampliando o eixo da discussão sobre as questões raciais e étnicas, para as questões de classe social dentro do sistema capitalista, pois envolve elementos importantes que podem levar a uma reflexão crítica sobre a realidade e o contexto social que envolve o seu praticante (CASTRO JUNIOR, ABIB, SOBRINHO, 2000, p.165 apud AMORIM, 2017).

Em primeira análise, o que percebi durante as aulas foram focalizadas em como a questão da territorialidade atravessam essas meninas (assim como também sou atravessada por ser de Cosme de Farias e como já compartilhei em outro momento). A compreensão identitária de ser uma criança negra da favela dá um outro lugar de pertencimento e entendimento espacial da cidade.

A partir das construções cotidianas do Grupo de Mulheres do Alto das Pombas (GRUMAP), há anos, fica nítido o enquanto essas questões refletem na vida dessas crianças resultando na potencialidade de conseguir liderar e estar à frente das futuras atividades dessa comunidade.

Tendo em vista que, nas oficinas, trabalhamos a capoeira como uma produtora de valores sociais e individuais, quando tínhamos oportunidade de discutir sobre questões históricas da capoeira, ou sobre nosso lugar no mundo, conseguíamos observar como a compreensão territorial que elas carregam. Esse entendimento vem a partir de uma percepção matriarcal, colocando sempre suas mães, avós, tias, irmãs, como referências das histórias que queriam compartilhar conosco nas aulas.

Sendo assim, pensando o contexto comunitário em que são trazidas essas demandas, não poderíamos deixar o raciocínio de quão é importante que essas meninas ginguem sabendo que suas referências são mulheres negras que trazem um corpo território e deixam essa herança para essas meninas que somam imensamente nas oficinas de capoeira.

Durante a realização das oficinas observei, em cada aula, como a capoeira pode ser uma potente ferramenta na mobilização da construção identitária negra e de gênero. Pensando essa mobilização não só para as meninas, mas como para todas as pessoas que compuseram essas vivências, como osicineiros e as outras crianças. Cada oficina foi pensada para trabalhar um tema da capoeira e um valor social que essas crianças precisam ter para a vida, quanto capoeiristas, cidadãos e filhas(os).

Para isso, foram trabalhadas algumas brincadeiras com o intuito de promover reflexões sociais. Dentre elas, um jogo em que contamos uma história em que o chão se tornaria um rio e que dividiria dois quilombos. Uma pessoa ficaria no meio, interpretando os “capitães do mato” (serviçais responsáveis por capturar os escravizados fugitivos) e as crianças se dividiriam em dois quilombos que teriam que passar por esse rio para se unirem e não podiam ser tocados pelo “capitão do mato”.

Um detalhe: para passar de um quilombo para o outro era necessário usar apenas dois apoios (que não fossem os pés) ou quatro, fazendo com que elas trabalhassem as habilidades da capoeira, como o aú. Nessa brincadeira, tivemos que explicar o que são os quilombos, contar um pouco da história da colonização e relacionar isso com a vida contemporânea. Enquanto pessoas negras, temos sempre que está aprendendo a achar alternativas para passar por esses rios que nos atravessam. Para além de conceitos sobre nossas ancestralidades, uma simples atividade como essa, pode proporcionar à essas meninas que se empoderem um pouco mais sobre as questões raciais.

No terceiro sábado de todo mês, uma outra iniciativa organizada em conjunto entre o Grupo Griô e o GRUMAP é o “Sarau do Pombal”. Organizado na praça principal da comunidade, o protagonismo é das crianças e jovens que participam das oficinas semanais. O sarau é uma possibilidade de exposição do que foi trabalhado durante o mês. O Sarau do Pombal sempre se inicia com uma roda de capoeira e também permite o “microfone aberto”. Esse espaço proporciona uma autonomia para as crianças.

As meninas ficam a vontade de ter voz e poder falar no microfone; ou de dançar e cantar; ou de se permitir a um diálogo corporal com as outras pessoas através da capoeira. Apensar de que, em algum nível, ainda existe uma timidez em jogar capoeira no meio da praça, com as pessoas da comunidade assistindo, foi considerável está incentivando ela nesses momentos também. “Três palavras vêm à minha mente: informação, afirmação e corpo. Porque isso passa pelo corpo, um corpo que se sente à vontade em qualquer ambiente e que sente pertencimento onde quer que esteja”. (RAMOS, 2017. p. 126). Concordo com Lázaro Ramos, escritor e ator negro baiano, quando ele fala que temos uma tríade de fundamentos significativos para serem postos em prática e que vão ter reflexos futuros.

Como já arrolado no texto, por muito tempo era difícil ter mulheres sendo protagonistas das rodas de angola, assim como de muitos espaços da sociedade, e ficamos felizes por essa turma do Alto das Pombas ser majoritariamente feminina.

Esta experiência, me fez ficar de cabeça para baixo (assim como quando damos um aú) e aprender mais do que ensinar. Nós, mulheres pretas, temos que ter um cuidado redobrado e prestar atenção em cada detalhe para não reproduzir padrões opressores e sim, sermos multiplicadoras da resistência. Na minha minúscula trajetória na capoeira, desde quando era pequena sentia falta de ter outras meninas gingando comigo, hoje, fico muito feliz de ver essas meninas brincantes na capoeira angola. São movimentos pequenos, mas que fazem a diferença, em algum nível, na vida delas, e na minha também.

A capoeira é uma grande ferramenta de construção identitária, por si só, e conseguir investir nas oficinas através da capoeira angola possibilitou, mesmo que nem todos resultados sejam imediatos, a inferência nas vidas dessas crianças. Em reunião com as lideranças do GRUMAP foi pontuado o quanto era visível a mudança, em detalhes do comportamento, das crianças que participaram das oficinas. Um dos exemplos que elas deram foi sobre como as crianças que faziam as oficinas estavam mais proativas nas atividades da comunidade. Não se tem um desfecho concreto ou resultado efetivo sobre como se desencadearão essas oficinas na história dessas meninas pretas, todavia, não resta dúvidas que a iniciativa, em sua essência, busca que cada oficina (e também os saraus) possam motivar ampliação da autoestima; da representatividade; da consciência de gênero e de raça; de pertencimento ao território e do enriquecimento da autonomia.

Para finalizar essa volta ao mundo ⁶no jogo entre capoeira angola e educação, é relevante considerar, no âmbito educacional, a necessidade de conscientizar sobre as limitações inerentes à representação e análise da capoeira angola para aquelas/es que estão distantes da prática. Enfatizo que esta pesquisa abriga nuances e aspectos intrínsecos que só podem ser plenamente compreendidos por meio da vivência direta com a capoeira. O autor Hampatê Bâ reforça que a educação tradicional africana carece de que os conhecimentos estejam ligados a uma iniciação das culturas:

A educação tradicional, sobretudo quando diz respeito aos conhecimentos relativos a uma iniciação, liga-se à experiência e se integra à vida. Por esse motivo o pesquisador europeu ou africano que deseja aproximar -se dos fatos religiosos africanos está fadado a deter-se nos limites do assunto, a menos que aceite viver a iniciação correspondente e suas regras, o que pressupõe, no mínimo, um conhecimento da língua. Pois existem coisas que não “se explicam”, mas que se experimentam e se vivem. (BÂ, p.182. 2010)

⁶ Analogia ao movimento da capoeira categorizada como chamada que as/os jogadoras/es rodam em torno da roda como ponteiros de relógio dando as mãos (ou não).

1.2 Memória ancestral , corpo, oralidade e ancestralidade

Nesta dimensão, a corporalidade não está associada apenas ao corpo em movimento, mas à integralidade corporal que proporciona conhecimento. A educação em algumas regiões de África, por exemplo, não é organizada como a do ocidente, em que se sistematiza conhecimento “para a vida”. Na educação africana a vida em si já é a educação (BÁ, 1980) é a mesma cosmovisão presente na capoeira, ser capoeirista 24 horas é estar sempre aprendendo, na pequena roda (capoeira) e na grande roda (vida)⁷.

É o corpo em dinâmica que se relaciona em presença com a cultura e a compreensão de mundo. A consciência é corpórea e sem o corpo não lemos o mundo (SODRÉ, 2014). Tecendo as leituras de mundo possíveis, se faz necessário focalizar nossas gingas discursivas para os lugares dos corpos femininos na capoeira, ou melhor, dos corpos femininos e negros na capoeira angola, apesar das discussões sobre gênero na capoeira, em ambientes acadêmicos, estarem ganhando maior visibilidade e produção, são poucos os trabalhos que já trazem referenciais étnico-raciais em diálogo com gênero.

As mulheres negras praticantes de capoeira estão, progressivamente, contribuindo para o cenário acadêmico ao compartilhar e documentar suas vivências. Essa participação é notável, embora incipiente quando comparada ao volume de estudos sobre capoeira disponíveis na academia. Contudo, surge um questionamento relevante: considerando que as pesquisas e registros acadêmicos ainda se encontram em estágio inicial, será que, nos próprios ambientes da capoeira, as narrativas dessas mulheres não foram previamente documentadas de diversas maneiras ao longo da história?

O meu Mestre Renê, de maneira enfática, destaca a longa presença das mulheres na capoeira, tanto dentro quanto fora da roda. Em suas narrativas, ele discorre, entre os movimentos, sobre como as mulheres historicamente registraram suas experiências nas décadas passadas. As mulheres sempre estavam nos espaços capoeiranos de diversas formas e conta diversas histórias de mulheres assumindo protagonismos nesses espaços em décadas passadas.

O Mestre, embora não tenha especificado o ano, a origem da informação ou fornecido uma referência bibliográfica, enfatiza que essas histórias são transmitidas oralmente por membros mais antigos da comunidade. Ele salienta a importância dessas cápsulas históricas para reforçar a ideia de que a memória é dinâmica e necessita de

⁷ Expressão frequentemente utilizada nos contextos de capoeira por diversos mestres: compreender a capoeira como a pequena roda e vida como a grande roda.

atualização. Apesar de as narrativas dessas mulheres capoeiristas talvez não recebam ampla atenção no meio acadêmico, o conhecimento perdura na comunidade de capoeira e nas tradições afro-brasileiras, sendo compartilhado por mulheres negras capoeiristas, tal como refletido nas palavras do Mestre e suas alunas, transmitidas por meio da oralidade. O pedagogo carioca Luiz Rufino (2016) traz como reflexão a seguinte perspectiva:

me cabe destacar que o corpo é o primeiro lugar de ataque do racismo/colonialismo. Porém, esse mesmo corpo que é atacado nos revela outras possibilidades. No caso das práticas aqui abordadas, as performances corporais expressam as formas de resiliência e transgressão contra as violências operadas pela colonialidade. (RUFINO, p. 57. 2016)

Dito isto, reflito sobre os corpos das minhas irmãs de quilombo que estão ali gingando e trazendo em seu corpo as escrituras das outras mulheres capoeiristas que resistiram e nos ensinaram (com o atravessamento de gerações) sobre como usar nossos corpos para contar histórias e preservar nossas memórias.

Quando chego no treino e fico observando o corpo dessas malungas (que dividem o espaço de mandinga comigo) e consigo enxergar nelas uma força que não é a força arquetipada das mulheres negras guerreiras que suportam dor. É uma outra força... uma força ancestral da sobrevivência. A força que brinca e fere em um mesmo movimento. O meu olhar durante o treino foi sobre como que cada uma realizava o mesmo movimento. Um exemplo, o exercício era dar uma meia lua ⁸de compasso e eu olhava para outras quatro malungas e cada uma executava o mesmo movimento de um jeito diferente. A projeção do corpo, o suor que escorria, o sorriso ou a frustração de não conseguir.

Uma delas ⁹tem o corpo mais "pesado", e mesmo assim, ginga e joga com uma leveza totalmente diferente do que seu corpo mostra. Olho para ela e parece que está desafiando as leis da física em relação às limitações que carrega em seu corpo. Nitidamente, ela pratica a capoeira para além do movimento, a ponto de ter uma vida mais saudável, uma alimentação consciente e uma presença no "AGORA" tão bonita que se entrega para cada movimento da capoeira como quem poetiza lutando. Se isso não é a ancestralidade contando sua história a partir de nossos corpos, eu não sei o que é...

⁸Ou Rabo de arraia. Movimento da capoeira que é um chute reverso com as mãos no chão e movimento giratório como um compasso.

⁹ Neste momento do texto, opto por não descrever quem são as mulheres que estou falando.

A segunda que observei naquele dia tem um corpo mais veloz. Ela tem uma consciência corporal tão grande que consegue sustentar seu corpo no ar com calma mas ao mesmo tempo apresentando velocidade. Parece que não tem medo de cair e nem colocar a cabeça no chão ou até mesmo de se machucar. Se tem uma coisa que admiro como um saber básico é termos consciência do nosso próprio corpo. A gente está imersas em uma sociedade que tem fazer com que nosso corpo seja uma máquina do sistema, que visa produtividade e esquece do cuidado. Quando enxergo em uma outra mulher negra a autoconsciência de conseguir controlar seu próprio corpo para fazer um movimento eu percebo o quanto disso deve estar sendo levado para sua vida. A compreensão corporal, a malícia e sagacidade para mexer o corpo é uma arma contra uma doutrina de estagnação corporal que existe desde a escravidão.

A capoeira é um constante convite ao jogo, onde a dança se funde com a luta, o movimento com a estratégia, formando uma mescla única entre poesia e risco. Este jogo, tão cheio de fluidez e beleza, também é campo de batalha e expressão de mandingas, onde os capoeiristas enfrentam os perigos sem renunciar à graça. É um misto de ginga, floreios, benzeduras e gargalhadas, no qual, num instante, a violência emerge e os praticantes se deparam com riscos iminentes. Esta é a essência da capoeira, um retorno à batalha após cada revés, um ciclo que se mantém constante e transformador. Na prática da capoeira, percebemos um jogo que transcende o mero entretenimento para adentrar um campo de dualidades e transformações. A poesia e o perigo se misturam, onde a dança encontra a luta, e a estratégia se entrelaça com o movimento. Rufino (2016) ressalta esse cenário complexo e rítmico, descrevendo o jogo como uma simbiose entre fluidez e tensão, entre a elegância do movimento e a iminência do risco. Uma descrição sensível que revela a riqueza da capoeira em seu caráter multifacetado:

Observando a prática da capoeira percebemos, a partir de seus praticantes, que o jogo, brincadeira de vadição, é luta de vida e morte, campo de batalhas e mandingas que o capoeirista se lança ao perigo sem abrir mão da poesia. Ginga-se, floreia-se, benze-se e gargalha-se, quando menos se espera o facão bate em baixo e as cadeiras vão ao chão. Destrona-se, as calças estão arriadas, respira-se e caminha-se para mais um giro em torno do mundo. Retorna-se a batalha. (RUFINO, p.68. 2016)

Para mim era uma imagem muito forte de como a memória estava ali viva. Estávamos aprendendo um mesmo movimento que outras mulheres ao longo dos anos utilizaram para se manter vivas. Para sentir seu corpo pulsando, para rabiscar o chão e deixar seu nome no imaginário coletivo da época e que dilata até hoje em nossos corpos. Acredito ser um desafio transpor essas sensações subjetivas da observação e do sentido

para o papel e para esta pesquisa, mas acredito que a capoeira tem suas magias e segredos e no final das contas, “só quem veio sabe como é”.¹⁰

A memória permite a relação do copo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo ativa latente, penetrante, oclusa e invasora (MACHADO, p. 55, 2017 APUD Bosi (1994, p.64))

Como é sugerido de maneira assertiva por Ecleia Bosi, a memória é uma mistura de ciclos de tempo que se encontram no presente e ativação de narrativas passadas e futuras. A preservação da memória ancestral está nos corpos pretos de mulheres que resistem e que gingam, mas que ainda são apresentados com muitas lacunas nos registros escritos acadêmicos. Não querendo enfrentar o perigo da nossa história ser contada por uma única narrativa branca, a relevância da pesquisa está atrelada à importância de problematizar o corpo e as narrativas das nossas ancestrais, através dessas mulheres angoleiras que gingam e preservam culturas diversas em seus corpos, além de toda trajetória interseccional de resistência.

Durante o ano de 2023 fiquei imersa em práticas educativas que se voltam ao empreendedorismo e comunicação digital. Fui convocada através da minha empresa (Olabisi- Laboratório Criativo¹¹) para ser professora do Programa do Governo do Estado por meio da Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte (Setre), chamado Juventude Produtiva. O objetivo do programa é impulsionar o desenvolvimento social e a autonomia econômica de adolescentes e jovens baianos. Ministrei, durante 4 meses, o Curso de Empreendedorismo Digital para jovens periféricos/os de Salvador que tem a faixa etária de 16 a 28 anos, com carga horária de 320 horas. Esta vivência educativa me levou a refletir intimamente como que a capoeira me orienta a pensar estratégias a todo momento. O jogo da capoeira é como se fosse um jogo de xadrez e você tem que estar a todo tempo atenta nas possibilidades e nas possíveis respostas dos movimentos que demos e podemos receber. Uma dinâmica de improviso que testa seu raciocínio lógico e criatividade para que o diálogo de mandinga flua de maneira menos calculista mentalmente e mais orgânica corporalmente.

¹⁰ Trecho de música de capoeira que diz: “vim do balanço do mar lá de angola, vim do balanço do mar lá da Guiné, vim do balanço do mar de Moçambique, só quem veio sabe como é”

¹¹ A capoeira me dá muitas ferramentas para pensar estratégias de sobrevivências e ter sempre possibilidades para construir novos futuros. Criar uma empresa do zero foi uma delas. Para saber mais sobre a Olabisi, acesse: www.olabisi.com.br

Dito isso, digo que estar em sala de aula com jovens que tinham basicamente a mesma idade que eu, foi um desafio mas, os ensinamentos da capoeira me mostrava e lembrava a todo momento alternativas para seguir as criações colaborativas de construção de ensino-aprendizagem. Estava facilitando um curso em que a maioria da juventude não queria saber de empreendedorismo e estavam lá por motivos diversos. Poucas/os eram aquelas/es que estavam ali com vontade de aprender de verdade sobre esse assunto. Foi aí que percebi que entre eu e aquelas pessoas tinham muitas coisas em comum e tentei resgata-las/los para a presença e atenção na sala de aula a partir de uma lógica afetiva das nossas histórias. Iniciei as aulas mostrando que o empreendedorismo não é só coisa de homens brancos heteros ricos e de terno. Isso é o que a semiótica da sociedade nos ensina.

O ato de ensinar, em especial quando se está entre jovens, reflete a construção de um espaço de aprendizado singular. A educação vai além de transmitir informações; é um diálogo com o conhecimento que brota da convivência, da experiência partilhada. Com as jovens gerações, a educação torna-se um elo entre seres em formação, onde se entrelaçam trocas, dúvidas e aprendizados. Esse processo é sobre mais do que transmitir saberes, é abordar a essência do ser humano em conexão com o mundo ao seu redor.

Dentro desse universo de aprendizado, as palavras do texto de Vanda Machado (2017) que abordam a relevância de considerar a pessoa no ambiente em que está inserida e a cultura que a envolve, vão muito além do simples ensino. Trata-se de reconhecer a complexidade da educação, compreendendo não somente a transmissão de conteúdos, mas a formação de seres humanos numa ética de existência multifacetada. Isso reflete a necessidade de um olhar atento para a individualidade de cada ser, reconhecendo sua história, sua cultura e sua contribuição única para o processo educativo. É um convite à reflexão sobre o que implica o ato de educar e o impacto desse processo na vida de quem ensina e de quem aprende:

Entendendo que a adoção de um contorno dando relevância à pessoa como um ser-sendo e a cultura do lugar cria outra ideia de educar. Significa, ao mesmo tempo, uma abordagem sobre como compreendemos a nossa ação enquanto educadores aprendentes e sobre o que somos numa certa forma de vida considerando outra ética existencial. (MACHADO, p. 44. 2017)

Faço um parentese para a filosofia adinkra que é da área que hoje se intitula como Costa do Marfim e Gana mas que antes se entendia enquanto povo Akan. Um dos pilares dessa filosofia se chama “Sankofa” que diz o seguinte: “*Se wo were fi na wo sankofa a yenkyi.*” (NASCIMENTO, 2022) que significa a importância de olhar para trás para ressignificar o presente e o futuro. A autora caribenha Sandra Petit (p.72. 2015) entende como um pássaro que se movimenta para frente, ao passo que mantém sua cabeça voltada

para trás, num elo inquebrantável com a nossa história e a nossa linhagem, biológica e/ou simbólica, a um só tempo comunitária e na cósmica. A imagem do “Sankofa” é um pássaro virado para frente mas com a cabeça levemente virada para trás e debate sobre a necessidade que temos de olhar os passos de pessoas e histórias que vieram antes da gente para poder reorganizar nossos passos e mudar as nossas histórias, narrativas e deixar um legado potente para as próximas gerações. Confluindo para estas realidades a capoeira angola traz esses ensinamentos de maneira muito presente nos discursos corporais, nas letras das músicas e entre tantas outras atividades que inter cruzam nossas histórias através do tempo que não é linear (e iremos falar um pouco mais disso daqui a pouquinho).

Então, a partir dessas reflexões da capoeira e da observação de alguns adinkras entendi que para mobilizar uma turma de juventude eu teria que mostrar pra essa galerinha que o empreendedorismo estava muito mais presente na vida delas/es do que pensavam. Uma das minhas primeiras atividades, depois de conceituar o empreendedorismo sobre uma ótima afrocentrada, foi fazer com que refletissem sobre quais e quem são as pessoas que empreendem perto delas/es. Ouvi diversas histórias: a tia dona de salão de beleza; a vizinha que vende salgados; a avó que tem um bar; a trancista da esquina e por ai vai. Outro momento legal dessa parta inicial do curso foi apresentar pra elas/es empreendedoras/es que tem “sucesso” e são pessoas negras. Não apresentei sobre Mark Vzuckerberg ou Steve Jobs. Eu falei de gente que poderiam estar do lado delas/es. Apresentei Adriana Barbosa, Monique Evelle, Nina Silva, Karine Wakanda e principalmente as referências em empreendedorismo que foram as Irmandades. Falei muito sobre a Irmandade de Boa Morte que eram mulheres que se juntavam para conseguir comprar a soltura de outras irmãs negras. Quando trazemos outras referências mais parecidas com a gente, as/os jovens passam a se ver e enxergar novas possibilidades de futuros. Como Lázaro Ramos (2017) faz esta análise sobre personagem Madame Satã, com essa missão de fazer pessoas acreditarem no seu próprio destino:

Satã era negro, gay, pobre, e seu corpo era sua única arma. E ele fez uso dessa arma, seja na capoeira, na sexualidade ou como artista nos palcos. Entender esse personagem como um homem que conseguiu se reinventar a despeito do pouco acesso a dinheiro e status social me fez perceber como é possível — e necessário — contar boas histórias invertendo o ponto de vista comum: Satã não é tratado como um coadjuvante de sua própria vida, ele é o senhor do seu destino. (RAMOS, p.59, 2017)

A experiência de ensinar e aprender é uma jornada complexa e, muitas vezes, revela um retrato das múltiplas realidades presentes na sociedade. Quando partilhamos saberes com jovens, vemos que a educação é um caminho em que se entrelaçam histórias, culturas e sonhos. Ensinar é muito mais que transmitir informações; é sobre compartilhar

experiências, desafiar o status quo e ampliar horizontes. Nilma Lino Gomes (2019) desvenda um aspecto complexo e doloroso. Aponta para a triste realidade na qual o corpo negro é subjugado, não apenas pela agressão física, mas também pela negação de sua liberdade. É uma manifestação do racismo, um peso que afeta não apenas a vítima direta, mas a todos. É um golpe à liberdade, negando a capacidade do corpo negro de ser ativo, criativo e livre. A violência do racismo não só afeta o corpo, mas também o ser, cerceando suas possibilidades de existir plenamente na sociedade. Esta fala ressoa, chamando a atenção para a luta necessária contra a violência e a opressão que limitam a plenitude da existência:

Trata-se da negação do corpo negro como corpo livre, que age, move, contesta, vibra, goza, sonha, reage, resiste e luta. No limite, é a produção do corpo negro como não existência. Podemos dizer que estamos diante de uma forma de regulação do corpo negro que se dá por meio da violência do racismo que afeta a todos nós, inclusive as suas próprias vítimas. (GOMES, p. 79. 2019)

Mergulhando nessas reflexões trago que, ao longo dos meses, ao ensinar sobre uma perspectiva afrocentrada em que a juventude pudesse se ver, se reconhecer e se sentir representada em cada temática, eu via ali uma mudança de postura. Enxerguei nelas/es o entendimento da sua potência para a construção de novas narrativas sobre o nosso povo. Tal qual a capoeira sempre fez comigo. A capoeira me tira do lugar de comodismo e me bota, literalmente, no meio da roda. Me coloca para ser protagonista da minha história quando me mostra que posso tocar um berimbau, posso tocar pandeiro, cantar, sambar, gingar e tantos outros verbos. Queria que esta metodologia tão orgânica da capoeira pudesse também existir enquanto metodologia de reconstrução de narrativas para minhas alunas e meus alunos.

Ao final do curso, tivemos uma quantidade de evasão por diversos motivos e o principal foi que alguns/umas estudantes conseguiram emprego no horário da aula e tiveram que largar o curso. Mas conseguimos finalizar o curso com 20 jovens. Desses 20 jovens todas/os saíram com o seu negócio criado ou com as técnicas para criar sua própria empresa. Realizamos um evento chamado “Mostre Seu Dendê” para que todo mundo pudesse expor sua marca com dignidade e contando suas histórias. Os nomes dos negócios também foram bem fortes. Um dos negócios tem como nome “Acirfá inã” que é a junção da palavra “África” escrita ao contrário e “inã” que é uma palavra indígena que significa pessoa.

A existência negra, permeada pela herança histórica de lutas, transborda para além das roupagens de gênero ou estilo musical. É sobre a vivência, é sobre a resiliência. A essência da negritude encontra suas raízes não somente no hip-hop ou em expressões

artísticas isoladas, mas nas manifestações culturais que atravessam o tecido das comunidades, das histórias e da identidade. É sobre os meninos e meninas que, na periferia e no subúrbio, buscam sua voz, seja ela no batuque do samba, na ginga da capoeira, ou nos versos sinceros do hip-hop. A vivência da negritude é um constante ato de reapropriação, de resistência e de celebração da própria existência. É um ato de transbordar e redefinir, de se afirmar diante de um mundo que muitas vezes tenta negar essa identidade. Essa multiplicidade, narrada por meio de várias expressões culturais, revela a complexidade e a riqueza de uma existência que vai muito além das fronteiras estreitas impostas pelo preconceito e pela opressão.

Há pouco conversávamos sobre os jovens do hip-hop. Pra mim tem tanto valor o menino lá da periferia, lá do subúrbio, jogando capoeira, tocando pagode, quanto o menino que canta, que dança o hip-hop. Você pode com o samba lutar, denunciar. Para mim, ser negro hoje é você se apropriar. (PINTO, p.81. 2005)

Falo disso tudo para que vocês contemplem comigo o quanto que a tríade de memória, oralidade e ancestralidade são aspectos fundamentais para educar pessoas e, principalmente, na construção de novos futuros. Associo todas essas práticas com o que vivemos na capoeira. Ser angoleira me dá régua e compasso para entender (e ficar na dúvida de muitas coisas) mas nesses anos de vivência da capoeira o que eu mais posso dizer que foi fundamental para a construção da minha história enquanto uma mulher negra bissexual é a valoração da memória das/dos minhas/meus ancestrais. A capoeira angola traz muito da resistência do nosso povo e da memória viva de seus legados. Foi através da ginga que desobedecemos métricas que estavam estabelecidas para a nossa jornada. A desobediência ao silenciamento de corpos que dão discursos a cada passo dado. Como relata um dos maiores pensadores contemporâneos, Ailton Krenak (2019, p.14): “se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos.”

Questões que me pareciam irrelevantes se tornaram protagonistas da minha história. Falo isso com tranquilidade. Por exemplo, quando entrei nada ACANNE eu via muito o meu mestre falando do mestre dele e de toda sua linhagem da capoeira. Mas ele não falava do Mestre Paulo dos Anjos de qualquer jeito. Ele falava (e segue falando) com um olhar de admiração que deslocou também o meu olhar para aquele homem de boina e óculos. Ora, se eu fosse contemporânea ao Mestre Paulo dos Anjos talvez o entendesse apenas como um homem servidor público que trabalhava na Transalvador. Só que na

perspectiva do meu mestre, ele era e segue sendo, um herói. Eu percebi então que quem determina como a história das nossas ancestralidades serão contadas somos nós mesmas/os.

O mestre é aquele que permite que os saberes transmitidos pelos antepassados vivam e sejam dignificados na memória coletiva. A oralidade, pela qual o mestre transmite a sabedoria ancestral do grupo, através da tradição, é assim caracterizada (Abib, p.97. 2015). A construção do imaginário coletivo sobre o Mestre Paulo dos Anjos é reescrito toda vez que um/a discípulo/a seu fala sobre sua trajetória com ar de admiração e mostrando quem ele era. Paulo dos Anjos se faz vivo cada vez que suas/seus netinhas/os de capoeira colocam o corpo pra jogo e reproduz seus ensinamentos.

Depois que eu entendi um pouco disso eu quis recontar histórias, quis conhecer o que falavam da minha ancestralidade. Ou seja, eu tive que olhar para trás para retomar o meu caminho em direção a compor novos futuros. Foi ai que eu quis saber um pouco mais sobre a minha história antes da minha chegada ao mundo. Quem foram minhas avós? Quem eram meus avôs? De quem elas/es eram filhas/os? Qual a história de minha mãe e meu pai?...

Todas essas questões são inescusáveis mas o que eu já aprendi eu coloco em prática no sentido de deixar viva a memória daquelas que abriram caminho para que hoje eu possa estar onde estou. Não quero que minha ancestralidade seja lembrada a partir da dor e violência. Foram encruzilhadas das suas existências mas que não determinam suas grandezas. Não falam sobre as mil e uma estratégias do nosso povo de sobrevivência e permanência. Quero poder narrar contos de minhas avós e avôs de tal forma que inspire outras pessoas (inclusive eu) a ter sagacidade para construir um presente de abundância mesmo que a sociedade nos faça vibrar na escassez.

As presenças na diáspora enunciam na corporeidade as possibilidades de resiliência e transgressão. O corpo e suas sabedorias de fresta e ginga reinscrevem rotas de fuga do que é destinado para as populações negras enquanto lugar absoluto, a condição de não existência. (RUFINO, p. 67. 2016). A chave da minha visão sobre o mundo foi virada a partir desses ensinamentos básicos da capoeira angola e eu tento passar isso em todos os ambientes que eu estou. Sejam eles educacionais ou não. Até porquê, em todo lugar e a todo momento podemos aprender alguma coisa a partir de um olhar sensível e um corpo presente (mais uma coisa que aprendi com a capoeira).

Enfim, contei toda essa história para falar que quando mostrei referências negras para minhas/meus alunas/os e quando trouxe linguagens que essa juventude pudesse

entender, como por exemplo trocar palavras em inglês por gírias, ou até mesmo fazer dinâmicas mais corporais e que trouxesse a vivência delas/es para a sala de aula esta juventude foi, processualmente, trazendo para a sua identidade uma quebra de uma estrutura limitante da perspectiva de si mesma/o. Foram se reconhecendo em cada aula e entendendo onde poderiam chegar. Sairam de lugares que foram estabelecido para elas/eles por um sistema racista e sexista, e estavam então transformando seus processos em possibilidades de sobrevivência tal qual nossa ancestralidade nos ensina.

Vislumbrar um movimento que transcende os espaços físicos e temporais, especialmente no âmbito do ensino para jovens com referências negras é possível. Ao trazer representatividade, ao tornar tangíveis os aspectos culturais e a linguagem peculiar, o ensino se desdobra em uma jornada de emancipação e reafirmação identitária. A percepção e o reconhecimento da juventude negra em suas origens, na compreensão do potencial além das fronteiras estabelecidas por uma sociedade limitante e estruturalmente preconceituosa, revelam-se como etapas de um processo mais amplo.

As aulas se tornam mais do que espaços de conhecimento: são portais para a desconstrução de barreiras e a construção de uma identidade mais autêntica e empoderada. Essa compreensão ganha voz, corpo e movimento. Através do fortalecimento do corpo como uma esfera de sabedoria, emerge um novo caminhar, um movimento capaz de revelar e moldar perspectivas epistemológicas distintas, viabilizando um avanço rumo a uma compreensão mais plena e diversificada do saber. “Assim, a credibilização do corpo como esfera de saber é o primeiro apontamento para a emergência de outras perspectivas epistemológicas. Algumas travessias são necessárias, outras rotas são possíveis. Assim, precisamos caminhar, movimento esse que só é possível na medida em que existe o corpo mobilizado pelos seus poderes primordiais.” (RUFINO, p. 77. 2016)

Esses, então, são fundamentos para que a contorção de paradigmas a partir de uma ótima de mandinga. A memória ancestral nada mais é do que a manutenção contínua da vida de quem veio antes de nós. É a herança não material do nosso povo a partir do nosso corpo, oralidade e cultura. Falando em cultura, tem uma frase que o Mestre Renê sempre reproduz que é “a nossa cultura é o nosso maior sistema imunológico”. É uma reprodução da fala da antropóloga Marimba Ani mas que eu ouvi do meu mestre. Não tem como pensar saúde e bem estar sem entender que fazemos parte de culturas que atrevessem gerações e lógicas do tempo circular que nos mostram o caminho descalço e despido de

amarras. A capoeira é meu maior sistema imunológico e isso perpassa não só meu corpo mas a forma como penso, ajo, ensino e sou educada.

Me firmo na fala da escritora baiana Vanda Machado (p. 17. 2017) que diz que “Àqueles que têm na pele a cor da noite, sabem que educar é tornar-se semelhante aos ancestrais”. O registro de Vanda ressoa como uma afirmação profunda sobre o ato de educar para aquelas/es que carregam consigo a pele negra. Tornar-se semelhante aos ancestrais, nesse contexto, transcende a mera transmissão de conhecimentos; é um mergulho nas raízes mais profundas da identidade. A memória ancestral, aqui entendida como a manutenção contínua da vida através do corpo, oralidade e cultura, converte-se em um guia essencial nesse processo. Ao reconhecer a capoeira como seu maior sistema imunológico, você não apenas abraça uma prática física, mas internaliza um legado cultural que permeia suas ações, pensamentos e modos de ensinar. A educação, portanto, não é apenas um ato isolado, mas um constante alinhamento com as heranças que moldam sua jornada. Nesse diálogo emerge a compreensão de que educar é um ato de conexão com as raízes, uma jornada de transformação que ecoa as vozes que vieram antes, sustentando e iluminando o caminho.

1.3. Mulher preta tem história

Oralmente, relata-se que, em comunidades africanas povos, como os mucope, possuíam rituais de passagem para a vida adulta das meninas na puberdade. Nestes, os rapazes faziam uma luta/dança entre si, que imitava os movimentos de animais (da terra, da água e do ar), chamado de N'golo. A ideia que se tem é que povos africanos que vieram escravizados para o Brasil trouxeram em suas memórias narrativas grafadas em repertórios corporais, sensoriais e históricos, memórias contínuas e alteradas.

Assim, ao longo do tempo, a história da capoeira continuou a ser transmitida por meio de histórias que, especialmente a partir das primeiras décadas do século XX, estavam ligadas a ideias de valentia, bravura e destreza física, que frequentemente eram vinculadas aos ideais de masculinidade. Naquela época, os relatos de mulheres envolvidas na capoeira também estavam associados a representações de valentia e hostilidade. Mulheres essas que transitavam pelos “cenários e vivências das ruas”. Como, por exemplo, mulheres donas de bar, ou trabalhadoras do comércio de rua (por exemplo, nas feiras ao ar livre), ganhadeiras, dentre outras. Assim como é dito por Oliveira (2014) no trecho a seguir:

As ruas pelo que já vimos, eram espaços hostis, considerados perigosos, lugar da violência, do crime. Era espaço privilegiado dos homens, todavia, as mulheres também ocupavam esses espaços com suas atividades produtivas, como as ganhadeiras, cuja atividade econômica de venda de seus produtos dependia, quase que exclusivamente, da sua circulação pelas ruas da cidade em busca de compradores de suas mercadorias. Outras mulheres também circulavam pelas ruas em busca de seus afazeres, outras ainda, para o oferecimento de seus serviços, como era o caso das prostitutas (OLIVEIRA, 2004, p 68)

Nesse sentido, temos aqui uma reflexão sobre como esses corpos femininos que estavam nas ruas, e/ou que frequentavam os espaços de capoeira, acabavam sendo estereotipados. Ainda nessa linha de intelecção, e analisando os padrões estabelecidos, principalmente, aqueles que relacionam as mulheres negras como sendo fortes, valentes e bravas, vemos que, em verdade, são estereótipos impostos a nós: mulheres negras.

Historicamente, somos relacionadas a essa ideia de possuir uma força física excepcional, muitas vezes comparada a uma força quase animal. Isso se deve ao contexto histórico da escravidão, no qual nossos corpos eram (e ainda são) frequentemente tratados como objetos sexuais, de carga e mão de obra, simples mercadorias. Portanto, ao discutir quais mulheres estavam mais envolvidas nas experiências da vida nas ruas, na vadiagem, nos trabalhos e em outras atividades relacionadas à capoeira, não é difícil identificar as mulheres negras, sem a necessidade de enfatizar suas condições sociais e financeiras precárias. No entanto, são mulheres cujos nomes continuam sendo resgatados e incorporados às histórias da capoeira, como é trazido por Abib:

Porém, é bom lembrar que apesar do universo da capoeira ter sido, historicamente, predominantemente masculino, existiram muitas mulheres que deixaram seus nomes gravados na história da capoeiragem. Só pra citar alguns nomes, a capoeira de outrora traz histórias impressionantes de valentia e destreza de algumas mulheres como: Maria Doze Homens, Salomé, Catu, Chicão, Angélica Endiabrada, Almerinda, Menininha, Rosa Palmeirão, Massú, entre muitas outras mulheres. (ABIB, 2015, p. 45).

O autor nos lembra de que, apesar de todo o cenário protagonizado e ocupado majoritariamente por homens, as mulheres também vivenciavam o espaço da capoeira. Além disso, não se pode esquecer de que mesmo que não estivessem todas presentes dentro das rodas, as mulheres negras sempre fizeram parte da capoeira. Direta e indiretamente, e sem esquecer que sempre atuaram na promoção e organização dos grupos e organizações de capoeira.

Este cenário me lembra muito os relatos do meu mestre Renê sobre a esposa do Mestre Paulo dos Anjos, o mestre sempre nos conta o quanto que era fundamental a presença sóbria dela para orientar os processos tanto de Paulo dos Anjos quanto das

organizações de capoeira. Além disso, vejo isso na prática quando falamos do ventre sagrado de Dona Sônia, a mãe do Mestre Renê Bittencourt, que o ajudava firmemente a estar na capoeira. O pai dele não deixava mas era ela que abria as portas (as vezes a janela) para que ele pudesse sair pra treinar e o que a gente sempre fala é que sem Dona Sônia não existiria o angoleiro Renê, tão pouco o mestre e tão pouco a ACANNE.

Então, não podemos nos ousar a negação de que as mulheres foram, e seguem sendo, muito importantes para a história da capoeira. Além das mulheres que já comentamos, podemos trazer como exemplo a grande guerreira Nzinga Mbandi Ngola, conhecida também como “Rainha Ginga”, rainha do povo Matamba, um importante nome para as lutas da resistência negra, destacando entre suas estratégias políticas o manejo do conhecimento necessário para lidar com as opressões, desde as negociações do mercado escravocrata. Não é à toa que o movimento fundamental da capoeira — a ginga — seja uma alusão à sua capacidade de articulação. Sendo assim, vemos uma mulher negra sendo valorizada dentro da capoeira, quando suas subjetividades de mulher negra não sejam desqualificadas no conjunto de sua própria formação. Pautando-se nossas escrituras, as histórias da capoeira são outras. São histórias de mulheres que se movimentam ancestralmente por meio da capoeira.

A educação feminista para a consciência crítica se arraiga no pressuposto de que o conhecimento e o pensamento crítico na sala de aula devem informar nossos hábitos de ser e modos de viver fora da escola (HOOKS, p. 256. 2017). Dando seguimento as gingas reflexivas, trago reflexões que perfazem nossas vivências na capoeira, começamos chamando a atenção sobre o quanto a luta das mulheres negras é diferente das mulheres brancas, e não só nos processos históricos, expostos mediante muitos marcadores sociais. Começaria chamando a atenção ao próprio cumprimento das hetero expectativas sobre a nossa relação com o próprio aprendizado da capoeira frente aos desafios que esta estabelece para o seu aprendizado e, portanto, sobre seus os desdobramentos no fortalecimento de trajetórias (ou mesmo de carreiras!) na capoeira.

Assim, se para as mulheres negras ingressar na capoeira não é uma coisa tão excepcional ou distante de sua realidade vivencial, visto que a capoeira não é uma prática estranha aos locais mais empobrecidos (onde a maioria destas se encontram), o mesmo não se pode dizer sobre as vivências das mulheres não negras, ainda que experienciadas

em meio à pobreza. Para estas, o simples fato de terem que explicar suas escolhas já as posiciona numa zona de estranhamento, se não a partir do conhecimento populizado sobre os capoeiras (agentes originários da antiga capoeiragem, da malandragem criminalizada, banditizada), ao fato de se remeterem a um reconhecido espaço negro, com estética negra, música negra, dança negra, mas numa sociedade racista.

Para dar conta deste processo é preciso pensar a interseccionalidade. Trata-se de um termo cunhado pela defensora dos direitos civis nos EUA, Kimberlé Crenshaw, a escritora desenvolve tal conceito a partir da análise do caso da General Motors (CRENSHAW, 2004). No referido caso, as mulheres negras pautaram que estavam sofrendo racismo e machismo dentro da instituição por não serem contratadas. A General Motors então, alega que não está sendo machista porquê dá vaga de emprego para mulheres (brancas e em posição de secretária e/ou no papel de recepção) e nem racista porque contratavam negros (homens negros que ocupavam o trabalho manual de força). Crenshaw encontra uma forma de pautar esse espaço feminino e negro, quando percebe que as mulheres negras acabavam não se encaixando, integralmente, nas identidades postas para conseguir emprego.

Dentro dessas circunstâncias, acredito que através dos corpos de mulheres negras angoleiras podemos nos debruçar, refletir e problematizar as possibilidades educativas não escolares de compreensão de mundo e formação constante. Por isso, referenciais teóricos que abordem conceitos educativos libertadores, interseccionais e em afroperspectiva são oportunos e necessários por oportunizar uma construção teórica que abrace a complexidade que é refletir sobre as mulheres negras na capoeira angola.

É notável a riqueza da capoeira angola como espaço de expressão para mulheres negras, permitindo a análise e reflexão sobre as diversas formas de educação e de percepção do mundo. Nesse contexto, teorias educativas libertadoras e com uma perspectiva afrocentrada são essenciais, pois proporcionam uma base teórica que abarca a complexidade e a singularidade de refletir sobre o papel das mulheres negras dentro dessa manifestação cultural. Por meio desses corpos, de suas práticas e experiências, é possível compreender um ponto crucial: o corpo é o principal alvo do racismo e do colonialismo. No entanto, ao mesmo tempo em que sofre os ataques, esse corpo revela possibilidades de resistência e transgressão. As expressões corporais dentro do campo da capoeira angola evidenciam a resiliência e a luta contra as violências impostas pela colonialidade. O posicionamento do autor carioca Luiz Rufino (2016) explicita como

corpo é atacado, mas também como se torna um instrumento de resistência, transgressão e resiliência contra as violências decorrentes da colonialidade:

Todas as experiências codificadas nesses campos serão lidas e problematizadas de maneira cruzada. Com base nessa perspectiva, me cabe destacar que o corpo é o primeiro lugar de ataque do racismo/colonialismo. Porém, esse mesmo corpo que é atacado nos revela outras possibilidades. No caso das práticas aqui abordadas, as performances corporais expressam as formas de resiliência e transgressão contra as violências operadas pela colonialidade. (RUFINO, p. 57. 2016)

Em vista disso, é por meio da interseccionalidade, um termo teórico-metodológico, (AKOTIRENE, 2018), que pensaremos o lugar de fala da mulher negra dentro da capoeira angola, já que esses corpos são interseccionados por marcadores sociais como racialidade e o gênero, faz-se importante analisar socialmente sem desassociar esses marcadores, enquanto formadores de identidades. A conceituação de interseccionalidade, então, se traduz a partir das sobreposições de marcadores sociais. Dentro do contexto brasileiro, a escritora Carla Akotirene conceitua o termo da seguinte forma:

instrumentalidade teórico-metodológica a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias onde mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. (AKOTIRENE, p. 14. 2018)

Neste caminhar, a interseccionalidade é trazida para que possamos analisar de forma aprofundada as situações sociais que nos atravessam, nesse contexto, em específico, pensamos enquanto mulheres pretas capoeiristas dentro das rodas de angola. As mulheres negras dentro de uma sociedade racista e machista, sofrem opressões cotidianas, por causa das suas identidades. Essas projeções desiguais acontecem em diversos cenários, seja no processo de saúde, educação, trabalho, relações amorosas e em todos os aspectos da vida. Essas mulheres são atravessadas por esses marcadores sociais que as fazem ter um acesso diferente aos espaços.

Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente da obscuridade (SPIVAK, p. 85. 2010). Marcas assim racham nossos corpos e as nossas subjetividades e acabam nos oprimindo até mesmo em espaços que são históricos e politicamente construídos como espaços de resistência negra, como, por exemplo, na capoeira. Por isso, não podemos desassociar as questões de gênero e classe das questões raciais que atravessam a capoeiragem, visto que as dificuldades sociais influenciam na dificuldade das mulheres negras de estarem presentes no universo da capoeira. Isso pode se dar de

diversas maneiras, mas citaremos algumas: a falta de condições de pagar a mensalidade; o medo de retornar para casa à noite depois do treino; ter receio de jogar com homens porque nunca se sabe como irão nos tratar e podemos acabar sendo alvos de violência, dentro e fora do espaço de capoeira; reconhecer menor disponibilidade de atenção que as mulheres brancas; e por aí vai...

As assimetrias intragênero são, há muito tempo, tema de debates entre capoeiristas negras. Estas, igualmente inseridas em distintas organizações feministas (artísticas, comunitárias etc.), olham para a grande presença das mulheres brancas refletindo temas que hoje são muito caros a esses feminismos negros: preterição, abandono, colorismo, palmitagem etc., identificando seus privilégios também com repercussões na capoeira, tanto na sua aceitação quanto promoção. Segundo Djamila Ribeiro, as mulheres negras enfrentam discursos que obscurecem suas experiências, ocupando uma posição crítica na interseção de raça, gênero e classe:

As mulheres negras foram assim postas em vários discursos que deturpam nossa própria realidade: um debate sobre o racismo onde o sujeito é homem negro; um discurso de gênero onde o sujeito é a mulher branca; e um discurso sobre a classe onde “raça” não tem lugar. Nós ocupamos um lugar muito crítico, em teoria. (KILOMBA, 2012 apud RIBEIRO, 2017, p. 38)

O trecho acima relaciona intimamente com uma reflexão trazida pelo sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall (2013) que aborda a complexidade das identidades, destacando que estas são construídas com base nas posições que um sujeito é forçado a ocupar. Entretanto, ele ressalta que as identidades são representações, o que acaba por ser um aspecto traiçoeiro quando relacionado à linguagem da consciência, sempre construída a partir do "Outro". Dessa forma, as identidades não são ajustáveis ou idênticas aos processos de sujeição nelas investidos, mostrando que existe uma falta, uma divisão intrínseca na construção dessas representações. Relacionado à outridade de ser mulher negra, o trecho enfatiza a maneira como a identidade é moldada por um sistema que frequentemente marginaliza e pressiona esses sujeitos a assumirem posições determinadas por uma representação forçada do "Outro". Para a mulher negra, essa dinâmica de representação pode ser ainda mais complicada, uma vez que sua identidade é muitas vezes construída a partir de estereótipos, lutas sociais, e imposições de um modelo que ela não necessariamente se identifica. Isso ressalta a constante tensão entre a autoconcepção e a maneira como a sociedade a ver, ilustrando a complexidade e diversidade na formação das identidades femininas negras.

Isto é, as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora 'sabendo' (aqui, a linguagem da filosofia da consciência acaba por nos traír), sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma 'falta', ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito que são nelas investidos. (HALL, p. 112. 2013)

Faz-se necessário trazer a tona a violência epistêmica embutida na tentativa de moldar o sujeito colonial como um "Outro". Esse projeto, complexo e extenso, é uma ação que visa mudar a percepção do sujeito colonizado como algo distante, estranho e fora do padrão estabelecido, subjugando-o a uma posição de inferioridade e marginalidade. O ato de classificar o sujeito colonizado como "Outro" é também um esforço de apagar de modo desigual os vestígios e as características identitárias desse sujeito em sua subjetividade precária, minando a sua autonomia e legitimidade na própria definição de sua identidade.

“O mais claro exemplo disponível de tal violência epistêmica é o projeto remotamente orquestrado, vasto e heterogêneo de se constituir o sujeito colonial como Outro. Esse projeto é também a obliteração assimétrica do rastro desse Outro em sua precária Subjetividade.” (SPIVAK, p. 60. 2010). São verdadeiras manobras de anulação da subjetividade do sujeito colonial, destacando a fragilidade e o desequilíbrio desse processo. Ele aponta para a negação deliberada das características identitárias do colonizado, revelando um apagamento das marcas e traços que definem essa subjetividade precária, privando o sujeito da capacidade de se definir, reconhecer-se e ser reconhecido em sua plenitude, resultando em uma narrativa assimétrica e dominante imposta sobre o Outro colonial.

Mulheres negras empregam a prática da esquiva/negação¹² no cotidiano para enfrentar os desafios sociais. Essa atitude é uma espécie de resistência e proteção, negando as imposições das estruturas de gênero ocidentais, de maneira fluida e habilidosa, semelhante à ginga da capoeira. Isso permite obter orientações e respostas para a vida, garantindo que elas estejam onde desejam e recusando situações que não se alinham com suas convicções. Tudo isso se desenrola por meio de um diálogo numa espécie de "roda epistemológica", ¹³ um espaço de debate e reflexão sobre a negação como uma estratégia de resistência e afirmação identitária. A dúvida é um dos elementos

¹² Movimento de defesa da capoeira em que a pessoa capoeirista desse e protege o corpo e o rosto dos movimentos de ataque

¹³ Termo cunhado por Nildes Sena na sua dissertação de mestrado “No ventre da capoeira, marcas de gente, jeito de corpo: um estudo das relações de gênero na cosmovisão africana da capoeira angola”

mais caros da brincadeira de vadição. Uma das maiores astúcias dos capoeiras é negar. A arte de esperar o inesperado versado por Heráclito é antes uma “traquinagem exusíaca”, constantemente incorporada nos jogos de corpo. (RUFINO, p.76. 2016)

Até mesmo dentro da capoeira as pretas têm uma responsabilidade ancestral diferente das mulheres não negras. Ocuparmos esse espaço é uma marcação de nossa resistência. A capoeira é um espaço sagrado de preservação da cultura que perpassa a africanidade, a historicidade negra e de tantas questões de fortalecimento subjetivo das mulheres negras que conseguem acessar a capoeiragem, para se fortalecer e fortalecer sua comunidade, ancestralidade e história. É o que encontramos nos depoimentos dessas mulheres angoleiras, iniciadas no grupo ACANNE, e nos lembrando da importância de ocupar esse espaço, dentro e fora da capoeira.

A capoeira reflete as opressões do meio social que vivemos. Dificuldades estruturais ligadas a questões de gênero e raça. Logo as dificuldades de ser mulher e preta também estão ali. Como dificuldades financeiras, mensalidade, transporte, questões de autoestima (achar que determinados movimentos fossem coisa pra homem). Percebo também a maneira como o seu corpo é tratado nas rodas, diferente de um corpo branco feminino. Percebo que somos vistas como mais “resistentes” não só no sentido físico, mas também no sentido psicológico (PARANAGUÁ, Jéssica apud MENEZES; JANJA, 2022, p. 274)

Sendo a capoeira formada por história, pessoas e subjetividades, nela são reproduzidos padrões e comportamentos que vêm de uma sociedade hegemônica, aqui traduzida pelo machismo e racismo, como também aparecem em algumas músicas da capoeira que retratam a mulher sob uma ótica machista, geralmente atrelada a estereótipos de feminilidade, ingênua, dócil, frágil. Entretanto, nessa mesma capoeiragem encontramos outros exemplos contrários, destacando a importância de haver mulheres praticando capoeira.

Como nos ensina a seguinte canção: “Dona Maria do Camboatá, ela chega na roda ela manda botar. Dona Maria do Camboatá, ela chega na roda e dá salto mortal”. Em escritos não formais, conta-se a história de que Dona Maria do Camboatá era uma mulher valente, frequentadora de bar, que jogava capoeira e tinha forte inserção na capoeiragem. Outra canção do acervo da cultura popular da capoeira diz: “eu conheci Mestre Bimba, conheci Canjiquinha e também seu Maré. Ele me disse um dia, capoeira é pra homem, menino e mulher”. Essas letras demonstram que muitos mestres antigos já registraram a presença feminina na capoeiragem e, mais ainda, alguns fortaleceram e fortalecem a importância da presença feminina, sobretudo negra, na vadição de angola. Assim como é trazido por Abib (2015) sobre como é importante ressignificar esse espaço da mulher:

A importância da mulher na capoeira vai muito além da graça e beleza que elas proporcionam a essa manifestação. A mulher sendo respeitada e valorizada numa roda de capoeira garante que esse espaço seja cada vez mais um espaço democrático, onde as convivências entre os diferentes possam significar um respeito a diversidade nesse mundo tão cheio de preconceitos e discriminações. Esse exemplo é um dos ensinamentos mais importantes que a capoeira oferece às sociedades contemporâneas (ABIB, 2015, p. 37).

E, para além das canções, cabe um recorte geopolítico do cenário soteropolitano sobre as mulheres na capoeira angolana. Em uma breve pesquisa no livro *A capoeira em Salvador*, de Simplicio et al. (2015), responsável pelo registro de instituições e mestres de capoeira em Salvador e RMS, apenas cinco têm mulheres à frente das instituições (em um total de 127 instituições, sendo elas academias e grupos). Mesmo assim, apenas três são mulheres negras e há poucas mulheres em lugares de “poder”, como contramestra, mestra e professora.

Entretanto, antes de questionar a ausência das mulheres nesses espaços, é importante refletir por que essa raridade de mulheres estejam ocupando esse lugar de mestras e contramestras: a presença e o protagonismo das mulheres têm se efetivado há pouco tempo. Então, é ainda mais complicado que elas sejam reconhecidas como personagens importantes para a capoeira, porque isso também leva muito tempo. Tendo em vista também que quem assume esse papel anterior de mestre sempre foram homens e que não podemos deslegitimar a presença e a importância deles para a manutenção dessa cultura. Até porque as mulheres que hoje se formam mestras, provavelmente, foram treinadas por homens.

Ao transitar entre gerações, resgatamos uma parcela significativa da história e do legado da Mestre Janja, uma das nossas mais velhas, e que em entrevista para o livro *Capoeira – Encontros*, do Frede Abreu, nos conta um pouco da sua trajetória de luta dentro e fora da capoeira:

O exercício da própria capoeira já veio na minha vida como exercício de organização interna. Pra gente que é mulher, negra sobretudo, que tem dificuldades ampliadas socialmente, então ter entrado na capoeira e ter conciliado essa prática com um nível de exigência muito alto, com um tempo de dedicação à capoeira muito grande e conciliar tudo isso com a faculdade foi um grande desafio. Eu transformei esse desafio no meu próprio caminho, dentro do meu curso de graduação eu comecei a encaminhar uma série de levantamentos e possibilidades de pesquisas sobre capoeira angolana. A capoeira me fez historiadora, me fez ativista política, feminista, acadêmica. Então, eu fiz vários trabalhos em campos diversos, nos estudos acadêmicos com capoeira angolana, fiz mestrado em capoeira, doutorado em capoeira angolana e agora quero fazer pós-doutorado no mesmo assunto (ABREU *et al.*, 2009, s/p).

Mestras negras e com tal formação acabam sendo uma raridade dentro da capoeira. Vivenciando todo machismo que se tem refletido dentro da capoeira, seu

processo foi ainda mais árduo quando levamos em conta suas dificuldades em conciliá-la à formação de uma carreira acadêmica, espaço igualmente hostil às mulheres, principalmente às negras. Na mesma entrevista, Mestre Janja reforça a pauta já trazida nesse texto sobre os lugares de nós, mulheres negras, no mundo da capoeira e fora dela:

Infelizmente estes números crescentes [de mulheres na capoeira] não significam que as mulheres estão na mesma situação de formação, de promoção e de autonomia dentro da capoeira. Lamentavelmente elas ainda estão confinadas nas estruturas de organização dos grupos e muito pouca coisa tem sido feita para que estas consigam conciliar às suas outras jornadas de atividades sociais, familiares e profissionais as condições adequadas para tal. Basta buscarmos neste uni-verso, observarmos quantas são as mestras, conramestras, etc. Mesmo àquelas que estão vinculadas à grupos/organizações lideradas por homens. Os grupos precisam (re)pensar por quê de não investirem na promoção destas mulheres (ABREU *et al.*, 2009, s/p).

É tida como uma grande referência para mulheres capoeiristas negras, sobretudo aquelas que também buscam seguir trabalhando com a pesquisa sobre capoeira, também no âmbito acadêmico, visando à conquista de mais lugares de poder e disputa de narrativas que favoreçam ecoar as vozes de mulheres negras nos lugares que querem nos silenciar. São nossos espaços de autoinscrição e devem pautar nossas lutas de resistência.

Seguindo esta reflexão e dando foco na questão de gênero, entendo que a capoeira não é machista, mas, a maioria, das pessoas que fazem parte reproduzem o machismo também dentro do mundo da capoeira. Assim, refletindo o que já é vivido na sociedade como um todo. Nessa perspectiva, as questões da grande roda da vida se refletem na pequena roda e dificultam a presença das mulheres negras nesses lugares de poder; de fortalecimento da sua identidade; de conhecimento e afins... tal qual na capoeira. Cabe então pensar de que modo as mulheres negras, que já estão na capoeira angola, podem utilizar dela como uma ideologia de vida e uma metodologia educacional “espontânea” para resistir contra o sistema que as oprime em diversos cenários. Quais são as possíveis “esquivas” que nós capoeiristas negras podemos utilizar nesse sentido?

Na perspectiva das práticas ancestrais da capoeira angola, mulheres negras se veem como agentes de uma resistência contra a imposição de um sujeito universal, moldado pelo viés da hegemonia eurocêntrica. Romper com as amarras de um imaginário que não as contempla é um ato revolucionário e essencial para a ressignificação de suas identidades. Na capoeira, essas mulheres encontram a chave para disputar narrativas hegemônicas e epistemologias coloniais, abrindo portais de saberes ancestrais que se contrapõem ao eurocentrismo presente nos ambientes educacionais.

O conhecimento é “chave” para o povo preto estar em disputa de narrativa da

hegemonia e também epistemológica podendo assim, abrir os “portais” de saberes através de intervenções educacionais afroperspectivistas com vista à descentralização de concepções educativas. Para romper com as ideias da pressuposição de um imaginário de “sujeito universal” que geralmente é representado por pessoas brancas, é necessário trazer concepções ancestrais e fugir do eurocentrismo colonial presente nas nossas formas de ensino escolares (NOGUERA, 2014).

Como bem trazido por Renato Noguera no trecho acima, temos uma tarefa árdua de romper com este imaginário dentro de espaços escolares também. Para isso precisamos, não só nos espaços de saberes e fazeres das culturas populares, mas também dentro do sistema escolar educativo, como a academia, escrever e reescrever nossas histórias para que possa servir como registros e materiais de formação. A luta feminina negra transcende a esfera meramente identitária, está entranhada na reconfiguração do próprio conceito de humanidade. O enfrentamento a essa injustiça histórica visa à ampliação do projeto democrático, resgatando a humanidade negada e contestando o marco civilizatório que exclui mulheres negras. A reflexão sobre identidade é muito mais do que uma mera discussão; é um chamado à ressignificação, uma busca por representatividade e uma reafirmação do seu lugar no mundo, na história e na sociedade. A capoeira, neste cenário, emerge como uma prática libertadora, onde essas mulheres se reafirmam como agentes de transformação e protagonistas de uma narrativa que desafia o status quo, como pontuado pela autora Djamila Ribeiro:

Quando discutimos identidades, estamos dizendo que o poder deslegitima umas em detrimento de outras. O debate, portanto, não é meramente identitário, mas envolve pensar como algumas identidades são aviltadas e ressignificar o conceito de humanidade, posto que pessoas negras em geral e mulheres negras especificamente não são tratadas como humanas. Uma vez que o conceito de humanidade contempla somente homens brancos, nossa luta é para pensar as bases de um novo marco civilizatório. É uma grande luta, que pretende ampliar o projeto democrático. (RIBEIRO, p. 27. 2018)

Na trilha árdua delineada por Renato Noguera, a tarefa de subverter os imaginários discriminatórios permeia não apenas os espaços culturais, mas também os recintos educacionais, incluindo a academia. Nesse contexto, é imperativo escrever e reescrever as narrativas, transformando-as em instrumentos de registro e formação. A luta das mulheres negras vai além da mera esfera identitária; ela está ligada à reconfiguração do conceito de humanidade. O enfrentamento dessa injustiça histórica visa não apenas ampliar o propósito do projeto democrático, mas resgatar a humanidade que foi negada, questionando o marco civilizatório que sistematicamente exclui as mulheres negras. A reflexão sobre identidade transcende a discussão superficial; é um apelo à ressignificação, uma busca por representatividade e uma reafirmação do lugar dessas mulheres no mundo, na história e na sociedade.

No contexto desafiador delineado, a capoeira emerge como uma prática libertadora, onde as mulheres se afirmam como agentes de transformação e protagonistas de uma narrativa que desafia o status quo, ecoando as palavras impactantes de Djamila Ribeiro acima que ressoa como uma voz que clama pela resignificação do conceito de humanidade, pela deslegitimação do poder que marginaliza algumas identidades e pela construção de um novo marco civilizatório, delineando uma luta grandiosa que aspira à ampliação do projeto democrático.

1.4 “O diabo mora nos detalhes”

Escutei diversas vezes do meu Mestre Renê a frase que nomeia esta seção, “O diabo mora nos detalhes”. O significado é amplo e pode ter narrativas diferentes de acordo com o contexto utilizado. Neste caso, vamos pensar esta frase de maneira subjetiva. Por vezes vemos os resultados e não pensamos os detalhes que acarretam a ausência de algo. Aliás, indo para o âmbito da capoeira, às vezes pensamos estar executando um movimento com excelência mas por conta de algum “detalhe” da execução, aquele movimento pode passar a ser ineficaz. Aqui neste texto, o “detalhe” é a ausência das mulheres negras nas produções acadêmicas sobre capoeira angola.

Como rabiscamos um pouco ao longo deste texto, existem algumas formas de silenciar as nossas histórias e contar apenas o lado do “dominador”. A escritora negra Djamila Ribeiro (2018) relata que “a questão do silêncio também pode ser estendida a um silêncio epistemológico e de prática política dentro do movimento feminista.”. Este silêncio é uma escolha epistemológica que distancia vozes negras da “disputa” das narrativas históricas, principalmente quando falamos sobre a capoeira. Como trazido por Ramón Grosfoguel, O racismo/sexismo epistêmico gera injustiça cognitiva ao privilegiar o conhecimento ocidental e sustentar projetos imperiais e patriarcais:

O racismo/sexismo epistêmico é um dos problemas mais importantes do mundo contemporâneo. O privilégio epistêmico dos homens ocidentais sobre o conhecimento produzido por outros corpos políticos e geopolíticas do conhecimento tem gerado não somente injustiça cognitiva, senão que tem sido um dos mecanismos usados para privilegiar projetos imperiais/coloniais/patriarcais no mundo (GROSFOGUEL, p. 25. 2016)

Me firmo no posicionamento cirúrgico de uma das maiores militantes negras brasileiras, Beatriz Nascimento, ao fazer análise sobre o discurso de Patricia Hill Collins. Ela nos lembra os desafios redobrados que são impostos, inclusive dentro de espaços acadêmicos, para que conhecimentos e falas de mulheres negras não sejam subjulgados

por conta de toda uma estrutura racista e patriarcal que amputa oportunidades de escrita para nós, pretas:

[...] Patricia Hill Collins, em *Pensamento feminista negro*, se debruça sobre a construção de uma epistemologia feminista negra ante as barreiras de raça, gênero e classe no espaço acadêmico norte-americano Segundo a autora, grupos de "conhecimento subjulgado, como o pensamento das mulheres negras, devem se desdobrar a mais para convencer uma comunidade acadêmica hegemônica "homens, brancos, de elite e que se declaram hetero". Algo semelhante se deu no Brasil: o questionamento do racismo e seus efeitos, do mito da democracia racial e das condições de vida da população negra ganha contornos especiais na escrita de mulheres negras que tratam da corporeidade, da subjetividade, das famílias e comunidades [...] (NASCIMENTO, 2021, p. 19)

O racismo epistemológico é muito mais comum do que imaginamos. Ele contamina a sociedade em diversas camadas, e uma delas é a produção de conhecimento, conforme apontado por Patricia Hill Collins e Beatriz Nascimento. Nascimento, ao traçar um paralelo entre a construção do pensamento feminista negro nos Estados Unidos e no Brasil, revela a resistência enfrentada pelas mulheres negras para validar suas experiências e saberes em um espaço acadêmico dominado por uma elite branca e masculina. Esse processo de deslegitimação, que Collins chama de “conhecimento subjulgado”, impõe desafios adicionais às mulheres negras, que precisam desdobrar-se não apenas para produzir conhecimento, mas para fazê-lo ser reconhecido como legítimo em uma estrutura hegemônica. A conceituação do filósofo negro e carioca Renato Nogueira deixa bem nitido o funcionamento desta sistematização:

Aqui racismo epistêmico remete a um conjunto de dispositivos, práticas e estratégias que recusam a validade das justificativas feitas a partir de referenciais filosóficos, históricos, científicos e culturais que não sejam ocidentais. Em outras palavras, o projeto epistemológico moderno estabeleceu critérios para distinguir o que é conhecimento válido do que não é conhecimento. Com isso, o conhecimento gestado dentro de um desenho geopolítico ocidental é privilegiado em relação aos outros. (NOGUERA, 2014, p.27)

A partir da reflexão trazida pelo filósofo entende-se que existem ausências no tocante aos processos de produção de conhecimento. Dessa ausência traremos o debate a partir da afroperspectiva para consultar as produções e investigar o porque desses discursos não se avizinham e quais as perspectivas de mudança para este cenário. Segundo Nogueira (2014, p.44) em linhas muito gerais, afroperspectividade significa uma linha ou abordagem filosófica pluralista que reconhece a existência de várias perspectivas. Sua base é demarcada por repertórios africanos, afrodiáspóricos, indígenas e ameríndios.

A partir da provocação de Renato Nogueira, evidencia-se a lacuna nos processos

de produção de conhecimento, motivando uma abordagem afroperspectivista para entender por que determinados discursos permanecem distantes e explorar perspectivas de transformação nesse panorama. Nogueira (2014) delinea a afroperspectividade como uma abordagem filosófica pluralista, fundamentada em repertórios africanos, afrodiaspóricos, indígenas e ameríndios. Essa perspectiva revela a necessidade de uma análise que considere integralmente marcadores sociais, como raça e racismo, ao abordar questões e discursos, como o papel das mulheres negras na capoeira angola.

Esta compreensão nos mostra que não podemos analisar nenhuma questão e nem narrar discursos sem a atenção, de corpo inteiro, para marcadores sociais como raça e racismo. Em minha análise, chega a ser paradoxal falar da mulher na capoeira angola, por exemplo e não trazer como protagonista as mulheres negras.

Acho que um dos incômodos silenciosos que rodeiam o modo como um discurso sobre raça e gênero, classe social e prática sexual perturbou a academia é exatamente o desafio a essa cisão entre mente e corpo. Quando começamos a falar em sala de aula sobre o corpo, sobre como vivemos no corpo, estamos automaticamente desafiando o modo como o poder se orquestrou nesse espaço. institucionalizado em particular. A pessoa mais poderosa tem o privilégio de negar o próprio corpo. (HOOKS, p. 183. 2017)

A reflexão de bell hooks (2017) adiciona uma dimensão crucial a esse debate ao questionar a cisão entre mente e corpo. A autora destaca o incômodo silencioso provocado pelo discurso sobre raça, gênero, classe social e prática sexual na academia, desafiando a estrutura de poder que historicamente separou mente e corpo, especialmente nos espaços institucionais. Ao trazer o corpo para o centro da discussão em sala de aula, questionamos e desestabilizamos o poder arraigado nessas estruturas. hooks ressalta que a pessoa mais poderosa muitas vezes desfruta do privilégio de negar o próprio corpo. Nesse sentido, a abordagem afroperspectivista se alinha com a provocação de hooks, destacando a importância de romper com a dualidade mente-corpo e reconhecer o corpo como um território fundamental para a compreensão integral das experiências humanas, especialmente quando se trata de questões de raça e gênero na capoeira angola e além.

CAPÍTULO 2

2. BIBLIOTECAS VIVAS DA CAPOEIRA

Precedendo o meu anseio pela escrita, pesquisei por meios digitais o que já vem sendo produzido sobre “mulher e capoeira” e “gênero e capoeira”. São sobre os resultados

encontrados que irei contar um pouco mais nesse capítulo. Os bancos de dados que foram pesquisados foram: Capes Periódicos; Repositório UFBA; Saber Aberto – Repositório da UNEB; UESC; IFBA; UFRB; SCIELO; BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e acervo acadêmico FGV – Fundação Getúlio Vargas. Acredito que devem existir algumas outras produções, como artigos, fora desses repositórios, mas focalizei dentro desses espaços para direcionar mais a pesquisa.

Desses bancos citados, em quatro deles não foram encontrados nenhum registro de produções contendo os descritores indicados, algo que me chocou muito. O resultado dessa pesquisa gerou apenas 23 textos, sendo que alguns deles se repetiam em algumas plataformas, totalizando 20 textos. Após pesquisa, é notório que os registros acadêmicos, com a temática citada, são recentes e por vezes ainda incipientes. O texto mais antigo encontrado foi o “Capoeira: A gramática do corpo e a dança das palavras” publicado no ano de 2005 escrito por Maria José Somarlete Barbosa. Depois desse texto, existe uma maior produção a partir do ano de 2015 até 2021.

Outra perspectiva fundamental de ser analisada é a quantidade escassa de textos que abordem a intersecção de gênero, capoeira e racialidade. Apesar de ser uma temática abordada na maioria dos escritos, só em 3 textos, essa temática foi a que orientava toda produção. Após pesquisa, os textos encontrados, que abordam como temática principal a intersecção de gênero e relações étnico- raciais, foram o de Ivanildes Teixeira Sena (2014), Maria Zeneide Gomes da Silva (2017) e Verônica Navarro (2018).

A produção de Ivanildes Teixeira Sena, mais conhecida como Nildes Sena, que é uma mulher negra de “corpo encapoeirado” (como a mesma se intitula), tem como título “No ventre da capoeira, marcas de gente, jeito de corpo: um estudo das relações de gênero na cosmovisão africana da capoeira angola” Dissertação apresentada à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, para obtenção do título de Mestre em Crítica Cultural. A proposta de Nildes Sena é utilizar das suas inquietações para falar sobre a capoeira, sob a cosmovisão africana, e a partir disso discutir sobre questões de gênero analisando com esta cosmovisão. Ela inicia o texto primeiro apresentando o que ela entende enquanto capoeira brevemente e depois a apresentação de uma perspectiva de gênero que foge da proposta binarista e da performance. A autora questiona as definidas “tradições cristalizadas do colonialismo” das definições do que é ser homem/mulher. Apresenta um estado da arte focado nas palavras capoeira e gênero apresentando os textos de mestrados acadêmicos que abordam as temáticas arroladas no processo de escrita da dissertação e

verifica lacunas importantes em relação a perspectivas da cosmogonia africana e o gênero que negam o aparato colonial.

Logo em seguida a Sena apresenta o contexto histórico e cultural da feitura dos escritos. Trazendo diversas análises sobre conceitos e entendimentos culturais de diversos autores. Depois disso apresenta quem são as interlocutoras da sua pesquisa e como cada uma vive o seu corpo encapoeirado desde sua existência. São 5 mulheres com idades e formações distintas, religiosidades diversas e várias maneiras de vivenciar esse espaço de mandinga que é a capoeira e também a roda da vida. A Rainha Nzinga tem um destaque especial no texto em que se apresenta quem ela foi, sua importância para a sociedade e para a história como um todo, não só da capoeira. Traz referências muito bonitas e bem elaboradas da rainha. É muito interessante como, Nildes, vai contando a história da rainha e dialogando com as mulheres que são interlocutoras de sua dissertação. De forma sutil e muito conectada. Ela dá voltas na roda da escrita entre as mulheres e a rainha de Matamba. Deixa a leitura leve e presente no passado, presente e futuro!

Ivanildes Sena demonstra a importância de nós, enquanto povo negro, desaprender muitos ensinamentos que nos foram passado por óticas colonizadas. Fugir da lógica do ‘síndrome do colonizado’ e a busca incessante pela desobediência epistemológica a partir da cosmologia africana. A leitura desse texto foi muito importante para a construção da minha escrita. É um texto que tem quase 10 anos de escrito e permanece muito atual e trazendo perspectivas interessantes e fundamentais para as investigações e compreensões sobre gênero, capoeira, questões raciais. Ainda mais por condizer também com o território de Salvador-Ba.

O segundo texto é “Movimento Capoeira Mulher: Saberes Ancestrais e a Práxis Feminista no Século XXI em Belém do Pará” escrito por Maria Zineide, mulher negra do Pará, tem como objetivo refletir sobre a trajetória de mulheres da capoeira que atuam ou fazem/fizeram parte de um movimento de luta por direitos e garantia de melhores condições no interior dos grupos e associações de capoeira. Para embasar essa análise, a autora inicia o texto abordando questões da macro política, o cenário do Brasil do que diz respeito a mobilizações, leis e afins no momento da escrita da dissertação. Partindo desse pressuposto que a estrutura política do Brasil silencia narrativas de gênero e raça e por isso, ela apresenta que movimentos políticos como o que ela vai apresentar são formas de contrapor narrativas e maneira educativas.

Sua pesquisa é direcionada para pesquisas de capoeira e gênero, então sua primeira iniciativa foi o estado da arte com foco nas cidades de Salvador e Rio de Janeiro, por serem referências históricas da capoeiragem e em Belém por, em 2013, a cidade ter passado por um processo de Salvaguarda da Capoeira do Pará, conduzido pelo IPHAN.

Ela conseguiu entrevistar, de maneira não estruturada, 26 mulheres que compõem o MCM. Uma quantidade grande e que lhe deu muitas possibilidades de escrita. Apresentou um breve histórico da capoeira paraense. Ao longo do texto foi contando histórias das intervenções realizadas pelo movimento durante 15 anos de ações de movimento social e de luta de gênero dentro da capoeira.

O último é a produção Verônica Navarro de significativa importância de reconhecer outras bases culturais como epistemologia. A autora apresenta sua história sendo uma mulher argentina experienciando a capoeira Angola em Salvador Bahia e traz suas análises sobre as questões que envolvem a América Latina na vivência das gingas. Apresenta de início, como aconteceu o processo de miscigenação no nosso continente e como isso corrobora para a construção falida de identidade cultural baseada nas realidades eurocentradas. No momento de apresentação histórica ela apresenta como que existiu um processo de branqueamento e folclorização das culturas afro brasileiras aqui no Brasil.

Se pessoas brancas continuarem falando sobre pessoas negras, não vamos mudar a estrutura de opressão que já confere esses privilégios aos brancos. Nós, negras e negros, seguiremos apartados dos espaços de poder. E nossa luta existe justamente por causa dessa separação. De modo que não podemos seguir apartados do movimento formado para combater justamente isso. (RIBEIRO, p. 82. 2018)

As vozes das mulheres negras angoleiras são vitalmente necessárias para mudar o cenário de opressão histórica que concedeu privilégios àqueles com a pele branca. Contar nossas próprias histórias, narrar nossa própria experiência é um ato de resgate da identidade e uma forma de desafiar a separação imposta nos espaços de poder. Se permitirmos que somente pessoas brancas falem sobre as narrativas e experiências negras, estaremos perpetuando a marginalização e a exclusão, mantendo-nos apartados de movimentos cruciais que visam combater essa realidade. Nossa luta por espaço, reconhecimento e voz é fundamentada na reivindicação de narrativas autênticas, capazes de refletir a complexidade e a riqueza das experiências das mulheres negras na capoeira e em outros âmbitos. A busca por equidade não só exige, mas celebra a diversidade de vozes, reconhecendo a importância de nos ouvirmos, de nos contarmos e nos representarmos. A citação de Djamila Ribeiro destaca a necessidade premente de permitir

que as mulheres negras assumam seu lugar nos discursos, na academia e em todas as esferas sociais, abrindo caminho para uma representação autêntica e pluralista que desafie a divisão e promova a inclusão.

Destaco que quando fiz o estudo da arte foquei nas produções acadêmicas dos repositórios citados e essa investigação foi feita no início do ano de 2021. Entretanto, fora esta pesquisa focalizada, é importante pontuar que 3 livros foram lançados em Salvador durante a pandemia e são livros que enriquecem a produções e tem as três temática arroladas acima, sendo os livros: “O legado de Ritinha da Bahia: mulheres no jogo da resistência” organização de Christiane Nicole Zonzon; “Mulheres que Gingam” – Organização de Mestra Janja Araújo, Elizia Ferreira e Renata Silva; “Mulheres incorrigíveis” de Paula Juliana Foltran.

Para finalizar, reforço a importância de retirar as pautas da invisibilidade, principalmente ao se considerar a escassez de produções direcionadas às mulheres negras na capoeira angola. Isso vai além de simplesmente trazer essas questões à luz, pois implica reconhecer a vital necessidade de uma análise interseccional, capaz de abordar a complexidade das experiências e desafiar visões generalizantes que resultam em exclusão. Quando as pessoas negras reivindicam o direito à voz, estão reivindicando, fundamentalmente, o direito à vida. A invisibilidade não é meramente uma questão de ausência de visibilidade, mas sim uma condição que, historicamente, levou à marginalização e à perda de vidas. Essa reflexão nos instiga a reivindicar um espaço para as narrativas das mulheres negras na capoeira angola, reconhecendo que essa reivindicação não é apenas por representação, mas sim pela própria existência.

Tirar essas pautas da invisibilidade e um olhar interseccional mostram-se muito importante para que fuçamos de análises simplistas ou para se romper com essa tentação de universalidade que exclui. A história tem nos mostrado que a invisibilidade mata, o que Foucault chama de “deixar viver ou deixar morrer”. A reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida. (RIBEIRO, p. 42. 2018)

A citação de Djamila Ribeiro ressalta como a invisibilidade imposta às pessoas negras é uma forma de violência que afeta suas vidas e trajetórias. Ao evocar Foucault, Ribeiro reforça que, quando as pessoas negras reivindicam o direito à voz, estão, na verdade, lutando pelo direito à própria vida. Esse olhar interseccional nos permite escapar de análises simplistas e enfrentar a exclusão que a universalidade impõe. Por isso, finalizamos este capítulo abrindo os caminhos para conhecermos as vidas de quatro

mulheres negras angoleiras e soteropolitanas que estão deixando seu legado no universo angoleiro, na educação e na vida de outras mulheres negras como eu.

2.1 Mestra Jararaca

Valdelice Santos de Jesus, mais conhecida como Mestra Jararaca, ressaltando que prefere inclusive ser chamada assim, me cativou desde a primeira vez que ouvi seu apelido. Ainda mais quando soube que ela foi a primeira mulher a receber o título de mestra na capoeira angola. O melhor de tudo: esta biblioteca ambulante da capoeira está vivíssima e cheia de conhecimento para passar. Projetar os encontros com a Mestra foi como realizar um sonho. Tem gente que quer conhecer pessoas do exterior e louvar mestres que não estão mais neste plano espiritual, mas esquecemos as vezes de valorizar quem está aqui pertinho da gente.

A mestra mora em Salvador (Bahia) no bairro de Santo Antônio Além do Carmo. Cacei seu número com pessoas conhecidas e fui pergunta-la, toda sem jeito, se ela toparia fazer parte dessa jornada comigo. Não queria que fosse apenas um encontro ou uma entrevista. Eu queria realmente conhece-la, tomar um cafezinho, quem sabe, ir em uma praia...

Depois de breves conversas no *Whatsapp* e desencontros virtuais conseguimos marcar nosso primeiro encontro. Meu/minha caro/a leitor/a, tenho que te dizer que este momento com a Mestra me foi muito mais valioso que muitos semestres dentro da universidade. Fui recebida, na manhã do dia 22 de novembro de 2021, uma segunda-feira ensolarada com muito carinho em sua casa e fiquei encantada como toda a sua simplicidade exalava conhecimento. Não posso deixar de destacar que toda a dissertação foi escrita em anos de pandemia da COVID-19. Todo encontro precisava de uma certa segurança e cuidado. Me mantive o tempo inteiro de máscara e deixei a mestra bem à vontade, assim como ela também me permitiu estar como fizesse mais sentido para mim. Sentadas no sofá de sua sala, conversamos muito sobre sua vida. São essas histórias e reflexões que compartilho com vocês.

Mestra Jararaca é crescida e criada no Santo Antônio Além do Carmo, tem 48 anos, é filha de estivador e lavadeira. Mãe de dois filhos. Infelizmente, o seu filho mais novo “Deus levou”. Tem três netos/as. Nasceu em uma família de classe média baixa em que sua casa não tinha luz, não tinha fogão e não tinha cama para todo mundo. Então alguns dormiam no chão. Ela foi ousada, o pai não queria, mas ela ia e fazia. Foi assim

com a capoeira. Nessa sagacidade e persistência que Valdelice tornou-se a Mestre Jararaca. Mestre de capoeira angola formada pelo Mestre Curió.



Figura 1- Mestre Jararaca tocando berimbau (fonte: <https://proext.ufba.br/1a-edicao-de-au-ufba-e-osas-mestresas-de-capoeira>)

Sua história na capoeira se inicia quando ela vê sua irmã mais velha, Mestre Ritinha, indo treinar capoeira. A sua irmã era discipula do Mestre João Pequeno. Como contei no parágrafo anterior, o seu pai não gostava que ela andasse na rua fazendo coisas de “menino”, como jogar bola ou até mesmo jogar capoeira. Naquele tempo, uma ideia que prevaleceu por muito foi que a capoeira era um ambiente feito exclusivamente para homens e meninos. Então, seu pai não queria que ela estivesse nesses espaços. A relação paterna era sempre muito delicada. Esta referência masculina, batia toda vez que via a menina Valdelice jogando bola na rua. Não foi muito diferente com a capoeira.

Meu pai ia me buscar no santo Antônio que tinha um campo grande em frente a igreja, meu pai não gostava que eu jogasse bola e nem andasse de bicicleta, dizia que mulher que andasse de bicicleta ficaria com as pernas abertas. Eu adorava andar de bicicleta e ai eu andava escondido. E futebol porque era de homem e eu não era moleque macho para ficar jogando de futebol e era o que eu mais gostava. Sempre jogava. Sempre gostei. Até os 17/18 anos, sempre joguei. Jogava escondido. (Mestra Jararaca, 2022)

Jararaca foi atrás da irmã em um dia foi conhecer um pouco sobre essa capoeira que a irmã Ritinha estava praticando. Ela gostou e começou a praticar às escondidas para que seu pai não soubesse onde ela estava. Desde os onze anos ela estava no mundo da capoeira. Apesar de ter tido que se afastar, quando voltou em 1989 ela já se tornou

Professora no grupo do Mestre João Pequeno, diz ela, “Eu vim da academia do João Pequeno durante 5 anos e 5 meses. Cheguei a ser professora – porque na época não tinha essa coisa de ser treinel, era professora – depois em 94 me afastei da academia [...]” (Mestra Jararaca, 2022).

Depois de algumas demandas pessoais e interpessoais com o grupo do Mestre João Pequeno, Jararaca, deixou de frequentar o grupo. Um tempo depois, passou a ser discipula do Mestre Curió. Neste grupo/comunidade/roda, ela começou do “zero” a nível de cargo na capoeira. Mas foi aos poucos sendo formada a Contramestra e em 2001 foi formada pelo seu mestre como a Mestra Jararaca.

Uma tradição bem interessante na capoeira é que quando esta prática era ilegal, no Brasil, para que os capoeiras não fossem reconhecidos eles utilizavam um apelido, que seria como um nome de guerra para não ter seu nome associado a algo que era proibido. Assim, as pessoas recebiam seus apelidos e em ambientes de capoeira só eram chamados daquela forma para que seu nome verdadeiro não chegasse aos “ouvidos” da polícia.

Apesar da capoeira já ser legalizada, esta tradição de receber apelidos se manteve. Geralmente, os apelidos têm alguma relação com seu jeito de jogar, com algum elemento forte que você carrega na sua história de capoeira e a relação que isso pode ter com algum elemento da natureza ou personagem marcante para o inconsciente coletivo. A Mestra me contou um pouco sobre o porquê que o Mestre Curió a batizou com um nome de cobra:

Meu apelido dado por Curió não ia ser Jararaca, no dia do evento ele pegou e falou assim (isso foi quando eu me tornei Treinel) eu vou botar o nome dela ‘casca....’Jararaca’. Ele ia botar o nome Cascavel e ai mudou e colocou Jararaca. Ainda bem porque Cascavel é um nome horrível, prefiro Jararaca. Eu não sabia o porquê Jararaca. E ai um dia eu fui e perguntei ao mestre: ‘mestre, porque Jararaca?’; ele disse: ‘você não sabe não é?’; eu disse: ‘não’.; Ai ele pegou e disse que era porque eu na roda me movimento de uma forma muito perigosa e sou como uma cobra Jararaca que amarro o bote e espero a hora: se fora pra dá, dá. E se for para pegar no lugar, pega. A cobra ela é assim né? Primeira arma o bote e depois espera para poder atacar mas ela só ataca no lugar que quer né? Ele disse que eu sou assim.

Este apelido de capoeira, geralmente, vem de alguém que observa o seu jogo, geralmente o seu mestre ou mestra. É muito interessante observar que quando jogamos capoeira o nosso corpo está o tempo todo construindo e escrevendo histórias. O jeito que a Mestra joga, contava uma narrativa sobre sua postura, enquanto angoleira, que ela não precisou oralizar e o seu Mestre curió conseguiu perceber essas entrelinhas e batiza-la dessa forma.

2.1.2. “Capoeira ta no sangue”

Seguindo nas gingas das reflexões, além dessa relação com os apelidos e tudo o que já foi trazido até então, Valdelice não hesitou ao contar sobre a valorização do seu Mestre, mesmo após ter migrado de grupo e construído sua história em outro espaço. O seu posicionamento é um aprendizado que ela teve com o seu Mestre Curió sobre a valorização da primeira pessoa que te ensinou as primeiras gingas:

Eu passei por tudo isso [recomeço no grupo de Curió] sem esquecer o que eu aprendi... Até porquê o meu Mestre Curió sempre disse pra gente que a gente não pode esquecer da primeira pessoa que nos deu a mão pra gente poder começar a andar. Então a gente nunca pode desprezar o seu mestre. Mesmo que não esteja mais com ele. Mas a gente tem que se lembrar quem foi o seu primeiro mestre, quem foi seu primeiro pai. (Mestra Jararaca, 2022)

Além de referenciar com constância o Mestre João Pequeno, a Mestra também enfatizou que a capoeira tem alguns mestres que tem mais visibilidade ou estão mais nos holofotes, na historiografia da capoeira angola e que acabam sendo admirados e idolatrados pela maioria das/dos angoleiras/os, mas que apesar disso, ela tem o Mestre dela como seu maior ídolo. O respeito, carinho e admiração que vamos construindo com os/as nossos/as mestres/as são pilares fundamentais para que seja construído um processo de dedicação e aprendizado mais profundo da capoeira. Quando ela foi falando da sua idolatria em relação ao Mestre Curió, eu automaticamente, me identifiquei completamente com a minha relação com o meu Mestre. Porque são com eles que aprendemos as nuances e detalhes da capoeira angola:

Então por isso que me sinto tão à vontade para falar sobre o mestre João Pequeno sobre o meu início na capoeira e falar do Mestre Curió que é o meu maior exemplo né, de capoeira. Como mestre... sem desmerecer os outros. Mas ele é meu ídolo. Todo mundo tem como referência o mestre Pastinha, mestre Bimba, Ezequiel, um sei quem, bigodinho, traíra, Aberrê... Mas o meu ídolo na capoeira é o Mestre Curió. Respeito e admiro a história de cada um deles, mas se for pra escolher entre Mestre Pastinha e Mestre Curió eu escolho curió. (Mestra Jararaca, 2022)

Depois de reforçar sua idolatria a Mestra também toca em um ponto muito importante que está nas entrelinhas: a linhagem é importante não só na compreensão de quem veio antes. Conecta com explanação de Hampatê Bâ (p. 203. 2010) todo africano tem um pouco de genealogista e é capaz de remontar a um passado distante em sua própria linhagem. Do contrário, estaria como que privado de sua “carteira de identidade”. A linhagem na capoeira também é entender que a pessoa com quem você aprende, carrega no seu corpo, narrativas e discursos, os conhecimentos e posturas da pessoa que ele aprendeu convivendo. Ela aprendeu com o Mestre Curió, ela conviveu com o Mestre Curió. Este seu Mestre carrega a memória ancestral, por exemplo do Mestre Pastinha:

Aí tem gente que vai falar assim "meu deus como ela vai falar isso" ... pois eu falo. Porque quem aprendeu com o Mestre Pastinha foi meu mestre não fui eu. Quem sabe da história e quem viveu o mestre pastinha foi o meu mestre não fui eu. Meu mestre valoriza o que ele aprendeu com o mestre dele e passou pra mim. Para seus discípulos e alunos. E eu tenho que valorizar o que eu aprendi com meu mestre. [...] Sempre disse que meu ídolo na capoeira é Mestre Curió e Mestre João Pequeno. Apesar de ter começado com o Mestre João Pequeno, mas Curió é meu ídolo, tá entendendo? mas aí depois de Curió vem João Pequeno. Ou então nem um nem outro, nem um na frente nem outro atrás: os dois. Meus ídolos na capoeira angola é Curió e João Pequeno. (Mestra Jararaca, 2022)

Apesar da admiração e de ter homens como Mestre Curió e João Pequeno como seus verdadeiros ídolos, não podemos fugir do machismo, esta instância que persegue nossa trajetória enquanto mulheres a todo instante/em todo tempo... A reprodução massiva do patriarcado, pelos homens, dentro das rodas de capoeira é algo desanimador. Estamos sempre sendo testadas. Testadas para ver se realmente temos potencialidade de, por exemplo, está dentro de uma roda de capoeira e dar show como a Mestra Jararaca dá. Existe uma estrutura tácita de deslegitimação a presença feminina e isso fica nítido nas rodas e nos processos capoeiranos.

Por isso, acabamos criando estratégias para fazer uma esquivada nessas formas de silenciamento, inclusive através dos diálogos de corpos nos jogos de capoeira angola. Existem alguns relatos de violência física (além de todas as violências verbais que podemos passar nesses ambientes, e também fora dele) com relação às mulheres. Jararaca foi bem incisiva quando me contou sobre não deixar a “peteca cair” e estar constantemente em estado de atenção para não cair nas amarras e abaixar a cabeça para estas violências. Como a capoeira é uma ferramenta de defesa, uma luta, não podemos deixar de pontuar essa sua influência e objetivo. Então, é usar dos movimentos da capoeira como ataque para se proteger da cólera patriarcal, como a mestra bem pontua:

Eu já fui dentro de roda de capoeira, já tomei murro na cara, já tomei tapa na cara, já tomei desequilibrante de homem com raiva por eu ser mulher. Também já dei. Já dei murro na cara também de homem safado descarado. Dentro da roda. Comigo não tem essa não. Se não pode dentro da roda então vamos para rua. Até hoje eu sou assim. Se não pode na roda e alguém me chamar para ir pra mão eu vou. Então na roda de capoeira, você tem que ser capoeirista. Você não tem que dar murro na cara, tapa na cara... A nossa mãe não bate na nossa cara e aí vem alguém e quer fazer isso? Não. Aí eu sei que já me fizeram isso e nunca ficou em vão. Nunca deixei em vão. Como mestra, como contramestra já me testaram. E minha vida toda dentro de capoeira [...]. (Mestra Jararaca, 2022)

Ainda assim, cabe a reflexão sobre como esses testes e violências geralmente são feitos por homens. Em sua fala, Valdelice, destaca que as mulheres geralmente tinham uma outra postura. Existem questões maiores para serem trazidas nos jogos de angola

entre mulheres. Ela enfatiza também que os tipos de jogo de pessoas praticantes da capoeira regional e da capoeira angola acabam sendo diferentes umas das outras.

Mas a mestra garante que a postura entre mulheres angoleiras no jogo de capoeira tende a cultivar o respeito. A brincadeira de pergunta e resposta, por mais que seja intensa, é feita toda durante o próprio jogo e não fora dele. O que de fato faz parte dos rituais de capoeira mesmo. Durante o jogo pode até existir movimentos de defesa e ataque, vide que estamos a todo tempo, conversando com o corpo da outra pessoa através de movimentos de luta.

Sempre que eu entrei na roda as mulheres me respeitaram, a que não me respeitou e aí a Jararaca pegou. Mas de leve assim. Só pra espantar. Só pra dizer assim: 'eu não quero te machucar'. Porque eu sou mulher e sei onde eu posso machucar uma mulher. Eu sei meus pontos fracos. Então calma aí. Nunca tive problema nenhum entre mulher. As vezes tinha assim quando era angola e regional, regional e regional. As mulheres sempre gostavam de se pegar mas assim, na roda de angola era mais jogo duro de enfiar o pé e resolve ali nada de soco murro... essas coisas que homem que não sabe jogar quer se aproveitar e quer fazer. (Mestra Jararaca, 2002)

Outra reflexão, não destoante das reflexões que já estamos tendo sobre esse lugar da violência masculina na capoeira (porque também está ligado ao patriarcado), o diálogo com a mestra trouxe uma consideração importante que pode passar despercebido aos olhos de quem não ginga. Jararaca pontua que sua experiência de trabalhar por horas em pé tende a trazer dores na lombar durante o trabalho, devido à posição de ficar em pé por um tempo prolongado.

Mas, curiosamente, nunca sente dor quando pratica capoeira. Algo interessante de se analisar porque a capoeira parece ter um efeito terapêutico sobre o corpo dela. Fazendo com que se compenetre apenas no jogo e não na dor ou desconforto que ela possa sentir. O que sugere que a capoeira pode ter realmente um efeito muito positivo para a saúde física e mental. Para além de todos os benefícios que vamos aprofundar cada vez mais durante esta dissertação, o processo de transe presenciado na capoeira é algo que fica até difícil de explicar porque organiza uma forma de agir que é como se o corpo pudesse ganhar vida de uma forma diferente enquanto está em movimentos de mandinga. Ou até mesmo pensar uma anestesia do corpo.

No trabalho eu fico com alguns incômodos na lombar porque passo o dia todo em pé... mas na capoeira eu nunca senti nada! Até quando eu tava com alguma dor eu dava um jeito de jogar capoeira. Mesmo com pé doendo. Mas na hora que eu entrava, apertava a mão para jogar eu não sentia nada. (Mestra Jararaca, 2022).

Este trecho me recorda um conceito que é cunhado, academicamente, por Decânio Filho (2002), porque acredito que pelas rodas da vida já pudesse ser algo comentado pelos mestres e mestras, que é o termo “Transe Capoeirano”. O "Transe Capoeirano" é um estado de espírito que é alcançado através da prática da capoeira, caracterizado pela conexão profunda entre o corpo, a mente e a música. Esse estado é marcado pela perda de autoconsciência e pela intensa presença no momento presente, onde o praticante se entrega completamente ao jogo de capoeira.

O autor que fala sobre o "Transe Capoeirano" é Nestor Capoeira (2002), um dos maiores pesquisadores e difusores da capoeira no Brasil e no mundo. Em seu livro “Capoeira: Os fundamentos da malícia” (2002), Nestor Capoeira descreve esse estado de transe como um momento em que o praticante de capoeira se liberta de todas as suas preocupações cotidianas e se entrega ao jogo, tornando-se um com a música, os movimentos e a energia do ambiente.

Segundo Nestor Capoeira, o "Transe Capoeirano" é um estado essencial para a prática da capoeira, pois permite que o praticante desenvolva sua intuição, sensibilidade e criatividade, além de favorecer a conexão entre o corpo e a mente, aprimorando a capacidade de reação e tomada de decisão durante o jogo.

Existem nas rodas de capoeira diversos rituais para que uma energia de conexão com a ancestralidade possa ser criada e cultivada durante este encontro. Temos como exemplo a roda ser em formato circular e que não se pode deixar nenhum buraco nela porque a energia pode se dissipar. Iniciar a roda sempre com uma ladainha, que é um tipo de canção que conta uma história e é como se fosse uma oração. Todas essas ritualizações vão fazendo com que a pessoa capoeirista possa se sentir imersa em um processo coletivo, mas que ao mesmo tempo é individual. A música, o movimento, a energia e tantos outros aspectos do ambiente capoeirano conduzem nossos corpos realmente para um estado diferente do comum e por isso que acaba sendo algo como um transe. O mestre Decânio explica esse transe da seguinte forma:

O capoeirista deixa de perceber a si mesmo como Individualidade consciente, fusionando-se ao ambiente em que se desenvolve o jogo de capoeira. Passa a agir como parte integrante do quadro ambiental e procede como se conhecesse ou apercebesse simultaneamente passado, presente e futuro (tudo que ocorreu, ocorre e ocorrerá a seguir), ajustando-se natural, insensível e instantaneamente ao processo atual. (FILHO, p.5. 2005)

Todo esse processo de transe que acontece não só no momento da roda, mas com os treinos, a mente pensante que não deixa de ser capoeira em nenhum segundo e tantas

outras lógicas acabam sendo aprendizados inconscientes que agregamos a partir da capoeira. Aprendizados que não poderiam ser sistematizados em uma matéria de um semestre acadêmico.

Dessa troca que parece simples, mas tem uma profundidade grande, esses diálogos com a Mestre me fizeram repensar algumas lógicas de valores sociais que tinha e a compreensão do meu eu feminino. Além dessas análises sobre seus ídolos, a relação dela com a capoeira e o seu corpo indolor, quando está em ambientes de mandinga, para acrescentar essas considerações sobre a presença dela na capoeira, eu a perguntei se ela não queria ter seu próprio grupo e quem eram seus discípulos.

Vale pontuar que os/as discípulos/as na capoeira angola são de fundamental importância para manter o legado da existência de um mestre ou mestra e não deixar seus conhecimentos morrerem. Na capoeira angola prezamos muito pela permanência das linhagens. Ou seja, que saibamos de onde viemos: quem foi o mestre do seu mestre? Por exemplo, na ACANNE temos até um corrido que enfatiza a nossa linhagem: “tenho orgulho de saber de onde sou / de saber de onde venho / e de saber para onde eu vou / minha linhagem é Aberrê / Canjiquinha, Paulo dos Anjos ensinou Mestre Renê”. Não é à toa que a oralidade e os conhecimentos transmitidos assim estejam manifestados em corridos e ladainhas, pois enfatizam algo que Hampaté Bâ conta como primordial sobre a herança deixada pelos mais velhos e o poder que a palavra tem:

Agora podemos compreender melhor em que contexto mágico-religioso e social se situa o respeito pela palavra nas sociedades de tradição oral, especialmente quando se trata de transmitir as palavras herdadas de ancestrais ou de pessoas idosas. O que a África tradicional mais preza é a herança ancestral. O apego religioso ao patrimônio transmitido exprime-se em frases como: “Aprendi com meu Mestre”, “Aprendi com meu pai”, “Foi o que suguei no seio de minha mãe”. (HAMPATÉ BÂ, p.174. 2010)

Quando a questioneei sobre esses processos ela pontuou que atualmente seus discípulos são seus filhos, seus netos, sua família. Eles vão manter o seu legado vivo e ainda me trouxe algo muito importante que nós mulheres precisamos aprender:

Eu preciso viver minha vida de capoeira, dar minha aula, fazer meus instrumentos, fazer minhas camisas que eu gosto. Quero viver de e para capoeira. Eu quero passar para as pessoas o que eu aprendi. Deixar meu nome aqui com trabalho individual. Carreira solo e viver minha vida até o dia que Deus e os Orixás permitirem. (Mestra Jararaca, 2022)

Indiretamente ela pontuou que quer também escrever sua própria história. Desassociar do seu mestre, uma liderança masculina, mas poder criar sua narrativa, cativar discípulos/as e criar um grupo que inicie sua história a partir dela. Ser uma

liderança feminina na capoeira angola ainda está sendo um espaço conquistado. Sem esquecer de quem a ensinou. Mas seguir “carreira solo” é muito importante para que ela escreva com suas próprias mãos, e nesse caso, com seu próprio corpo a sua história.

2.1.3. Afinal, o que é ser uma mestra?

Por falar em criar sua própria história, se faz necessário entender o que é ser mestra na capoeira angola. Um cargo que tem muitas responsabilidades e significados diferentes para o público das culturas populares e da academia. No ambiente acadêmico, o mestrado é uma formação profissional *strictu sensu*, ou seja, tem uma carga horária maior do que uma pós-graduação *lato sensu* e ao finalizar o curso, o estudante se torna especialista em uma determinada área/conteúdo. Esta formação dura por volta de dois anos e valoriza seu currículo a nível de mercado de trabalho e como pesquisadora/or.

Já nas culturas populares temos um outro conceito para o título de mestra/mestre. Não me arrisco a descrever a maestria no âmbito dos saberes capoeiranos porque não tenho “cacife” para isso. Por isso, perguntei para a Mestra Jararaca, o que significava para ela ser mestra. Nada melhor do que uma Mestra para responder o que é estar nessa posição:

Eu não explicaria porque para você saber o que é ser mestra, o que é ser contramestra, você teria que estar no mesmo lugar que a mestra e a contramestra, a Treinel está. Que foi dentro da roda aprendendo. Então para saber você tem que passar. Porque é toda uma história. Não é só você saber os movimentos de capoeira, não é só você aprender o respeito com o mestre. Não é só isso. Vai muito mais além. Então para você ser mestra você tem que aprender isso dentro da roda. No círculo lá com o mestre te ensinando. E aí você um dia vai poder abrir a boca e dizer ‘eu sou mestra’. Porque você adquiriu tempo, experiências (vivas ou ouvidas) e levou todo um tempo para você ser o que você é. (Mestre Jararaca, 2022)

A partir dessa fala da mestra eu fiquei dias e mais dias refletindo como isso também poderia ser descascado para o meu alimento de saberes. Fico impressionada como ela conseguiu responder sem liberar os segredos e as magias que só quem é iniciado realmente pode entender e dizer. Nós, acadêmicas/os, temos uma mania que é bem ocidental de querer conceituar e dar nome para todas as coisas. Sendo que na vida real, tem coisas que sentimos e vivemos e não vão ser explicadas.

Aliás, nem todo conhecimento precisa ser “mastigado” por alguém para que a gente possa digerir. Essa é uma forma de produção de conhecimento que faz com que nossos “músculos” que fazem o esforço de produzir conhecimento possam até ficar atrofiados. A nossa mente fica atrofiada por não pensar, tal qual nosso corpo que não tem mais a possibilidade de vivenciar os aprendizados na prática. O processo de aprendizado

que estamos acostumados é de alguém explicar/conceituar algo para gente e a gente reproduzir. Na capoeira é diferente.

Nenhuma parte do nosso corpo/mente pode se atrofiar, teoricamente falando. Estamos o tempo todo produzindo e aprendendo com base no que vivemos. Por isso que a mestra enfatiza tanto o fato de que ela não vai definir e explicar o que é ser mestra porque não é essa a lógica da capoeira. Precisamos viver para poder aprender. Algo que me lembra uma frase do grande educador brasileiro Paulo Freire que diz que "A cabeça pensa onde os pés pisam". Pensamento similar ao de Hampatê Bá quando ele aponta que a/o conhecedora/or é aquela/e que anda e vive:

O homem que viaja descobre e vive outras iniciações, registra diferenças e semelhanças, alarga o campo de sua compreensão. Onde quer que vá, toma parte em reuniões, ouve relatos históricos, demora -se com um transmissor de tradição especializado em iniciação ou em genealogia, entrando, desse modo, em contato com a história e as tradições dos países por onde passa. (BÂ, p. 202. 2010)

É também uma frase bem potente que foi trazida pela Mestra Jararaca (2022): *“Capoeira é conhecimento e movimento, sem o conhecimento não tem movimento, sem movimento não tem conhecimento”*. Relaciono esta compreensão também com o meu processo de escrita desta dissertação. Acabei tendo que, em algum momento, me afastar da escrita para poder vivenciar o movimento que é a minha pesquisa na prática, estando presente em ambiente de capoeira. Senão a minha escrita não valeria de nada. Estava lendo vários livros com escritas “estáticas” e presa em uma escrita que não condizia com a minha prática. Daí, fiz o movimento inverso. Voltei a treinar muito para poder escrever, antes de mais nada, a história com o meu corpo.

Não há frase melhor para explicar a reflexão trazida de forma belíssima pela Mestra Jararaca. Essa foi uma maneira de dar a resposta sem dar a senha. Não dá para falar do que não se vive e nem construir grandes teorias do que não se é. Depois de tanto refletir eu percebi que esse foi um grande ensinamento e que é possível de ser aplicado em diversas dimensões da vida. A capoeira faz isso, mostra que a sagacidade e os ensinamentos estão nos detalhes da vivência.

2.1.4 A perspectiva de uma mestra mulher?

Ser mestre é uma grande responsabilidade com a comunidade ao qual você se torna referência. Na capoeira o mestre tem um lugar muito importante de manutenção da linhagem e história dessa cultura afro-brasileira. Se a “resposta” é grande para “os mestres” imagine para uma mestra mulher?

Fiquei curiosa em saber como foi para a Mestre conseguir se destacar enquanto mestra. Ela não só tem a demanda de ser uma mestra mulher. Ou seja, ela não tem uma referência feminina de mestra de capoeira angola porque ela é uma das primeiras e tem se tornado referência para tantas outras:

Eu me sinto tranquila. Eu sei que tenho uma responsabilidade grande com a comunidade em geral. Tenho uma responsabilidade de me apresentar e de falar. Porque tudo o que eu falo eu tenho que ter cuidado com o que eu falo. Não que eu tenha que ter medo. Mas eu sei que eu sou influência para muita gente. Desde criança a adulto. Então eu tenho que saber o que falo para não agredir os aprendizados. Eu tenho que saber lidar com todo tipo de público. Minha meta maior é respeitar. (Mestra Jararaca, 2022)

Existe uma beleza e, ao mesmo tempo, densidade nessa fala. A frase que me pegou e entrelaçou nesse parágrafo tão potente foi “não agredir os aprendizados”. Nesta frase, violência e saberes estão lado a lado. Sua responsabilidade em ser influência é tão grande que o fato de ter a possibilidade de distorcer um conhecimento ou repassar saberes de uma forma não assertiva é como se ela estivesse praticando uma agressão. A poesia dessa frase é de uma grandeza absurda e que até hoje fico refletindo que é realmente uma fala de quem sabe muito bem suas incumbências quando o jogo é com a maestria.

Outro elemento desse papo foi como ela costura as suas sensações em relação à visão que as pessoas têm dela. A ideia de ser colocada como uma grande referência e exaltada para além do que ela acha que faz sentido é algo que a Jararaca consegue equilibrar. A Mestre ainda relaciona a reflexão de como é vista, *versus* como ela se enxerga com elementos da natureza e a importância de pisar no chão, seja de forma metafórica ou literal:

Mas eu não me sinto assim... do jeito que esse pessoal fala que eu sou isso tudo. Fica me botando lá em cima. Eu não gosto nem de ‘ficar lá em cima’ eu gosto de ficar com meus pés no chão, sabe? Gosto de tá com meus pés descalços. Então eu não gosto desse pedestal não. Eu não tenho vaidade com isso de título. Eu sou uma pessoa muito simples. É como um título como outro qualquer que você precisa ter uma responsabilidade. É uma carga que você pega. Até porque você como mulher com um título desse... que toda vida foi destinada só para homens. Mesmo quando aqueles não tinham competência os títulos eram destinados para eles. Quando o homem não tem caráter, não sabe tocar direito... aí ele pode ser mestre e tem que respeitar. Já a mulher com esse título vai ter que ser testada na roda pelos homens. (Mestra Jararaca, 2022)

A todo tempo nesta reflexão sobre ser uma mestra mulher, a Valdelice enfatizou a dimensão que tem as reverberações negativas que o machismo tem em relação a presença feminina em lugares de liderança e de alta hierarquia. Ela afirma: *“Eu sei que é difícil ser mestra de capoeira porque ainda existe o machismo. Ele não acabou e nem vai acabar. Porque cada vez que morrem mais homens ‘não machistas’ nascem mais meninos machistas. Desde que o mundo é mundo é assim”* (Mestra Jararaca, 2022).

Sendo assim, como dialogamos anteriormente, nós mulheres estamos constantemente sendo colocadas à prova para ver se realmente temos “capacidade” (com várias aspas) de estar em lugares na capoeira (e na vida) como o de ser mestra ou até mesmo estar nas rodas. Já que por muito tempo permaneceu o estigma de que a capoeira era para homens e apenas para eles.

A capoeira foi e tem sido mais um espaço que estamos precisando ocupar e para isso, temos que estar, frequentemente, dando rasteiras e mais rasteiras no patriarcado para pertencer a um espaço que sempre foi nosso também. A Mestra alega que pra meter as caras no ambiente Capoeirano a gente tem que ter a malícia se não ficamos para trás: “Até treinel você vai, agora quando você passa a ser Contramestra aí já aumenta a responsabilidade. Aquela coisa de ‘vai entrar na roda e eu vou botar pra lá em cima dela’. Agora quando você é mestra, minha filha, se você não tiver dendê, você fica lá mesmo” (Mestra Jararaca, 2022).

Além disso, a Mestra questionou como este ritual de transição para a maestria agora está sendo feito de maneiras não tão rigorosas e, portanto, mulheres que ainda não estão condicionadas a estarem nesse espaço, estão ocupando uma responsabilidade que não dão conta. Ela percebe que na atualidade o cargo de mestra tem sido apossado sem o cumprimento de valores que são primordiais para que o mestrado seja exercido com excelência. Reforça a importância da conexão com as pessoas mais velhas que vieram antes para que este cargo possa ser exercido e que este princípio da ancestralidade, oralidade não possam ser esquecidos na prática:

(...)eu admiro e bato palma para as mulheres que estão sendo mestras por capacidade, responsabilidade, por trabalho, por hierarquia. Por levar o legado do seu mestre mesmo que não esteja com ele. Mas levar o legado. Sua vivência dentro de capoeira com outros mestres. Mesmo que não treinando, mas ouvindo, perguntando, aprendendo. Porque sua trajetória na capoeira não é só sua trajetória com seu mestre. É você conversar com um, é você pegar uma coisa de outro. Isso é Vicência. Isso que é aprendizado. E tudo isso você vai levar sua sacolinha lá na frente e vai oferecer para seus alunos que merecer. (Mestra Jararaca, 2022)

Caminhando pelas tessituras de gênero, é importante pensar como os ensinamentos da capoeira vêm sendo passado para nós mulheres. Cada grupo vai ter sua forma de conciliar a presença feminina em sua organização. Em nosso papo a Mestra destacou que o Mestre Curió não fazia distinção de ensinamentos para os homens e para as mulheres. Ele queria mesmo é que as mulheres se apossassem dessa arte como uma forma de proteção. Então, as vezes ele ensinava “até mais” para as mulheres. Esse

raciocínio tem muita lógica. O marcador social de gênero dentro de um sistema patriarcal demonstra que as mulheres passam por diversas violências físicas.

Contextualizando as violências contra mulher aqui no Estado da Bahia, em uma reportagem de Maysa Polcri (2023) é explanado que, de acordo com dados da Secretaria de Segurança Pública da Bahia, a violência contra a mulher no estado aumentou 58% em um ano. Entre março de 2020 e fevereiro de 2021, foram registrados 15.786 casos, enquanto no mesmo período do ano anterior foram 9.960. O aumento foi observado em todas as modalidades de violência, com destaque para lesão corporal dolosa, que teve um aumento de 78,6%. É assustador pensar esses dados imersos na nossa realidade cotidiana. Então, principalmente para nós mulheres negras, a capoeira passa a ser muito mais do que um exercício físico:

Por isso que meu mestre Curió ensina mulher igualzinho a homem, as vezes até mais. Porque o jeito que ele vier de lá para cá ele vai tomar. Aquelas que se dedicarem. Porque não é toda mulher que se desenvolve dentro de capoeira não, viu? Tá lá mais mesmo para modelar o corpo. Dizendo que ta fazendo exercício físico para não ficar parada. Aquelas coisas... ‘Não me pegue’, ‘não me toque’... Filho de papai e mamãe berço de ouro vai jogar com negócio de ‘Não me pegue’, ‘não me toque’. Tudo bem, jogue seu jogo que eu vou jogar o meu. Não me bata que eu não te bato. Não gosto de mulher assim na roda, eu gosto de mulheres firmes, que jogam firmes sem precisar bater em ninguém. Independente se é homem ou mulher. A mulher para ser respeitada ela tem que respeitar e vice-versa. Então se querem respeito, um tem que respeitar o outro. Agora eu acho que mulher tem que treinar para ser firme dentro de roda de capoeira com homem, entendeu? (Mestra Jararaca, 2022)

Quando falo que é maior do que só uma atividade é que, por ser uma luta, quando treinamos capoeira estamos pensando formas também de nos proteger fisicamente e mentalmente desse sistema tão agressivo com as nossas existências. Mesmo assim, com isso não estou comunicando que só a capoeira seria suficiente como ferramenta de proteção porque estamos falando de algo muito maior, a nível estrutural, psicológico e biológico. Mas isso é um papo para depois...

Esta sinalização da Mestra é uma convocação para o entendimento de que a capoeira não é só brincadeira. Existe uma seriedade muito grande nas construções das lógicas estabelecidas em um jogo de capoeira. Esses ensinamentos são tácitos, mas ao mesmo tempo tão latentes quanto os movimentos dos corpos. Jararaca convoca a importância de as mulheres estarem treinando porque quem pratica a capoeira de verdade, daquelas que as pessoas não estão ali a todo tempo reproduzindo as ações machistas, não vai ter essa diferenciação se a pessoa é um homem, uma mulher, uma pessoa não binária. Não existe isso! O jogo está acontecendo, os movimentos são dados, os ataques vão estar

presentes tal qual as defesas. Por isso a importância de treinar para que quando o jogo tiver acontecendo e aqui eu estou falando do jogo da capoeira e da vida, a gente possa, minimamente, saber se defender.

2.1.5. Maternidade angoleira

A maternidade é uma experiência muito íntima de cada mulher que vivencia esta jornada. Não tenho propriedade para contribuir nos debates sobre a maternidade, mas sabemos, em senso coletivo, que é um momento importante para a vida de mulheres¹⁴ que aceitam esta jornada de ter uma outra vida dentro de você e as reverberações deste ventre que dilata e floresce em mais um ser humano. É um processo desafiador porque mexe com toda a estrutura de uma pessoa, fisicamente e psicologicamente. O corpo toma uma outra estrutura para poder receber mais um corpo. Estas situações resultam em pouca mobilidade, cansaço, enjoos, dificuldade de locomoção, inchaços, etc.

Então, pensando essa nova roupagem corporal da pessoa grávida, faz-se importante refletir o quanto que a capoeira também pode ser uma ferramenta para contribuir no processo da maternidade. Algumas áreas do corpo são muito demandadas durante a gravidez, como por exemplo a lombar, o assoalho pélvico e o abdômen. Os movimentos da capoeira por “cutucarem” o corpo em busca do equilíbrio, flexibilidade e resistência física podem contribuir imensamente no momento do parto, pós-parto e a estabilidade corporal. Mesmo assim, é curioso imaginar o esforço que deve ser, você conseguir controlar o seu corpo, que já está com uma outra estrutura, e o de outra pessoa na sua barriga para poder gingar e fazer os movimentos. Mas foi assim que a Mestre Jararaca (2022) fez com os seus dois filhos:

Meu filho já nasceu na capoeira. Eu joguei capoeira até o dia de ter. Nunca parei capoeira por causa de gravidez. Nunca! O meu filho o mais velho eu fui para o evento do Mestre Zé do Lenço que foi no dia 30 e aí quando foi no dia 31 eu comecei a sentir dor... dor não que eu não senti dor para ter o meu filho mais velho. Eu senti uma colicazinha. No dia primeiro ele nasceu. Nesse dia que eu fui para o evento eu só joguei com os mestres e só com um aluno da academia.

Poderoso demais perceber como os conhecimentos da capoeira perpassam lugares e dimensões inimagináveis. Imaginem só, no dia do seu primeiro parto a Mestre estava em um evento de capoeira se alimentando com saberes ancestrais e produzindo, querendo

¹⁴ tenho consciência que nem sempre são só mulheres que engravidam, vide que homens trans tem também esta possibilidade mas assumo minha ignorância para ainda adentrar nesta temática.

ou não, no seu corpo uma dilatação também da memória ancestral, seja a partir dos movimentos quanto das discussões, reflexões, bate-papos que foram falados ali naquele encontro com tantos mestres, bibliotecas vivas da nossa ancestralidade. Que magia!

Porém, não parou por aí. No seu segundo filho o processo foi bem parecido. Provavelmente a capoeira lhe deu, em ambos momentos de gravidez, estabilidade emocional e física para encarar os desafios da maternidade. O seu corpo estava tão disciplinado a prática da capoeira que ao longo de toda a gravidez ela conseguiu inclusive fazer movimentos que são mais difíceis como por exemplo o relóginho. Este movimento é feito colocando as duas mãos no chão, com o corpo na horizontal perto do chão e faz-se o mesmo movimento de giro que o ponteiro de um relógio faz. Por isso o nome.

á Besourinho (Luís), joguei capoeira faltando 15 dias para parir porque a barriga dele era muito grande (parecia até que era gêmeos). Mas mesmo assim eu dava “reloginho” com um barrigão. Eu não sei como a barriga não batia no chão, mas eu dava. Eu dava... Fazia tudo. E depois que eu tive neném, o Zé Carlos o mais velho, com 21 anos depois de ter eu já tava treinando devagarinho. (Mestra Jararaca, 2022)

Ainda sobre sua trajetória enquanto mulher grávida, a Mestra compartilhou que a sua responsabilidade com a capoeira vai além de qualquer situação que possa vir na sua vida. Como já trouxe em outro momento, ser angoleira/o é estar 24 horas sendo capoeira. A Mestra Jararaca me mostrou isso na prática quando disse que não faria sentido se afastar da capoeira em um momento em que, o que ela mais precisava mesmo era estar lá. Além disso, ela criticou as mulheres que se dizem capoeiristas e se afastam do que te fortalece em um momento de tantas mudanças e provocações.

Quando ela questiona essas pessoas, eu entendo que ela está realmente debruçando a enfatizar que se você, em algum momento da sua vida, deixa de ser capoeirista, você na verdade não está cumprindo com uma das regras e aprendizados básicos da capoeira. Porque a capoeira não é só estar praticando movimento, é uma filosofia de vida que você precisa aplicar no seu cotidiano. Então mesmo que você não consiga realizar os movimentos físicos, levar a capoeira com você de outras formas, seria uma estratégia que faria mais sentido.

Sempre tive esse espírito de guerreiro de não desistir das coisas. Eu nunca deixei de jogar capoeira por causa de dor... nada. Qualquer situação. Como tem mulheres que tão grávida e aí deixam de treinar e tem que se afastam da capoeira. Essas mulheres nunca foram capoeira e nunca vão ser.

Entendo a colocação da Mestra, entretanto, com todo respeito, discordarei só em um aspecto que precisamos tomar cuidado para não reproduzir alguns arquétipos e estereótipos do que é ser uma mulher. Nós mulheres negras, principalmente, somos

colocadas no arquétipo de mulher forte. A mulher que aguenta tudo, que dá conta de tudo e que sente menos dor.

A escravidão violentou nossos direitos, nossa língua, cultura, religião, nossa vida, enfim... nossos valores civilizatórios. E, como não poderia ser diferente, veio junto com a colonização. Então inventaram que Nós, Pretas e Pretos, somos mais “resistentes” à dor. E, Resistir, verbo na sua forma infinitiva, é o que fazemos, todo dia, toda hora, frente ao Racismo – filho direto do processo escravocrata e da colonização. (PIEDADE, p. 19. 2017)

Dentro dessas falácias que nos algemam em padrões patriarcalizados, nos colocar nesse lugar de mulheres guerreiras e fortes é um posicionamento muito delicado, como aponta Piedade, porque essa ideia de "resistência à dor" foi imposta sobre nossos corpos ao longo da história, como herança do processo escravocrata e da colonização. A citação de Piedade nos lembra de como essa suposta resistência foi construída como justificativa para desumanizar corpos negros, perpetuando a ideia de que sentimos menos dor, tanto física quanto emocional. Isso não só invisibiliza nossas vulnerabilidades, mas também nos sobrecarrega com uma expectativa de força que desconsidera nossas individualidades e complexidades. Colocar todas as mulheres negras dentro do arquétipo da mulher forte é um erro que ignora nossas múltiplas vivências e subjetividades. Cada uma de nós, enquanto mulheres, enquanto mães, enquanto seres únicos, lida de forma diversa com os processos da vida, como a maternidade e outras experiências profundamente pessoais. Esse olhar reducionista, além de ser opressor, nega a possibilidade de enxergarmos e sermos vistas em nossa integralidade.

Em “Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina”, Sueli Carneiro, fundadora do Geledés, Instituto da Mulher Negra, afirma que, ao falar de mulheres, devemos sempre nos perguntar de que mulheres estamos falando. Mulheres não são um bloco único — elas possuem pontos de partida diferentes. Sueli aponta a urgência de não universalizar essa categoria, sob o risco de manter na invisibilidade aquelas que combinam ou entrecruzam opressões. Ou seja, ela fala da importância de se dar nome e trazer à visibilidade para se restituir a humanidade. (RIBEIRO, p.25. 2018)

Alguns corpos podem tornar-se menos flexíveis, sentir mais dores e enfrentar desafios que dificultam a presença nos espaços de capoeira. Ao refletir sobre essas mudanças e a fala da Mestre, lembro-me da observação de Sueli Carneiro, que nos alerta para o perigo de universalizar as experiências das mulheres. Cada uma de nós carrega uma combinação única de desafios e opressões, e é essencial reconhecer essa diversidade para evitar a invisibilidade das que vivem à margem.

Acredito que só o fato de uma mulher encarar as transformações da gravidez já pode ser visto como viver a capoeira, respeitando suas limitações. Talvez, com sua visão mais madura, a Mestre esteja falando de algo que eu ainda não compreendo por completo, mas vejo que resistir e se adaptar também são formas de ser capoeira, como Carneiro aponta – dando nome às nossas experiências e garantindo que nossas diferentes vivências sejam visíveis e valorizadas.

2.1.6. a verdadeira universidade

Esta seção por si só já daria um artigo sobre educação e a perspectiva da Mestre Jararaca. O nosso encontro já estava incrível e cheio de reflexões, mas quando chegamos nessa parte de confrontar a educação da forma como a Mestre faz sua leitura, foi como se

eu tivesse recebido mais um desafio. Questionar o modelo predominante de educação formal é algo que venho fazendo há um tempo e foi o que me aproximou ainda mais da educação popular e libertária. Entretanto, é curioso fazer este processo de reflexão dentro deste mesmo ambiente alienador a qual crítico e desconfio com veracidade. Os movimentos astutos de posicionamento, sobre a academia, ditos por Jararaca ecoaram como poesia sangrenta em minhas reflexões. Em um dos seus anúncios ela descreveu este espaço assim: “Universidade. Da gente é da vida é aonde a gente acorda de manhã, né? Vai fazer o café filho, arruma casa o marido sai o marido chega com as compras; então a gente vai, e vai e é assim que a gente vai aprendendo. Isso tudo nos prepara para frente.” (Mestra Jararaca, 2022)

Sabidamente a Mestra alega o quanto a vida prática em seus afazeres e relações produzem aprendizados e aptidões para ser e estar no mundo. Em seguida, ela partilhou o seu ponto de vista sobre a universidade, uma vez que considera o ambiente acadêmico como um espaço fabril, a instituição usa da produção exacerbada de conhecimento, mas a partir de compreensões apenas teóricas. É uma grande fábrica de reproduzir teorias, mas que não tem nenhuma sensibilidade em preparar suas/seus estudantes para a vida prática:

Ela prepara você para a teoria, mas para a prática ela não te prepara. quando ela escolhe para você fazer uma tese uma coisa em cima de um assunto. Ela não dá, mas quem vai formar é ela. ela deveria dá, mas ela não dá. Ela joga nas suas mãos e você que se vire para procurar a informação. A grande universidade que a gente aprende a universidade da vida, eu aprendi isso com meu Mestre Curió. A maior universidade são os mestres, são os livros vivos da capoeira, do candomblé, da dança, do teatro... seja lá de qual cultura for. Os mais velhos são a grande universidade. (Mestra Jararaca, 2022)

Me sinto plenamente contemplada com a análise cirúrgica da Mestra Jararaca. Compreender a lógica da instituição universidade é perceber que estamos colocados no meio de quatro paredes brancas para produzir conteúdo para ela – e essa é uma forma bem ultrapassada de produzir conhecimento, uma vez que muitos de nossos conhecimentos são sugados de suas origens, enquadrados em determinadas métricas que não traduzem a sua totalidade e sem retorno para a comunidade.

Na academia, de uma forma geral, estamos sempre em busca da teorização de conhecimentos que, na maioria das vezes, não são vivenciados empiricamente. Aliás, essa discussão trazida pela Mestra é muito maior do que a gente pensa. Ela conseguiu sintetizar, em poucas palavras, como acontece a estruturação dos saberes universitários. Saberes estes que estão se expandindo para os outros formatos de educação, como nas escolas.

Existe uma poesia bem concreta quando os mestres e mestras das culturas populares proclamam que a universidade de verdade é a vida. A universidade de verdade são os mestres e as mestras, as pessoas mais velhas que preservam e compartilham seus saberes com suas comunidades. Na capoeira falamos muito sobre a pequena roda serem as rodas de capoeira e a grande roda é a vida. É como bem trouxe uma grande historiadora e pesquisadora negra de Salvador, Vanda Machado (p.45, 2017).

[...] Os nossos mais velhos aprenderam a fazer observando, imitando e admirando os seus mais velhos nos seus saberes e fazeres. Como que obedecendo a uma cadeia para a manutenção, continuidade e expansão da cultura do povo de santo, cabe-lhes ensinar como aprenderam para que os mais novos possam dar continuidade à tradição. [...]

Durante o Congresso UFBA de 2023 fui assistir a uma mesa de uma amiga angolense, Velluma Luz, e em sua fala algo ecoou muito na minha mente: “A universidade é um espaço para reavivar a fala dos brancos”. Dentro do espaço acadêmico temos uma estrutura montada e desenvolvida para fazer com que a memória de pessoas brancas seja reavivada a todo momento. Citações de grandes autores; os livros ditos como “clássicos”; os professores... Todo o cenário desencadeia na sedução para que nossa escrita e postura não se atreva a mudar uma linhagem que eles constroem para a gente não deixar os seus ancestrais morrerem. Não é à toa que diversas estratégias de manutenção de saberes, simultaneamente, são construídas nas culturas populares, em especial na capoeira angola, só que de um outro modo.

Ao contrário da manutenção de alguns cânones brancos e hegemônicos, a capoeira reúne saberes que reafirmam a resistência de um povo historicamente violentado e oprimido. As linhagens e as pessoas mais velhas, estejam ou não em vida, são sempre convocadas/os para estar na roda conosco. Aliás, nas rodas: da vida e de mandinga. Pois cada trajetória fez parte da luta para que hoje estejamos vivos e vivas, assim como a capoeira que segue. É como bem descreve, esta mesma análise, sobre a perspectiva do sábio escritor malinês Hampatê Bâ:

A palavra transmitida pela cadeia deve veicular, depois da transmissão original, uma força que a torna operante e sacramental. Esta noção de “respeito pela cadeia” ou de “respeito pela transmissão” determina, em geral, no africano não aculturado a tendência a relatar uma história reproduzindo a mesma forma em que a ouviu, ajudado pela memória prodigiosa dos iletrados. Se alguém o contradiz, ele simplesmente responderá: “Fulano me ensinou assim!”, sempre citando a fonte. (HAMPATÊ BÂ, 2010. P. 181)

E é honrando a transmissão das memórias como algo de profundo aprendizado, que as culturas populares são fundamentadas no respeito às ancestralidades. A construção de suas tradições e a própria continuidade dos saberes e fazeres, contextualiza um povo

em sua identidade, tempo e espaço. Dito isso, cada mestre e mestra que carrega vivências e capacidade de transmiti-las, são figuras que testemunham a circularidade do tempo: pois, potencializam o ato de levar adiante as histórias dos que vieram antes, integrando de forma preciosa no tempo presente tudo o que contemporaneamente lhes atravessa e já compõe com o futuro. Há uma ativa composição e criação de perspectivas que são inspiradas pelos mestres e mestras com a sua comunidade. A mestra Jararaca nos conta o quanto das palavras ditas pelos mais velhos valem imensuravelmente:

Porque eles andam com livro e com papel na mão lendo tudo o que vai falar. Os mestres mais velhos não precisam de livro, não precisam de papel e nem de caneta na mão. É o saber de tradição oral deixada por nossos ancestrais, por nossos antepassados que não deixaram isso morrer. Por isso que a gente hoje se encontra onde a gente se encontra: com conhecimento e aprendizado que a cada dia a gente aprende um pouquinho, por causa deles, nossos ancestrais. Eles que são o legado de todas as culturas do mundo. Seja qual for. e na nossa cultura negra, preta são eles, os patriarcas, as matriarcas. são eles. (Mestra Jararaca, 2022)

A Mestra Jararaca também expôs um descontentamento legítimo sobre a forma como são sistematizados os conhecimentos acadêmicos, pois, enquanto na capoeira você faz parte a todo momento da história - aprende com a prática e constrói conhecimento em coletivo -, em espaços acadêmicos, segundo a Mestra Jararaca, nós somos apenas cobaias:

Quando eu digo cobaia eu não tou falando de você estudante... Mas os professores que pega você pra aprender aquilo que ele quer aprender para poder te dar nota, mas na realidade ele manda você ir buscar o que ele quer pra ele. Aí ele te forma... Ela foi lá buscou, aprendeu... mas o aprendizado fica com ele porque ele vai ficar com o aprendizado todo ali na mão. E aí vai chegar um dia que vai sentar você e ele, e ele vai falar mais do que você que foi atrás. (Mestra Jararaca, 2022)

Essa apropriação do conhecimento é algo que incomoda tanto as lideranças das comunidades das culturas populares, que se tornou discurso muito pontuado. Por exemplo, em uma entrevista Makota Valdina (2005, p.80) também questiona a condução das pessoas cientistas que estão nas universidades e ambiente de pesquisa: “[...] Os cientistas vão lá, bebem na fonte, depois botam com palavras rebuscadas ou com a visão que eles tem ou o que eles querem que as pessoas tenham, até mesmo as pessoas de candomblé”.

Aprendendo com estas grandes lideranças negras das culturas populares, Mestra Jararaca e Makota Valdina, refleti muito sobre a minha postura enquanto pesquisadora, já que é discurso que se repete nos posicionamentos de ambas, com certeza é um incomodo e desrespeito frequente em que as/os pesquisadoras/es podem acabar fazendo neste processo de busca. *“Então a universidade deveria respeitar mais esses mais velhos.*

É isso que eles fazem. Fazem vocês de cobaia e aí você vem e me faz de cobaia também.” (Mestra Jararaca, 2022, grifo nosso). Esta foi mais uma das pequenas frases da Mestra Jararaca que acabaram ecoando em minha mente, porque a frase é pequena, mas o significado é enorme. São lógicas de estruturação do conhecimento que acontecem em vários graus da formação na educação convencional. Seja na educação infantil, básica, médio ou graduação não temos a cultura de construir uma outra estrutura de práticas educativas e acabamos reproduzindo ideologias educacionais que não abraçam os saberes das culturas populares como sendo uma ferramenta fundamental. Quando a mestra sinaliza sobre ela ser uma “cobaia” é que ela, e as demais pessoas mais velhas detentoras dos saberes ancestrais, não são colocados como Mestras e Mestres. São pessoas a qual costumamos “sugar” informações sem legitimar sua presença constante em espaços educativos.

Por isso ela questiona o funcionamento dessas produções de conhecimento que não sabem, ao menos, valorizar a tradição oral:

Eu digo nós, mas eu não vou falar nem eu os mestre. Eles não precisam direito não precisa de papel na mão. Eu saber de tradição oral deixada por nossos ancestrais por nossos antepassados que não deixaram morrer e por isso que a gente hoje se encontra onde se encontra o conhecimento e aprendizado que a gente a cada dia aprendi por causa dele dos nossos antepassados e dos ancestrais, então, eles falaram Legado de todas as culturas. Do mundo. Cultura e na nossa cultura Negra preta, né? São eles patriarcas então Universidade deveria respeitar mais não querer fazer. (Mestra Jararaca, 2022)

Dessa forma, conseguimos entender que a capoeira tem uma sistematização de conhecimento que nos ensina como sobreviver. Como lidar com as adversidades e potências da vida. O que aprendemos nos movimentos da capoeira e nas mensagens tácitas sendo ditas com nossos corpos podem ser tranquilamente transpassadas como conhecimento para nosso cotidiano. Quando a universidade se atém a sistematizar saberes com base em filósofos, disciplinas isoladas que não dialogam umas com as outras.

No entanto, é imperativo reconhecer que a universidade não é um monólito homogêneo, mas sim um campo de batalha onde diversas vozes lutam por transformações e representatividade. Enquanto a crítica à operação desgastada da universidade em relação às culturas populares é válida, é fundamental destacar que há pessoas, coletivos e grupos comprometidos em construir uma outra universidade, promovendo mudanças internas, disputando espaços e contribuindo para uma instituição verdadeiramente popular, inclusiva, diversa, antirracista e antimachista. Inclusive, me sinto parte desse amontoado

de “cupins” que está se juntando aos pouquinhos para deteriorar estruturas que não dialogam com a realidade da nossa verdadeira universidade.

Neste cenário, a Mestre Jararaca e muitas outras pessoas se destacam como agentes de transformação. Faz-se necessário, além de fazer críticas, reconhecer e celebrar a existência dessa "outra" universidade que está sendo moldada no cotidiano do trabalho dessas pessoas comprometidas com a construção de novas histórias e perspectivas.

Para irmos fazendo o chamado para os pés dos berimbaus¹⁵, espero que com esta oportunidade que tive de ter um momento intimista com a Mestre Jararaca não tenha sido em vão. O meu desejo maior com este capítulo tão poderoso é que a gente tenha dado, minimamente, uma meia lua de compasso¹⁶ nas logicas da construção engessada da universidade. É um presente para o espaço acadêmico, para mim e para você, leitora/or, desfrutar dos conhecimentos da Mestre Jararaca já assim tão mastigados e de forma escrita. Sem vivenciar o momento da tradição oral. Por mais contraditório e difícil que está escrita seja me firmo na construção de pensamento da escritora negra Giovana Xavier (2019, p. 92): “dar sustentabilidade ao trabalho de reposicionar as narrativas de mulheres negras das margens para o centro da produção acadêmica é trabalhar para reeducar as relações de gênero e raça no Brasil.” Por fim, trago mais uma fala da Mestre Jararaca:

Essas mulheres da capoeira aí também. Dever cantar com aquela vibra sou toda da Juventude, né da vida internet tem que procurar pessoas que só deixa só deixa para dar valor depois que morre o meu mestre saudade do meu pai aí como é que pesquisa aí começa a fazer homenagem quer fazer homenagem a minha amiga. Passei quando eu tiver viva, eu sei que quando eu não estou vendo mais ninguém vai me ver. Eu quero que eu quero ver. (Mestre Jararaca, 2022)

O que ela diz é a mais pura verdade: precisamos celebrar e homenagear essas pessoas mais velhas da nossa cultura também enquanto estão vivas. Finalizo este espaço agradecendo a vida da Mestre Jararaca, seu trabalho e dedicação pela capoeira. Espero que este capítulo possa apresentar um pouco mais da sua potência para o mundo inteiro! Vida longa a Mestre Jararaca!

¹⁵ O chamado para os pés do berimbaus é quando duas pessoas estão no início da roda e são convocados para jogar e esperam em baixo dos berimbaus a autorização para iniciar o jogo

¹⁶ A meia lua é um dos golpes fundamentais de capoeira angola, em que faz-se um movimento giratório com as mãos no chão e o calcanhar de um dos pés é usado para acertar a outra pessoa.

2.2. Contramestra Brisa do Mar

Celidalva Pinho Encarnação nascida no dia 12 de setembro de 1973 em Barra Grande, Vera Cruz, Ilha de Itaparica/BA. Começou a praticar capoeira com Mestre Marcelo Angola do Grupo Angoleiros do Mar, situado na comunidade de Barra Grande na ilha de Itaparica. Recebeu o título de ContraMestra de capoeira Angola em 2011 pelo Mestre Marcelo. Ela é uma mulher preta, pescadora e artista, mas mais pra frente vocês vão saber um pouco mais da sua história.

Tive a honra de conhecer a Contramestra Brisa do Mar em meados de 2019. Estávamos em um evento de capoeira em Santo Amaro do Mestre Adó. Eu já a conhecia, já admirava..., mas quando chegamos no evento e convivemos por alguns dias e eu pude sentar na cadeira e conversar com ela sobre tantas coisas fiquei ainda mais encantada.

Brisa do Mar tem uma voz mansa, leve e verdadeira. Quando ela fala realmente parece como o vai e vem das ondas do mar. Lugar comum e que se faz de lar para ela. Ela tem um olhar cuidadoso e um tanto atento aos detalhes da vida. Depois desse primeiro encontro, lá em 2019, a gente se acessou algumas vezes em outros eventos, não só de capoeira. Como por exemplo o aniversário da Mãe Aurinda do Prato lá na ilha de Itaparica. Estávamos ali para celebrar a vida desta grande mestra e pude observar a CM com o olhar de admiração. Conversar, rir...

Durante a escrita da dissertação tivemos dificuldade nos nossos encontros presenciais, mas falávamos sempre através do *Whatsapp*, uma se atualizando da vida da outra e sou muito grata por esse laço que fomos construindo ao longo dos anos. Vi a contramestra crescendo de maneira muito bonita. Viajando para diversas cidades e países e sendo reconhecida pelas comunidades que tem passado.

Em algum card de divulgação de evento que a Brisa do Mar participaria, vi que o anúncio estava “Mestra Brisa do Mar”. Perguntei a ela se era para seguir a chamando de “contramestra” ou se já era para chamar de “mestra” e ela respondeu: *“Oh menina, essa é uma pergunta que não quer calar... rs. A comunidade me chama de mestra. Mas eu ainda não me considero. Sou aluna, eterna aprendiz.”* Este posicionamento da “mestra” Brisa, me lembrou um trecho de uma entrevista cedida por Makota Valdina para uma revista, em que ela foi perguntada se considerava-se uma sábia negra, a resposta foi a seguinte:

Não, eu me considero uma aprendiz. Dizem que eu sou uma sábia. Na semana passada, fui homenageada com uma placa como mestra de saberes populares. Então eu digo: a negra que eu sou, o ser humano que eu sou, sou porque aprendi com os meus mestres. Meus primeiros mestres foram meus pais. Meus segundos mestres foram os outros negros da comunidade do Engenho Velho da Federação. (PINTO, p.75. 2005)

Esta humildade presente nas falas tanto da Contramestra quanto da Makota Valdina é um traço comum de pessoas sábias. Em seus depoimentos, as duas pensadoras destacam suas posições de aprendizes em relação à sabedoria popular, mesmo que sejam reconhecidas como mestras de saberes populares. São enfatizadas a importância de seus mestres, começando com seu pai e mãe, e incluindo outros membros da comunidade negra. O relato realça o papel fundamental da transmissão de conhecimento dentro de sua comunidade e a valorização das contribuições de mestres e anciãos na formação das pensadoras.

Venho compartilhar um pouco do que a Brisa do mar me atravessou de ensinamentos e quem ela é. Vamos começar dizendo que, a intimidade da Contramestra com o mar me fez pensar em muitas coisas. Uma delas foi sobre como a capoeira está completamente associada aos ensinamentos da natureza. Os apelidos (os nomes de guerra que as pessoas são batizadas, como já trouxemos no outro capítulo) geralmente, tem também alguma associação com a observância contínua dos detalhes da natureza. Não só isso, mas os movimentos da capoeira angola são reproduções dos movimentos que se tem na natureza.

Sou uma pessoa supertranquila. E quando comecei a treinar com meu Mestre Marcelo Angola, dizia ele que a minha expressão corporal nas movimentações do jogo da capoeira, era suave. Falava que a forma que eu jogava era como se estivesse me escutando falar ou me vendo caminhar, agir, enfim... E assim me associou a uma brisa do mar (Contramestra Brisa Do Mar, 2023)

É uma pena que, através dessa nossa conversa textual chamada dissertação, vocês leitoras/es não possam ter a felicidade de ouvir a Brisa do mar falando. A sua voz é tão mansa e tranquila que parece uma poesia. Ficaria horas e horas a ouvindo falar porque realmente é uma voz que acalma. Brisa tem uma leveza ao falar, andar, gingar... Ela realmente faz jus ao nome que recebeu do seu mestre. Celidalva é um grande vento leve que sopra seus saberes nas gingas da capoeira.

Em várias narrações mitológicas africanas o mar é a origem da vida. Nele está o balanço originário da vida. A capoeira expressa em sua ginga de corpo o balanço simbólico da origem da vida. Por isso, o mar e a capoeira encantam as crianças. Essa não seria também a função da educação? É um ensinamento simples e profundo, lúdico e denso, misterioso e acessível. (OLIVEIRA, p. 175. 2007)

Esta é a reflexão de Eduardo Oliveira sobre a relação forte do mar com a capoeira e a origem da vida que ginga. o autor estabelece uma conexão entre as narrativas mitológicas africanas que destacam o mar como a origem da vida e a capoeira, afirmando que a capoeira incorpora o simbolismo do balanço da vida em sua prática. Ele sugere que tanto o mar quanto a capoeira têm o poder de encantar as crianças e questiona se a educação também deve cumprir essa função, oferecendo ensinamentos simples, profundos, lúdicos e acessíveis, como os encontrados na capoeira e nas histórias mitológicas. Reflexão que dança com o apelido da contramestra. Entender o mar como origem da vida é um entrelaçamento com a narrativa da contramestra. E por falar em mar, a relação de Brisa com essa vasta extensão de água salgada é bem profunda. Não à toa carrega no seu nome:

A minha relação com o mar é desde sempre. Nasci a beira mar e já fui sendo banhada por ele, né? A partir do momento que eu nasci e até hoje essa relação continua reverberando. O mar é meu espaço de trabalho, de lazer, de concentração e... assim, eu não vivo sem o mar porque é uma riqueza que nós temos aqui na ilha, uma riqueza. O que eu sinto e o que eu tenho pelo mar é o máximo de respeito e de afeto. Tem uma música que eu canto que é assim: o mar foi sempre meu amigo/ com ele eu devo sempre contar/ mas minha maior dificuldade / ele vai sempre me ajudar (Contramestra Brisa do Mar, Movimentos Mulheres do Mar, 2022)



Figura 2: ContraMestra Brisa do Mar tocando berimbau em um trecho do documentário “Movimento Mulheres do Mar” (32 min)

“A capoeira reproduz em terra o desequilíbrio do mar” (OLIVEIRA, p. 175. 2007) A ida e vinda da ginga pode ser associada ao balanço do mar; os movimentos de

defesa podem parecer com movimentos feitos por animais para se protegerem; a capoeira angola, como também já trouxemos, pode ter sido inspirada pelo movimento das zebras. E é assim que construímos lógicas e saberes: a partir do entendimento que é a natureza que é base indispensável para a construção de qualquer relação e aprendizado. “A roda de capoeira é um grande útero e o capoeiristas são o líquido que lhe vai dentro. A criança aí gestada é a própria capoeira”. (OLIVEIRA, p. 175. 2007)

Estamos vivendo uma era contemporânea em que os valores e prioridades tem se invertido. As telas são mais chamativas do que pessoas. O tempo é tão linear quanto uma estrada sem saída. As pessoas mais velhas têm prazo de validade e passam a não ser útil e a gente tem esquecido de princípios básicos que, em nossa ancestralidade, eram utilizadas para a sobrevivência de povos e comunidades. Enxergo como um ensinamento simples e poderoso perceber na Contramestra esta relação respeitosa e “dependente” da natureza. A base forte de construção identitária dela está baseada nas ondas do mar, no ritmo das águas salgadas. O sustento, a calma e as respostas que ela procura. Esta presença com e para o mar dela é bem diferente de como as nossas novas gerações relacionam com a natureza. Estamos criando especializações em ausências, como registra o líder indígena, ambientalista e filósofo, Ailton Krenak:

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. (KRENAK, 2019, p. 26)

Então, essa questão de se aproximar da natureza, como a Brisa do Mar faz com o mar, é uma das formas mais bonitas de estarmos perto da nossa ancestralidade e transformar nosso corpo em algo que vibra e pulsa memórias. O sopro da existência cheia de salitre da contramestra, em poucas palavras e movimentos já me lembrou de tudo isso.

2.2.2. Como tudo começou

Seguindo nas brisas reflexivas, encaminho esta Contação de história para quando a Celidalva se encantou pela capoeira. Tudo começou na sua adolescência, quando a capoeira a cruzou pela primeira vez. Foi a partir de um trabalho realizado pelo Mestre Lua Rasta lá em Barra Grande (ilha de Itaparica) que a sua história passou a ser atravessada pela capoeira angola:

Na adolescência, a capoeira se apresentou pra mim através de Mestre Lua, em um trabalho bonito que ele realizava na comunidade de Barra Grande, onde

reunia pessoas de todas as idades, e eu ficava deslumbrada com tudo aquilo – os sons dos instrumentos, o transe do berimbau, os movimentos dos jogos. Ainda assim, era algo distante pra mim, pois não existiam mulheres no grupo, e aquilo me deixava angustiada, como se a capoeira não fosse coisa pra meninas. (Brisa do Mar, 2021, p. 109)

Pelo que podemos observar, algo que se repetiu nas falas da Contramesra Brisa do Mar e Mestre Jararaca é essa ideia, antiga, mas que ainda se mantém presente no imaginário coletivo, de que a capoeira não era algo destinado para meninas ou mulheres porque é entendido enquanto vadiagem e práticas masculinizadas. Por ter sido ilegal por muitos anos, a capoeira pode ser lida de maneira preconceituosa e isso afastou muitas pessoas que quiserem aprender ou praticar. Porque as pessoas mais velhas, pais e mães, não permitiam que seus filhos, principalmente filhas, aprendessem esta “luta de marginal”. Todavia, que bom que temos muitas angoleiras, como essas duas supramencionadas que bateram de frente e foram atrás das suas gingas. Mesmo que, por vezes, para que isso acontecesse tivesse que ser escondida ou algo do tipo.

No ano de 1994, ela ingressou na renomada banda percussiva Arrecife, localizada na Ilha de Itaparica, onde se destacou habilmente ao dominar os instrumentos Timbau e Repique. Ambos instrumentos percussivos. Dois anos mais tarde, em 1996, ela reforçou seu talento em direção ao mundo da percussão feminina ao se juntar à banda Didá, situada no coração histórico de Salvador, no Pelourinho, demonstrando sua destreza com o instrumento dobrada de duas cordas.

Nesse processo de descobrimento artístico, não foi coincidência que, em 1999, ela deu início a um novo capítulo em sua jornada angoleira, quando começou a explorar a rica tradição da Capoeira Angola sob a orientação do ilustre Mestre Marcelo Angola. Um marco importante em sua história é o fato de ter se tornado a primeira mulher a integrar o grupo Angoleiros do Mar, localizado na bela Barra Grande, na Ilha de Itaparica. Um ano depois, ela deu início à sua trajetória no Bando Anunciador da Capoeira Angola, situado também no Pelourinho. Este grupo é liderado pelo respeitado Mestre Lua Rasta. Ele, até hoje, é um dos mestres que cultivam com dedicação a capoeira de rua e tem deixado seu legado na história da capoeira e nas ruas do Pelourinho.

Desde então, ela se imergiu completamente nas tradições e círculos de Capoeira Angola. Brisa do Mar tem até hoje o Mestre Marcelo Angola e o Mestre Lua Rasta como suas referências fundamentais da capoeira. Voltamos a reforçar o quanto que isso é forte na capoeira angola: a linhagem. Aprendemos firmemente a valorizar quem veio antes e deixar o seu legado para a posterioridade.

Em um ano muito especial, lá em 2001, ela iniciou uma jornada muito linda. Ela criou o seu próprio grupo de Capoeira Angola para crianças e adolescentes na sua comunidade (Barra Grande). Ela começou a dar aula nas escolas da cidade e o projeto tinha como nome: "cápsula de semente". Entendo isso como uma sacada visionária de por onde devemos começar. Brisa do Mar juntou seus conhecimentos e para compartilhar ensinando, iniciou a partir das crianças. Acredito muito que a nossas revoluções humanitárias acontecerão quando soubermos educar nossas crianças a serem adultas/os que valorizam princípios que remetem as memórias ancestrais.

Ah, e sobre a ContraMestra, ela não parou por aí! Depois de um ano nas escolas, o projeto cresceu e se espalhou para a encantadora localidade de Cacha Pregos. As aulas aconteciam com parcerias assertivas entre a nossa brilhante contramestra Brisa e as escolas da região. O nome do projeto já diz muito, não é mesmo?! Capsulas de semente que vão germinar os saberes e fazeres da capoeira por ai.

Trabalhei com elas durante 20 anos, e confesso, que foi uma experiência maravilhosa na minha vida. Na verdade, foram elas, meus verdadeiros mestres. Foi quem me ensinaram a dá aulas de capoeira, e até mesmo jogar. Aprendi com seus "erros" e "acertos". Isso tá marcado em mim para sempre. Mesmo com as pintanças sem cessar, pirraças brabas teimosia, enfim... Se não for assim não é criança. Dá aulas pra adultos, também é bom com certeza. A diferença é que crianças são seres inocentes. Agem no impulso, requer uma atenção e cuidado mais especial. Mas gosto de trabalhar com adultos. Tenho muito que aprender com eles. Principalmente os iniciantes. (Contramestra Brisa do Mar, 2023)

Contramestra Brisa do Mar nos presenteia com sua vivência enriquecedora ao trabalhar com crianças na capoeira. Ela reconhece que essas crianças, apesar de suas travessuras e teimosias, foram seus verdadeiros mestres, seus guias na jornada da capoeira. A experiência com crianças, seres inocentes que agem por impulsos, trouxe à Contramestra uma lição valiosa, que transcende os movimentos e gingas da capoeira. Ela aprendeu com a pureza e autenticidade das crianças, e isso a marcará para sempre. Ao mesmo tempo, ela expressa seu respeito e admiração por seus alunos adultos, onde reconhece que a aprendizagem é mútua, especialmente com iniciantes. É uma bela reflexão sobre como o ensino da capoeira vai além das técnicas, abraçando lições de vida e crescimento pessoal. Quando falo sobre e com a contramestra Brisa do mar eu penso muito sobre como ela tem um olhar apaixonado pela capoeira. Como se fossem três namorados. Ela, a capoeira e o mar. Como no trecho que Eduardo Oliveira afirma que a imersão na capoeira angola requer uma transformação profunda, desafiando a percepção convencional e reconstruindo corpo e cultura. É um processo de constante renovação e vivência multifacetada:

É preciso enamorar-se pela capoeira angola. É preciso sentir. É preciso aprender a lidar com o mundo de uma outra maneira que não aquela que nos circunda habitualmente. É preciso re-ver o mundo de ponta cabeça. Precisa-se desconstruir o corpo que se tem e o corpo das representações que carregamos. É preciso re-ver a cultura que lhe tece a pele; necessário mergulhar naquilo que lhe é mas seu e despojar-se disso como uma serpente que troca de pele, ou como a ave que troca de pernas. Doravante viver sem pele ou plumas. Ou melhor, viver com muitas. (OLIVEIRA, p. 178. 2007)

A trajetória da Contramestra Brisa do Mar, entrelaçada com a capoeira e a arte de ensinar, revela um universo onde a experiência se converte em lição permanente e constante. Sem romantizar o processo de educar crianças e adultos através da capoeira, porque não são só de “delícias” que se constroem as relações. Provavelmente a contramestra tem noção das “dores” que afirmam a estar nesse lugar e tantos desafios para sustentar seus sonhos. Essa experiência, rica em ensinamentos, transcende os movimentos da capoeira, mergulhando na pureza e autenticidade desses seres em formação. Ao mesmo tempo, sua relação com alunos adultos revela uma aprendizagem mútua, um intercâmbio constante de conhecimento que flui entre mestra e aprendizes. Este subcapítulo (alías, este capítulo todo) é, portanto, uma “ladainha¹⁷” ao processo sobre uma parte da vida da Celidalva.

2.2.3. A resistência ao título de contramestra

Uma das reflexões que me chamaram atenção nos meus papos com a Contramestra foi sobre sua relação com este título. Queria muito saber como é para nesse belo relato, Contramestra Brisa do Mar compartilha o momento em que foi surpreendida por seu Mestre com o título de contramestra de capoeira. Esse reconhecimento de suas habilidades e capacidades, embora merecido, foi recebido com uma certa resistência. Essa dificuldade em aceitar a responsabilidade que vinha com o título é algo que muitos de nós enfrentamos em momentos de crescimento e transformação. A hesitação, como um “calma aí, espera lá,” é um sentimento comum quando somos chamados para assumir papéis importantes. A conexão com algo ancestral, como mencionado por Brisa do Mar, nos lembra que essas experiências têm raízes profundas em nossa história e cultura. É um

¹⁷ São cânticos mais longas da capoeira em que são contadas histórias sobre pessoas importantes, locais ou vivencias dos capoeiras.

lembrete de que, ao aceitarmos desafios e responsabilidades, estamos honrando as tradições e trilhando caminhos que muitos antes de nós já percorreram.

Em 2011, quando meu Mestre anunciou que eu iria receber o título de contramestra de capoeira, para mim foi uma grande surpresa. E por incrível que pareça, foi mais uma dificuldade que tive, que foi de aceitar. Mesmo sabendo que tinha capacidade suficiente para exercer a função, pois já tinha alguns anos de experiência dando aulas para crianças e adolescentes da minha comunidade e adjacências. Já tinha feito minha primeira viagem pra Europa. Mesmo assim, ainda sentia que ainda não era o momento de pegar essa responsabilidade. Infelizmente como quase todas boas oportunidades que chegaram pra mim. “ô calma aí, espera lá”, se fizeram bastante presente. Acredito que seja algo ancestral. (Contramestra Brisa do Mar, 2023)

A consonância de receber o título de contramestra aliada a responsabilidades assustou um pouco Celidalva. Todavia, ela também reconheceu a importância de respeitar a decisão do seu mestre, mesmo que não tenha sido a sua vontade de assumir esse cargo. Tem topado o desafio e aprendido a ser contramestra e entender a dimensão dessa atividade. Uma fala da contramestra me chamou muita atenção por ela enfatizar que o título sem prática é apenas um papel e que para que seu título9 faça sentido, é ela quem tem que fazer essa história acontecer:

E de novo fui entendendo aos poucos, que seria outra boa oportunidade para seguir firme, forte e continuar crescendo com meus objetivos. Enfim... Recebi o título. Contra minha vontade. Meu mestre achou que eu já estava pronta, e aí não tive escolha. Tá sendo grandioso sim. Bem verdade que o título, (é um pedaço de papel) fica em casa guardado. (só se mexe se o vento soprar em sua direção). Quem sai pra exercer a função, sou eu. Assim dizia a adorável Mestra Ritinha. (Contramestra Brisa do Mar, 2023)

Ser uma contramestra na capoeira é uma jornada que Contramestra Brisa do Mar, em suas próprias palavras, descreve como um desafio que não se pode rotular como um “mar de rosas”, nem como um fardo insuportável. Penso até ser interessante que até ao usar um termo pra representar suas reflexões o “mar” está no meio (Risos). Seu pensamento denota sabedoria e profunda conexão com as raízes ancestrais que permeiam sua prática na capoeira. A experiência de assumir o cargo é encarada por ela como uma missão, uma chamada que transcende o individual. Brisa do Mar expressa a convicção de que as coisas na vida têm um propósito, uma razão de ser, e que a responsabilidade que carrega na capoeira não é por acaso, mas parte de uma jornada com significado profundo.

E é isso... Ser contramestra pra mim, não é tão mar de rosas, E nem tão ruim, não vou mentir. Mas também é entender que se essa responsabilidade chegou até, é porque tinha que ser. As coisas não acontecem em nossas vidas sem mais, nem pra quê. Ou seja, atoa. Dependendo a forma que chega, interpreto como uma missão. Digo por experiência própria. A residência é grande, mas as forças ancestrais que me trouxeram até a capoeira tem guiado desde sempre. Graças a Deus. (Contramestra Brisa do Mar, 2023)

A ideia de que as forças ancestrais a guiam é uma demonstração de humildade e respeito pela tradição da capoeira. Brisa do Mar reconhece a grandiosidade da jornada,

mas também a importância das raízes que a sustentam. Nesse contexto, a gratidão a Deus e aos ancestrais reflete a espiritualidade e a conexão que permeiam a sua prática na capoeira. A capoeira, para ela, é muito mais do que uma simples “luta”; é um caminho que une passado, presente e futuro, uma expressão viva da cultura negra e da herança espiritual que guia sua trajetória como contramestra. A forma do vazio é o mistério que tem seu fundamento, no caso da capoeira, no sentimento (fruição) não na racionalidade (explicação). Por isso a experiência da capoeira é uma experiência ancestral, pois é uma síntese histórica vivenciada como jogo, como ginga, como dança e como luta (OLIVEIRA, P. 176. 2007).

2.2.3. Movimento Mulheres do Mar

Depois de tantos anos de prática e afinidade com a capoeira, no ano de 2011, a Brisa do Mar recebeu como formação certificada o posto de contramestra. Ela foi formada pelo grupo Angoleiros do Mar. Gosto muito de observar esse passo a passo e tempo para ser reconhecida, oficialmente, na capoeira com algum cargo mais alto da hierarquia. Obviamente que o que importa é que independente da sua certificação a capoeira nos pede por responsabilidades, no sentido de que precisamos preservar a magia da capoeira. Mas de toda forma, é lindo ver cada vez mais mulheres negras assumindo cargos hierárquicos, assim dizemos, na capoeira angola.



*Figura 3: Contramestra Brisa do Mar tocando berimbau nos festejo de Iemanjá |
Fotografia: @melcenourinha*

Brisa do Mar vem de um grupo onde ela era a única mulher no meio de 21 homens e aí ela sentia muita falta de ter, pelo menos uma, referência feminina:

Para todos os lugares que a gente saia, a gente recebia convite para vários eventos, né? Várias rodas e eu lembro que eu era sempre a mulher no meio de tantos homens. E aí eu olhava pra um lado e olhava pro outro e cadê a mulher? Então a partir daí eu senti a necessidade de formar um grupo/movimento/coletivo, não sei o que era ainda... e aí um dia eu aqui em casa conversando com Ari e com Zazá, né? Aí eu toquei no assunto né.. desse sonho que eu tinha e aí elas se manifestaram dizendo que se você realmente quiser fazer esse grupo/movimento/coletivo estamos aqui para ajudar você. E aí eu falei “sério?”. E assim foi, o primeiro Movimento Mulheres do mar aconteceu em 15 dias, não foi fácil não mas foi tudo lindo assim, né? (Brisa do Mar, Movimento Mulheres do Mar, 2022)

Foram dessas angustias de sensação de ausência feminina e toda essa inquietação da Brisa do Mar que surge o Movimento Mulheres do Mar. No ímpeto de consolidar uma rede de mulheres dedicada ao universo da Capoeira Angola, contramestra Brisa traçou

seu caminho com determinação, focando no empoderamento feminino por meio das manifestações culturais afro-brasileiras. Nesse mesmo período, um marco importante surgiu: o primeiro Festival Mulheres do Mar, realizado na encantadora Ilha de Itaparica, mais precisamente em Barra Grande. Este evento, exclusivo para mulheres, reuniu um leque de oportunidades únicas, incluindo aulas de Capoeira Angola ministradas por mestras e contramestras renomadas, além de uma variedade de oficinas que celebraram a riqueza da afrocultura.

O Movimento de Mulheres Negras merece destaque quando refletimos sobre os saberes políticos. A ação das ativistas negras constrói saberes e aprendizados políticos, identitários e estético-corpóreos específicos. Enfatizamos, aqui, os saberes políticos por considera-los como aqueles que reeducaram as identidades, a relação com a corporeidade e a própria ação política dentro e fora do Movimento Negro. (GOMES, p.73, 2019)

O Movimento Mulheres do Mar, liderado pela Contramestra Brisa do Mar, uma mulher negra, surge como uma resposta importante às questões relacionadas às mulheres na capoeira. No trecho anterior, Nilma Lino Gomes destaca a relevância dos saberes políticos construídos por ativistas negras, que reeducam identidades, a relação com o corpo e a ação política. O Movimento de Mulheres Negras desempenha um papel vital na transformação desses saberes políticos e identitários. Através da liderança e ação de mulheres negras na capoeira, como Contramestra Brisa do Mar, esses saberes são moldados e amplificados. Essa iniciativa é uma manifestação das lutas e aprendizados políticos que têm um impacto profundo na comunidade da capoeira, reconhecendo a necessidade de reconstruir e reafirmar as identidades das mulheres negras neste espaço.

Ao criar e liderar o "Movimento Mulheres ao Mar," a Contramestra Brisa do Mar contribui para a construção desses saberes políticos, redefinindo a relação entre as mulheres e a capoeira. Ela se torna uma agente de mudança, fortalecendo as vozes e a identidade das mulheres na capoeira angola. Dessa forma, o "Movimento Mulheres ao Mar" e outras iniciativas semelhantes abrem caminho para a construção de um novo cenário político e identitário na capoeira, onde as mulheres negras desempenham um papel de destaque na redefinição do significado e do impacto dessa arte.

Como é registrado por Nilma Lino Gomes (p. 98. 2019): é esse entendimento sobre o corpo que nos possibilita dizer que a relação da negra e do negro com a sua corporeidade produz saberes. Não a toa a contramestra usa da afrocultura como prática educativa a partir do corpo que ginga... Entre essas oficinas, destacavam-se as de danças africanas e afro-brasileiras, os ensinamentos de pandeiro, atabaque, agogô e berimbau, bem como lições de canto e a emocionante arte da puxada de rede. Este festival marcou

mais um passo na jornada de empoderamento e celebração das mulheres na Capoeira, refletindo o compromisso contínuo de Brisa com esta causa.

É também nos limites do corpo que emergem as possibilidades de novas inscrições, é através dos seus saberes textualizados em múltiplas performances (RUFINO, p.57. 2016). Os limites do corpo, apesar de aparentemente restritivos, são o local onde se tornam visíveis as oportunidades para novas experiências e conhecimentos. Através da expressão corporal, seja na dança, na capoeira, ou em outras formas de performance, o corpo humano é capaz de transmitir saberes de maneiras diversas e texturizadas. Isso significa que, ao explorar e superar os limites do corpo, as pessoas podem descobrir novas formas de inscrição e expressão, construindo conhecimento e identidade a partir das práticas corporais. Essas performances corporais são, portanto, uma rica fonte de aprendizado e enriquecimento cultural, que transcende as fronteiras dos saberes tradicionais.

A partir desse momento, Brisa do Mar de Angola consolidou com ainda mais firmeza o seu trabalho, demonstrando sua dedicação ao Movimento Mulheres do Mar e ampliando seu alcance para incluir não apenas mulheres da Capoeira Angola, mas também outros grupos de minorias acolhidos pelo movimento. Durante o período de 2012 a 2020, um feito notável marcou esse percurso: a realização anual do Festival Mulheres do Mar, que se tornou o maior encontro dessa inspiradora rede de mulheres em formação. Durante oito anos consecutivos, o Festival Mulheres do Mar iluminou o cenário, culminando em um recorde de público no ano de 2020.

Impulsionada pelo êxito do festival e pelo crescimento contínuo dessa rede, Brisa iniciou uma série de novas iniciativas, compreendendo a dinâmica desse movimento não apenas na capital, mas também na encantadora Ilha de Itaparica. E assim como no início de sua jornada, ela manteve um constante fluxo entre Salvador e a Ilha, trilhando seu caminho com determinação. Para enriquecer ainda mais essa estratégia fluida da rede de mulheres, em 2017, ela deu início aos treinos de Capoeira Angola na Casa Charriot, situada na cidade baixa de Salvador.

2.2.4. As idas e vindas, como o mar

Após esse período de grande sucesso, a pandemia trouxe consigo uma desaceleração nos movimentos, mas nunca uma interrupção completa. Contramestra Brisa do Mar de Angola manteve sua conexão com o vibrante grupo de Mulheres do Mar,

que vem, de forma inequívoca, crescendo em influência e expressão, tanto dentro quanto fora do Movimento Mulheres do Mar. Pensar a prática de mulheres negras me fez perceber o quanto isso era importante para restituir humanidades negadas. Tudo o que aprendi na luta política do dia a dia e nas organizações em que atuei foi essencial para meu crescimento e minha visão de mundo (RIBEIRO, p. 19. 2018). Me reconheço na Brisa do Mar e me sinto representada por toda sua força e o quanto que isso me fez visitar também a minha humanidade enquanto uma mulher negra.

Em 2009, ela embarcou em sua primeira viagem à Europa, explorando academias na França, Suíça e Itália. Sete anos depois, em 2016, retornou ao continente europeu, revisitando as academias na França e Itália e aproveitando a oportunidade para difundir a arte da Capoeira Angola também na Bélgica, Londres e Alemanha.

Então, de início, para mim essa coisa de viajar para fora do país, era um absurdo. Foi bem difícil aceitar. Sou muito família, não conseguia me vê longe de meus pais, de meus irmãos e familiares. Mas com o passar do tempo, que inclusive demorou bastante, eu fui entendendo que se eu viajasse seria uma boa oportunidade para adquirir novos conhecimentos, E ao mesmo tempo, expandir meu trabalho também enquanto mulher preta nascida e criada em uma vila de pescadores em Barra Grande, na ilha de Itaparica. E assim aconteceu. Viajei... Continuo viajando, conhecendo alguns países... Cada um com sua cultura. E isso. Me sinto feliz. Minha comunidade também, minha família nem se fala, por eu ter relevado o nome da comunidade, arte capoeira para o mundo através dela mesma. E tudo isso agradeço primeiramente a Deus, a meu mestre Marcelo e mestre Lua Rasta. Pois foi quem apresentou a capoeira na minha vida (Contramestra Brisa do Mar, 2023)

Nesse trecho, Contramestra Brisa do Mar compartilha sua jornada pessoal, marcada pela superação de desafios e resistência. Inicialmente, a ideia de viajar para fora do país parecia absurda e a afastava de sua família e comunidade em Barra Grande, na Ilha de Itaparica. No entanto, com o tempo, ela percebeu que essas viagens poderiam enriquecer seu conhecimento e permitir que expandisse sua atuação como uma mulher negra, nascida e criada em uma comunidade de pescadores. O relato evidencia a importância da persistência e do desejo de aprendizado e crescimento. Contramestra Brisa do Mar viajou e conheceu diferentes países, cada um com sua cultura única. Sua dedicação à capoeira e a representação de sua comunidade enchem de orgulho sua família e a comunidade local. A gratidão é expressa, primeiramente, a Deus e a seus mestres Marcelo e Lua Rasta, que introduziram a capoeira em sua vida.

Contramestra Brisa do Mar é um exemplo inspirador de como a paixão pela capoeira e o desejo de aprender podem transcender barreiras geográficas e culturais, criando conexões valiosas com o mundo. Seu comprometimento com a capoeira e sua comunidade ilustram a riqueza da herança cultural afro-brasileira e o poder de disseminar

essa tradição em escala global. Olho para as coisas com novos ângulos. Os rituais de inversão não pararam dentro de mim. A capoeira angola tornou-se, para mim, um jeito de ler o mundo (OLIVEIRA, P. 173. 2007). É uma narrativa que nos lembra a importância de reconhecer nossas raízes, valorizar nossa cultura e compartilhar nossos saberes e fazeres com o mundo.

Contramestra Brisa do Mar se tornou uma referência incontestável, tanto nacional quanto internacionalmente, no contexto da Capoeira Angola feminina. A força dessa expressão e o seu impacto só aumentaram ao longo dos anos. Durante o verão de 2022, Brisa do Mar foi honrada com um convite especial para integrar a roda de gravação do programa especial "Elas Cantam Boca Rica". E nesse mesmo ano, como parte da celebração e expansão internacional da rede, ela novamente visitou academias de Capoeira Angola na Europa, passando por França, Dinamarca e Suíça. Vale notar que essa não foi a primeira vez que a contramestra compartilhou seus conhecimentos no cenário internacional.

Tradição, memória viva de um povo, onde nem o tempo nem o espaço se apresentam como um limite. Os valores que garantiram a integridade, a vida e a dignidade de nossos ancestrais escravizados continuam a criar caminhos de libertação (MACHADO, p. 98, 2017). Quando relacionamos os caminhos de libertação e os compartilhamentos internacionais dos seus saberes, estamos contando histórias da diáspora do nosso povo na busca pela dignidade da nossa história e memória:

Eu tenho um lugar na praia que dá de frente pra Angola, da de frente pra angola né? Eu sempre fico treinando de frente pra Angola e eu já tive visões assim de Návios Negreiros chegando, entende? Eu acho que isso é memória do passado. É o que já aconteceu de verdade aqui. (Contramestra Brisa do Mar, Movimento Mulheres do Mar, 2022)

A arte africana é sempre um corpo que foge. É sempre uma face em diáspora. É sempre uma alegria contida e uma dor camuflada, pois até a dor haveria de ser abafada para que os africanos escravizados pudessem sobreviver... As estratégias de sobrevivência transformaram a dor em arte e a saudade em criação (OLIVEIRA, p. 174. 2007). Acredito que é essa a chave da compreensão dos depoimentos da Contramestra. A sua descrição é que a capoeira é como algo que envolve "ginga", semelhante ao balanço do mar e ao som das ondas. Mais uma vez: estratégias de sobrevivências do nosso povo. Para ela, a prática da capoeira na beira do mar é uma oportunidade para conectar-se com as presenças do passado, mesmo que ela não tenha vivido aqueles tempos diretamente.

No trecho a seguir ela faz referência ao "navio negreiro" evoca memórias dolorosas da história da escravidão e da chegada forçada de africanas/os ao Brasil. A sensação de "várias presenças" sugere uma conexão espiritual com os ancestrais e figuras históricas, como Maria Felipa, que lutou contra a escravidão e a opressão:

Tá tudo aí no que eu falei... é ginga, é.. é.. é como o balanço do mar e tal. O som do mar também e tal. Às vezes eu tô na beira do mar treinando e sinto várias presenças, né? No momento que eu tô treinando, em especial, na praia na beira do mar. Eu tenho muitas memórias assim sabe? Eu não vivi aquele tempo, mas eu sinto assim a presença do navio negreiro veio. Eu sinto assim como eu falei, eu sinto várias presenças... sinto a presença de Maria Felipa... sinto a presença do ancestrais velho... Maria Felipa... Navio negreiro chegando. (Contramestra Brisa do Mar, Movimento Mulheres do Mar, 2022)



Figura 4 - Contramestra Brisa do Mar tocando berimbau nos festejo de Iemanjá com as pessoas olhando e acompanhando a manifestação | Fotografia: @melcenourinha

Por fim, ao fazer uma “volta ao mundo” da história da contramestra, é notável que a sua trajetória de vida perpassa vários cenários de aprendizados e ensinamentos. Desde a leveza da criança a criação de um grupo para mulheres. Percebe-se uma centelha de esperança ao ver seu legado na história da capoeira da Ilha de Itaparica (e do resto do mundo). Ensinar para os diversos estágios etários; valorizar as mulheres; conexão forte com a natureza... foram algumas das lições que aprendi com ela nessas trocas. Conhecemos seu passado, o seu presente e o seu futuro promete a construir a materialização da sua história enquanto angoleira em um espaço físico. Seu maior

sonho é ter um espaço cultural dentro de sua comunidade. Assim, ela pode dar continuidade ao seu trabalho tão potente com mulheres, crianças, adolescentes, adultas/os e até mesmo pessoas idosas. A “Capsula de Semente” foi plantada. Agora é esperar a colheita.

CAPÍTULO 3

3. GUERREIRAS DE ZION

A história que nomeia este capítulo é que na ACANNE as/os discipulas/os do Mestre Renê são conhecidas/os também como guerreiras/os de Zion. O nome Zion significa terra prometida, sagrada. Trazemos este princípio enquanto grupo. Pessoas na luta em busca de caminhos para uma terra sagrada. Nesta seção vamos conhecer um pouco da história de duas alunas da ACANNE. Ambas mulheres negras angoleiras de Salvador, que tem vivências parecidas com a educação. Além de compartilhar o espaço de capoeira, compartilham também a profissão: professoras em espaços formais. Essas trocas serão divididas em três subcapítulos: “Larissa Almeida”; “Jessica Paranaguá: fazendo história” e “As encruzilhadas de ser quem nós somos”. Neste último, proponho uma reflexão sobre as situações que interligam as histórias das cinco participantes e a minha inclusão nesse processo.

3.1. Larissa Almeida: preta angoleira

A nossa quarta participante é a Larissa Almeida. Uma mulher negra de 35 anos (nascida em setembro de 1987), soteropolitana, nascida e criada na Cidade Baixa, em Massaranduba. É a filha número 4 de 7 filhos/as, sendo 5 homens e duas mulheres. A filha mulher mais velha. É adepta a capoeira angola desde 2015. Foi criada na década de 90 com uma dificuldade muito grande financeira. Em toda sua infância sempre teve esse fator econômico de ter que trabalhar muito cedo. Sua mãe, Clarice Almeida, sempre teve muito medo de seus irmãos se envolverem com o tráfico porque sua casa ficava em um beco na Baixa do Petróleo e lá tinha muita boca de fumo e assassinatos. Então, sua mãe escolheu como estratégia para afastar seus/suas filhos/as dessa movimentação foi se inserir na religião. Larissa cresceu sendo Testemunha de Jeová, tendo que fazer testemunho bíblico, ir para os cultos, ir para igreja e pregar de casa em casa. Sempre viveu em uma quebrada onde ela “estava, literalmente, entre a cruz e a espada”.

Um dos motivos de escolher Larissa como uma das protagonistas desta escrita e na verdade, escritora junto comigo, foi entender que desde quando pisei os pés na

ACANNE, a sua presença se destacava para mim como uma referência no jogo da capoeira, porque ela tem uma forma muito linda de jogar, mas a admiração intensificou ainda mais quando soube que ela trabalhava com educação. Parto do pressuposto que com, mais ou menos, 8 anos de capoeira, a “Preta Angoleira” como ela se intitula nas redes sociais, tem muito para me ensinar e muito para compartilhar sobre pilares importantes desta pesquisa: a capoeira angola, educação, gênero e racialidade. Além disso, por compartilhar do mesmo grupo de capoeira, tivemos muitos momentos de compartilhar narrativas, tanto a partir das conversas quanto pelo diálogo corporal nos treinos e rodas.



Figura 5: Larissa fazendo uma chamada. Imagem de acervo pessoal. Fotógrafo: Jeff Dias

Sempre fui muito fascinada pela forma como “Lari” joga e como se posiciona. Ela tem um jeito de jogar que é com velocidade e força, mas para além de tudo: estratégia. Enxergo no seu jogo muita consciência do próprio corpo. A forma como ela consegue sustentar os movimentos, faz parecer até que os movimentos são fáceis e simples porque

ela tem, aos meus olhos, sagacidade para executar esses movimentos. Parece até que ela não tem medo. Não tem medo de colocar a cabeça no chão, não tem medo de cair ou se machucar. Admiro muito isso e um dia chegarei lá (risos). Talvez isso tenha a ver com algo que vamos falar muito nesta parte do texto que é a autoconfiança, mas isso é assunto para daqui a pouco.

3.1.2. Os saberes e fazeres dos movimentos sociais

Larissa nos contou que sempre foi uma criança muito curiosa e que queria saber das coisas e aprender coisas novas e sempre se sentiu muito presa na religião. Então, na primeira oportunidade que ela teve ela saiu da religião e foi explorar o mundo, ou “o mundo de satanás” como diria a sua mãe. Nessas andanças e a partir do desejo de estar em lugares e viver coisas novas ela despertou para diversas oportunidades nos movimentos sociais. Desde projetos sociais da comunidade ou no centro de Salvador até participar de um grupo de Hip Hop.

Para contar esses detalhes vamos começar contando sobre essa vivência no movimento Hip Hop. Ela passou um tempo considerável saboreando desses saberes do universo do hip hop. Começou a andar com uma galerinha que fazia parte desse universo e assim subiu e desceu ladeira a partir dessa ótica cultural. Um detalhe muito forte de sua vida é que Lari sempre foi rodeada de homens. Desde a centelha do seu lar, ela teve 5 irmãos homens, sempre foi muito amiga de seus irmãos e dos amigos dos seus irmãos então conviveu bastante com essa masculinidade. Algo que ela acredita que influenciou também na sua construção identitária. Era uma constância a sua vontade de querer está no meio dessas pessoas porque eram as referências que ela tinha. Sua mãe estava sempre se mobilizando e implicando em algo e ela convivia na verdade era com os meninos. Acabava que ela não tinha uma referência feminina mais próxima e mais velha, eram sempre referencias masculinas.

O interesse dela eram esses: ela queria jogar bola; queria jogar capoeira; empinava raia e ficava na maré pra cima e pra baixo. Coisas que ela via os meninos fazendo e ficava reproduzindo. Uma das heranças deixadas, em vida, dos seus irmãos para ela é a herança sonora de atizar a paixão pelo Hip Hop, rap, facção centra, Mv Bil. Raps que ela considerava bem pesado, mas que ela não tinha também muita alternativa porque era o que os irmãos colocavam enquanto a sua mãe não estava em casa e ela ouvia também e gostava. Então, a Preta Angoleira diz que “o hip hop foi minha primeira formação”.

Foram nesses espaços que ela encontrou uma válvula de escape para pensar sobre a sua realidade social e sobre aquilo tudo que ela vivia. *“Isso foi me deixando mais revoltada. Uma revolta que era mais contra o sistema, né?! Menos com minha família porque aí eu comecei a compreender minha mãe e minha família através do Hip Hop [...] é um meio muito rico culturalmente.”*

Outro aspecto crucial para a construção de Larissa foram os projetos sociais. Ela conta que ela é *“fruto e cria de projetos sociais”* porque a ajudou intensamente na compreensão de outras perspectivas sobre o mundo que a sua família tinha dificuldade de digerir. Um dos projetos que a iniciou nesse processo foi o “Agente jovem”, um projeto da prefeitura em que ela passou quase quatro anos da sua vida. Onde ela iniciou de fato os debates sobre raça, cultura e sobre a importância de valorizar a cultura negra e a reconhecer enquanto negra. Era um projeto em que as aulas eram sobre raça, racismo, meio ambiente, debates de mulheres, sexualidade... Debates que hoje estão ferventes para aquele momento, mais ou menos em 1998, ainda eram assuntos que não eram tão falados. Os encontros eram todos os dias a tarde e a juventude ainda ganhava uma bolsa para participar do projeto e lanches. Lari entende que este projeto a ajudou muito a “abrir a mente” e conseguir mudar percepções sobre o mundo. Esta é concomitantemente uma percepção também de Nilma Lino Gomes (p. 91. 2019) que diz: “Na medida em que se afirmam sujeitos de história, conhecimento e culturas, as negras e os negros afirmam e reafirmam outras formas alternativas de ser humanos, sujeitos de direitos e de conhecimento ainda não reconhecidos pelas concepções hegemônicas de humanidade, cidadania e ciência”.

Além dos ensinamentos sobre questões sociais, Larissa, destaca que foi nesse projeto que ela começou a sair de casa sem ser com a família dela. No sentido de conhecer outros espaços como por exemplo Dique do Tororó, Parque da Cidade e em outros espaços:

Os professores faziam alguns tipos de passeios e eu fico me lembrando que isso é muito referência para mim porque eu fico querendo fazer isso com meus alunos hoje da CBX. Achei isso muito importante para mim aquilo de pô, ter alguém que apresentou para mim essas coisas e agora eu tento fazer a mesma coisa com os meninos. A gente tem uma saída uma vez por mês. Fico pensando ‘como vamos ter dinheiro pra fazer isso?’ mas sempre rola. As vezes eu tiro do meu dinheiro e boto. (Larissa Almeida, 2023)

Não só o projeto “Agentes jovens” que movimentaram os direcionamentos da vida de Larissa, ela também passou pela Steve Biko, Curso de Teatro na “Cidade Mãe”, um

curso de informática. Tudo o que ela via ela tentava se mobilizar para fazer porque despertava interesse em diversas áreas e principalmente esse desejo de viver outras realidades que fugisse da rotina da religião que ela fazia parte. Analiso os movimentos sociais como movimentos educadores muito presentes nas comunidades periféricas. Acontecem mesmo diante das dificuldades e limitações para manutenção de projetos e também movimentos culturais. São fontes propulsoras para que jovens periféricas/os e a juventude negra ou marginalizada possam ter oportunidades de conhecer outros caminhos para as suas vidas. Senti isso muito forte no discurso de Larissa e também no de Jéssica (que vocês vão conhecer mais um pouco em breve) e entendo que foram marcas carimbadas intensamente nas histórias de ambas e nas minhas vivências enquanto educadora, seja no Alto das Pombas ou no Pelourinho.

Os movimentos sociais são produtores e articuladores dos saberes construídos pelos grupos não hegemônicos e contra-hegemônicos da nossa sociedade. Atuam como pedagogos nas relações políticas e sociais. [...]” (GOMES, p.16. 2019). É uma esperança em tempos sombrios perceber que as nossas culturas e projetos sociais nos direcionam para entender uma coisa que pode parecer simples, mas que para gente é muito cara: a construção da nossa identidade e humanidade. Parte-se da premissa de que o Movimento negro, assim como outros movimentos sociais, ao agir social e politicamente, reconstrói identidades, traz indagações, ressignifica e politiza conceitos sobre si mesmo e sobre a realidade social. (GOMES, p. 28. 2019). Nos reconhecer enquanto pessoas que podem construir seus futuros, debater e ampliar opiniões sobre o mundo e por aí vai. Os nossos ancestrais sempre usaram das culturas para sobreviver. O samba, a capoeira, o rap... não seria diferente com a gente. Carimbar a nossa humanidade a partir dos nossos corpos e história é uma herança ancestral, como bem trazido por Vanda Machado:

A herança cultural, o conjunto de saberes, o mito, o canto, a dança, os provérbios, as diversas narrativas vivenciadas ampliam a percepção que ajuda a compreender a vida em sua interdependência como um enredo que permite dar significados a todos os acontecimentos do mundo em todos os tempos. Este é o sentido que traspassa da história para a solidariedade. (MACHADO, p. 47, 2017)

Diante do tecer de gingado dos movimentos sociais, percebemos que eles se constituem como verdadeiros artífices e orquestradores dos saberes que emergem das margens, das vozes que foram abafadas e agora ressoam em um coro de resistência e reconstrução. Cada passo, cada gesto, cada manifestação cultural se converte em um ato pedagógico, um ensinamento que transcende o espaço do cotidiano e se projeta como uma

força capaz de reconfigurar nossa compreensão da identidade e humanidade. Nas sendas do Movimento Negro e demais lutas sociais, a ação política se desdobra em uma constante reinvenção de identidades, um constante questionamento e resignificação de conceitos, delineando assim uma trama intrincada de narrativas que permeiam nossa história.

3.1.3. A paixão insistente pela capoeira

Para contar como Larissa foi pisar os pés em chãos de mandinga, iniciamos falando sobre uma coincidência que ela passou a reparar recentemente. Ela disse que o Mestre Moraes¹⁸ morava muito perto dela quando era mais jovem. Era praticamente seu vizinho. Menos de 80m da casa dele. Ela sempre soube que ele era capoeirista, que era famoso, todo mundo conhecia. Entretanto não entendia a dimensão e a importância dele para a capoeira. Sempre o viu como um cara bem-sucedido porque tinha uma casa legal e a família vivia razoavelmente bem e todo mundo o respeitava no bairro, inclusive o pai de Larissa.

A cidade baixa é um antro de capoeirista e além do Mestre Moraes, um outro mestre que seu pai, Pedro Conceição, comentava que morava lá nas palafitas em Massaranduba era o Mestre Dinho¹⁹ mas que ela tem pouca memória sobre ele. Mas ela lembra que seu pai falava muito dele também. O mestre tinha uma rotina grande de viagem e a Preta Angoleira lembra de saber que estas viagens que ele fazia eram viagens por/pela capoeira. Um homem que conseguiu sair da Cidade Baixa porque estava fazendo seu nome no mundo com a capoeira. Ela também recorda do pai cumprimentando este mestre. Então são histórias que “painho” contava para ela. Essas lembranças fizeram Lari pensar sobre como é forte ter duas das maiores referências de capoeira da cidade baixa: Mestre Moraes e Mestre Dinho morando tão perto dela. De alguma forma, essa é uma releitura que ela faz hoje em dia, porque nos tempos anteriores ela se sentia muito distante dessa realidade. Ela sentia que sua infância foi de muitas privações por não fazer muitas coisas por causa da religião. Apesar de entender que essa criação dentro da religião Testemunhas de Jeová foi importante para que seus irmãos (e até mesmo ela) não acabassem direcionando suas trajetórias para o tráfico ou algo do tipo.

¹⁸ Aos seus 73 anos, Pedro Moraes Trindade, o Mestre Moraes, é uma das maiores referências e nomes da capoeira angola pós-Pastinha. Difusor da capoeira no Brasil e no mundo

¹⁹ Raimundo dos Santos, Mestre Dinho, nascido e criado na cidade baixa (Salvador), faz parte do grupo topázio e começou a aprender capoeira aos 14 anos com Mestres como Mestre Nô e Fiiinho



Figura 6: Larissa com a camisa “minha capoeira tem cor e tem nome” - Imagem de acervo pessoal. Fotógrafo: Jeff Dias

Larissa sempre quis fazer capoeira, principalmente por conta das suas referências e amizades serem muito masculinas, como já contamos para vocês anteriormente. Desde a infância, apesar de ter sido uma ideia que saiu e voltou da sua mente várias vezes. Criança porque não tinha como ter liberdade para fazer algo assim e na vida adulta porque já estava em “outros corres” e não tinha tempo nem dava prioridade para este desejo. Foi justamente no ambiente do hip hop que um dos seus amigos fazia parte de grupo de capoeira, dava aula e era muito presente e a convocava, de maneira contínua, para chegar na capoeira também. Por muito tempo Larissa não aceitou o convite por questões pessoais e também pela dificuldade em relação ao cotidiano mesmo. Trabalho, correrias e mais correrias a impediam de tentar a sua presença em espaços de mandinga. Sem energia para fazer capoeira. Focava mais em se sustentar.

Apesar de ter uma infância com muitas privações, Larissa vivia muito na rua. Brincou e aproveitou bastante as brincadeiras que estavam ao seu alcance. Uma das coisas que ela contou é que a capoeira regional tinha uma presença muito forte no bairro de Massaranduba. Ao ponto de que, superando os impeditivos impostos por sua mãe a religião, ela decidiu fazer capoeira escondida no bairro. Por exemplo, ela queria participar do grupo de percussão e sua mãe não deixava porque era batuque e tinha a ver, na concepção dela, com a macumba. Larissa queria fazer capoeira, mas a mãe também não deixava de jeito nenhum e aí na escola o professor colocou aulas de capoeira e Preta Angoleira decidiu fazer as aulas sem a mãe saber. Fez uma ou duas aulas, mas depois de um tempo o professor disse que só podia ir com o fardamento e então ela não podia mais ir para as aulas escondida porque ela não tinha como comprar o fardamento e sabia que se pedisse para a mãe ela não iria deixar. Mais uma vez ela teve que se manter afastada da capoeira.

O pensamento com a capoeira era recorrente, mas ainda assim tentou outras atividades. Ao entrar na faculdade ela percebeu que realmente precisava se movimentar e buscou a academia. Entretanto ela entendia a musculação, naquela época, como algo monótono e difícil de manter constância. Foi aí que um amigo seu o chamou para ir treinar capoeira porque ela queria fazer urgentemente fazer atividade física, mas não queria ir para academia. Queria algo que a fizesse ter conexão com pessoas, com um grupo. Daí, ficou cobrando sempre pra esse amigo a levar para capoeira e nada. Larissa ficou uns 4 meses cobrando e depois quando o amigo se ajeitou (e ele era da ACANNE) e conseguiu convidar Larissa de verdade para conhecer o nosso quilombo. Foi assim, meio convidada e meio insistindo para aparecer que ela chegou a capoeira da ACANNE.

A sua chegada na ACANNE foi muito importante para ela. O Mestre Renê foi e é seu primeiro e único mestre. A ACANNE é único lugar em que ela jogou capoeira. Onde começou e onde se mantém e é justamente um espaço que ela conta que chegou para ela em um momento muito forte da sua vida que ela realmente estava precisando de uma família. Sua mãe tinha se mudado para Nazaré das Farinhas porque todos seus filhos e filhas já eram maiores de idade e, no entendimento dela, todas/as já podiam se cuidar sem sua presença. Para Larissa isso foi como se tirasse sua bússola e estava se sentindo sozinha, sem um direcionamento e na busca do equilíbrio. Ficou aqui em Salvador com dois irmãos e ambos estavam na busca dos seus sustentos e ela sentia falta de apoio e de cuidado mais próximo. Preta angoleira encontrou “régua e compasso” na ACANNE. Em

uma entrevista cedida para a revista “La debbo Magazine”, ela conta sobre esse entendimento de quilombo a partir da capoeira:

O segundo ponto importante da filosofia da capoeira é a ideia de quilombo ou comunidade, fazemos parte de um sistema onde todos são importantes, até os que não estão ali encarnados. Quem joga é importante, quem toca, quem canta, quem bate palma, quem compõe o círculo da roda, os mais velhos, os mais novos, os que vieram antes de nós, tudo só é possível porque reconhecemos a importância e o valor do outro para a composição do todo. No Brasil, de um modo geral, com a esportivização da capoeira, sua filosofia ficou em segundo plano para alguns Mestres e praticantes, esse saber permaneceu ligado mais a Capoeira Angola que é conhecida como tradicional e guardiã dos fundamentos e tradições. (ALMEIDA, p.30. 2021)

Este aspecto trazido por Lar em relação a capoeira ser um espaço focado na comunidade e valorização do quilombo é muito forte e com certeza um dos princípios mais importantes da capoeira. Um processo de aprendizado com o saber e fazer que é deveras potente. Para mim, por exemplo, foi muito desafiador no início do meu trajeto com a capoeira, entender que quando eu estou no meio da roda eu não sou o centro das atenções porque todo mundo está em protagonismo em suas respectivas funções. É uma quebra grande de lógicas lineares e cartesianas até mesmo da compreensão do que é ser um ser coletivo que vive em comunidade. Dialoga com o que é dito por bell hooks ao analisar uma sala de aula que seja poderosa: “na sala de aula bem-sucedida, não é essa a fonte verdadeira do poder. O poder da sala de aula libertadora é, na verdade, o poder do processo de aprendizado, o trabalho que fazemos para criar uma comunidade” (HOOKS, p.205. 2017).

Estamos acostumadas a pensar olhando para o nosso “próprio umbigo” (como dizem as/os mais velhas/os) e acabamos não nos entendendo como alguém que precisa fazer parte de uma composição social de diversas identidades para que sejamos de fato uma sociedade. Isso é muito forte na capoeira. Sem um tocador de berimbau não temos uma roda completa; sem pessoas sentadas compondo a roda, não temos uma roda completa de capoeira; sem duas pessoas jogando não temos uma roda completa de capoeira angola. E por ai vai. São jogos de uma interdependência saudável que o filósofo sul-americano Mogobe B. Ramose conceitua como Ubuntu:

O conceito de UBUNTU tem se tornado para mim a chave para responder essas questões... A palavra UBUNTU significa humanidade. O conceito de UBUNTU encorpa um entendimento do que é ser humano e o que é necessário para que seres humanos cresçam e encontrem satisfação. É um conceito ético e expressa uma visão do que é valioso e do que vale a pena na vida. Essa visão está enraizada na história da África e está no centro da cultura da maior parte dos sulafricanos. Mas os valores que ela contém não estão somente na África.

Eles são valores da humanidade enquanto tal e, portanto, universais. (RAMOSE, p.5. 2002)

O conceito de Ubuntu representa a humanidade, encarnando valores éticos universais enraizados na cultura africana, aplicáveis a toda a sociedade. Percebo muito esses valores irradiando a prática de Larissa na capoeira e também sua prática enquanto educadora. Contaminar o espaço escolar com saberes e fazeres das culturas africanas é a possibilidade de ensinar a completude do ser para além das necessidades produtivas cobradas por uma sociedade capitalista. São valores que tive dificuldade de reconhecer enquanto um conhecimento. Torna-se um saber que não nos é passado como uma disciplina em ambiente escolar, mas se pararmos para pensar o entendimento de quilombo é uma forma de aprender que pode ter “conteúdo” para uma vida inteira. A comunidade valoriza princípios humanos de respeito à vida, ao corpo e à ancestralidade, refletindo a interdependência do ser com a vida no planeta. Isso inspira uma abordagem educacional centrada em aprender através da necessidade de ser e de “em-sinar” enfatizando a importância de valorizar a existência antes do mero acúmulo de conhecimento, como pontuado por Vanda Machado:

Decerto que as vivências da comunidade estão lastreadas em princípios e valores humanos que consideram a vida, o corpo e a ancestralidade na interdependência entre o *ser* e tudo que pode ser respeitado como vida no planeta. Tudo que se move como uma teia dinâmica em todas as direções. Inspirada nos princípios básicos que regem a convivência da comunidade, encontramos outros paradigmas para se compreender a educação como outra forma de em-sinar. Educação como possibilidade quando se oportuniza aprender pela necessidade de ser, valendo-se dos acontecimentos cotidianos considerados na sua extraordinariedade. Este é o sentido para que estejamos sempre atentos a tudo que possa contribuir para a busca de ser antes de aprender para ter. (MACHADO. P. 46. 2017)

Então, é a partir desses aprendizados que Larissa apresenta a capoeira como um divisor de águas na sua vida. Precisou quebrar muitos paradigmas e compreensões que ela carregava da religião para poder entender um pouco mais sobre as culturas afro-brasileiras e os aprendizados que a capoeira tinha para lhe dar. Foi ali que ela fincou seus pés gingando e que a mantém até hoje nesse espaço se reconstruindo a todo momento que pisa os chãos sagrados da ACANNE e também fora dele. Em meio à vivência transformadora de Larissa, a capoeira emerge como um divisor de águas, um espaço onde paradigmas e concepções previamente enraizadas foram desmantelados para dar lugar a uma compreensão mais profunda das culturas afro-brasileiras. Relaciono com a afirmação da Makota Valdina: "Hoje você só encontra nas comunidades de terreiro e também naqueles que viveram e ainda conservam e insistem em manter estes traços daquele tempo

antigo, daquele jeito de fazer. Isso se via na forma de fazer ações em nível coletivo. Lá a gente não se alegrava sozinho, a gente se alegrava junto." (PINTO, 2005, p. 76). A capoeira, para Larissa, transcende a mera prática física; é um mergulho nas tradições, uma conexão com um tempo ancestral, onde as ações coletivas eram a essência da alegria compartilhada e das tristezas divididas. Essa compreensão ressoa não apenas nas palavras, mas nas gingas constantes sobre os chãos sagrados da ACANNE e além, onde a reconstrução pessoal e coletiva se entrelaçam a cada passo.

Em outro momento da nossa conversa, ela conta a profundidade sentimental que é fazer parte desse quilombo e como tudo isso foi e tem sido um resgate da sua própria história. Já que ela sempre foi uma criança que precisava ser cuidada, mas já estava cuidando de outras pessoas, então ela precisou dar um “aú”²⁰ para transformar a sua compreensão sobre família:

O espaço da capoeira, em especial da ACANNE foi isso, esse espaço da família largada. Eu entendi aquelas histórias que eu já tinha lido sobre capoeira, sobre ex capoeirista, aqueles homens e mulheres também que tinham sido separados das suas famílias durante a travessia atlântica, estava aqui sendo escravizados e trabalhos degradantes e sofrendo apartheid das suas famílias e que eles vão se reunir nessas famílias de terreiro, de capoeira, de samba e tudo mais. E eu me senti acolhida nesse lugar. Eu consegui experienciar e vivenciar... então você pode ter família de sangue, mas essa aqui é família que ajuda no meu desenvolvimento pessoal e emocional e principalmente do meu desenvolvimento espiritual. (Larissa Almeida, 2023)

Nas palavras de Larissa Almeida, a capoeira, em especial o espaço sagrado da ACANNE, transcende o mero domínio físico e se revela como um refúgio para a alma em busca de acolhimento. Ao descrever esse espaço como "esse espaço da família largada", ela resgata as memórias anteriores que ecoam desde a travessia atlântica, quando homens e mulheres foram separados de suas famílias, submetidos à escravidão e ao sofrimento, encontrando consolo nas famílias de terreiro, capoeira e samba. Larissa, ao experimentar e vivenciar esse acolhimento, ressalta uma compreensão única de família — não apenas aquela de laços sanguíneos, mas uma que desempenha um papel crucial em seu desenvolvimento pessoal, emocional e, sobretudo, espiritual. A ACANNE, como espaço de conexão profunda, tece uma família que vai além dos laços convencionais, oferecendo suporte e nutrindo a jornada individual de cada participante. Assim, Larissa destaca a capoeira como não apenas uma expressão cultural, mas um caminho de

²⁰ Analogia ao movimento de capoeira em que invertemos a lógica do corpo, ficando e cabeça para baixo e substituindo os pés pelas mãos

reencontro e fortalecimento espiritual, onde a família é forjada em laços de solidariedade e crescimento mútuo.

3.1.4. Educação, capoeira e autoconfiança: tem que suar para aprender

“Eu sempre falo para meus alunos: isso aqui é só pra você passar de ano, entendeu? O que você vai estudar e o que você precisa estudar está muito além disso aqui” (Larissa Almeida, 2023). Esta foi uma das frases que Larissa trouxe sobre o modelo atual de estudo na educação formal. Em que, como já foi supracitado, é uma lógica disciplinar, cartesiana e limitante de conduzir metodologias pedagógicas. Todavia, o que me chama atenção nessa fala é que é uma observação muito mais profunda do que pode parecer. Os conteúdos preestabelecidos pelo ambiente escolar são importantes para que as pessoas entendam organizações básicas da vida, cotidiano, história e tantas outras coisas mas se ela não é associada a momentos práticos da vida extraclasse e extracurricular, eles realmente viram assuntos que são direcionados apenas para que os estudantes concluam um ciclo escolar, entretanto, não há garantia que estes saberes serão usados na vida.

Tem assuntos que eu não gosto de dá mas é importante para a gente conhecer e expandir um pouquinho o nosso olhar, nossa visão de mundo... mas eu sempre falo para os meninos que isso aqui não é essencial para a vida deles [...] É muito mais essencial você saber sobre sua negritude, sobre sua comunidade, saber sobre a família de vocês, sobre a história da família de vocês, que muitos de vocês não conhecem... não sabem quem é avó, quem é a bisavó... e isso é essencial para vocês se entenderem enquanto indivíduos” (Larissa Almeida, 2023)

Este depoimento destaca um dilema comum na educação, onde a relevância de certos tópicos é questionada, contrastando com a necessidade de ampliar o horizonte e a visão de mundo das/dos jovens. Isso levanta a discussão sobre o currículo escolar e a importância de equilibrar o aprendizado disciplinar com o desenvolvimento de habilidades críticas e a capacidade de compreender contextos amplos. O comentário sobre a não essencialidade para a vida da juventude ressalta a necessidade de revisão curricular e da abordagem da educação, destacando o valor da educação não disciplinar e do desenvolvimento de habilidades amplas para enfrentar desafios reais. No entanto, também revela a necessidade de equilibrar a exposição a uma ampla gama de assuntos com a capacidade de as/os educadoras/es contextualizarem e tornarem relevantes esses conhecimentos para a vida das/os alunas/os, transformando em saberes significativos e reais. Larissa ressalta a necessidade de um enfoque educacional mais amplo, que promova o pensamento crítica, cidadania e a construção identitária.

Algumas das estratégias da nossa professora negra de dreads é não ser conteudista com os assuntos formais e que a sala de aula seja construída por ela e pelas/os alunas/os. Ela nos conta que em um dia um aluno sugeriu que a turma pudesse debater sobre um clipe de rap e ela achou isso ótimo e colocou o clipe para passar com proposição de ser seguido por um debate. O clipe era “Não sou racista” de Nego Max ²¹ que é um trabalho audiovisual bem feito, mas simples: um homem negro e um homem branco frente a frente em uma mesa debatendo sobre o homem branco, ser ou não racista.

O debate sobre o videoclipe da canção pode desempenhar um papel importante na educação de jovens negras/os, pois oferece uma metodologia de aprendizado que envolve discussões sobre questões de racismo e discriminação. Esta abordagem não apenas sensibiliza a juventude para as complexidades do racismo contemporâneo, mas também os encoraja a explorar e questionar as representações e estereótipos raciais presentes na sociedade. Além disso, é um exemplo de que quando a turma participa da construção da aula e sugerem atividades existe a expressão de suas próprias experiências, sentimentos e perspectivas, capacitando-os/as a se tornarem agentes de mudança na luta contra o preconceito racial e a promoção da equidade a partir da identificação de algo que lhe chama atenção.

Outra coisa que penso que seja muito interessante e que foi trazido pela Preta Angoleira é a sua disposição para fazer com que as suas aulas sejam melhores. Ela comprou um retroprojetor, investiu com seu próprio dinheiro, para que pudesse passar vídeos e usar do audiovisual. É uma tristeza para Larissa que as aulas “em pleno 2023” sejam ofertadas apenas com quadro e piloto. Na intenção de experienciar outras possibilidades de linguagens de ensino que não só copiar coisas em um quadro ela trabalha questões visuais e também muita música. Ela disse “*vamos botar uma música e descer até o chão aqui, gastar e depois fazer uma análise social dessa música de pagode*” (Larissa Almeida, 2023). Essa é uma ótima estratégia, assim como na capoeira, de usar o corpo como ferramenta principal de processos de aprendizagem:

A capoeira é uma tecnologia ancestral poderosíssima deixada por aqueles que tiveram que transformar dança em luta, seus rituais e cultura em arma de guerra contra o sistema opressor escravista brasileiro. Tudo isso sem perder a alegria, a ginga, a fé e a crença em um futuro melhor. Penso que hoje a capoeira continua necessária, pois é uma ferramenta a ser utilizada para o

²¹ Videoclipe disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=v2DCHWp2XyA&ab_channel=EricksonMax <acesso em 01/12/2023>

desenvolvimento pessoal e comunitário através da libertação do corpo, da mente e do espírito dos indivíduos que a praticam. (ALMEIDA, p.29. 2021)

Dançar para debater uma música de pagode é uma das formas da nossa geração quebrar com a persistência da ignorância sobre a corporeidade negra no contexto colonial e imperial brasileiro, marcado pelo escravismo que tem deixado um legado de racismo e desigualdade racial que perdura até hoje. Como se nossos corpos seguissem algemados, mas dessa vez a um padrão de aprendizado em que a gente só aprende sentado e esquece de deixar viva cada célula do nosso corpo. Paulo Freire (p. 92. 1980) “Não se pode chegar a conscientização crítica apenas pelo esforço intelectual, mas também pelas práxis: pela autêntica união da ação e da reflexão”. Larissa traz esse incômodo de sair da zona de conforto das cadeiras para poder pensar além do que já está posto nos livros:

No outro dia a gente foi falar sobre resistência escrava e no livro tem um bocado de coisa: revolta dos Malês, capoeira, batuque, Jongo... e aí eu chamei um cara para fazer um samba. A gente foi lá sambar e depois de sambar eu perguntei ‘isso aqui é resistência para vocês?’ ‘por que isso é resistência a gente tá aqui no meio do salão dançando e tocando atabaque?... e aí depois de algumas respostas uma menina fala ‘ah é porque há um tempo isso aí era proibido’ e aí eu falo ‘é isso aí, tá chegando. E pergunto mais: ‘se era proibido e eles fizessem o que que aconteceria?’ e assim a gente vai chegando a um raciocínio, samba mais um pouquinho e só depois que parte para os livros didáticos e lê sobre aquilo e vão entender com outra dimensão e ai sim vão entender o que está escrito (Larissa Almeida, 2023)

Daí a importância de “meter dança” ouvindo um pagodão, ou fazer um samba no meio do salão da escola para debater com o corpo e oralmente o que essas letras trazem sobre nossas comunidades. Essa é uma forma das nossas comunidades negras estarem desenvolvendo saberes sobre a estética e corporeidade negras, que desafiam a marginalização histórica, contribuindo para a tensão entre regulação e emancipação social. Essa dinâmica é essencial para compreender as complexas relações entre corporeidade, racismo e identidade no Brasil, como é trazido por Nilma Lino:

A ignorância sobre a corporeidade negra construída no contexto colonial e imperial brasileiro – dentro do qual o escravismo foi o modo de produção que fez funcionar a engrenagem econômica e social brasileira – persistiu no pós-abolição e perdura até hoje através do racismo e da desigualdade racial. Ao mesmo tempo, em nível de comunidade negra, saberes sobre a estética/corporeidade negra foram sendo construídos, aprendidos e socializados. Esses saberes conseguiram alguma penetração social e participam da tensão histórica regulação e emancipação social. (GOMES, p.80. 2019)

A árvore da linhagem da ACANNE, cada dia mais tem crescido e criando galhos e ramos. Um dos galhos mais novos é o núcleo Cidade Baixa, que é sediado em uma escola pública no bairro do Uruguai, em Salvador. Fundado por Larissa, a “ACANNE CBX” tem duas aulas semanais para jovens da comunidade e adjacência. Em um dia do

mês de outubro de 2023 eu tive a oportunidade de ir visitar uma das aulas que Larissa oferece junto com mais duas pessoas. Fui com o propósito de conhecer o grupo e para ver, “a preta angoleira” em ação como professora. Uma das coisas que mais tocaram foi justamente perceber que para mantermos o legado de algo ou alguém, realmente precisamos fazer com que esta pessoa/grupo se mantenha viva de alguma forma.

Assim que entrei na sala que acontecem as aulas vi no quadro, escrito a piloto: “Aberrê, Canjiquinha, Paulo dos Anjos e Renê”; “Capoeira angola”; “#ACANNE”. Detalhes sinuosos da construção de novas narrativas. Enquanto observava o cenário, como eu tinha chegado mais cedo, apreciava esse quadro enquanto um dos alunos se mobilizava para deixar a sala pronta para o início de aula. Colocando os bancos nos seus respectivos lugares, os instrumentos e armando os berimbaus. A aula nem tinha começado e eu já tinha aprendido tantas coisas... Foi aí que me dei conta que realmente nossa linhagem tem crescido de maneira muito assertiva. Eu vi os ensinamentos do meu mestre na prática, só de ver o aluno chegando mais cedo e arrumando os instrumentos. Nossa linhagem estava toda viva naquele momento, sem necessariamente estar ali. Porque Larissa, Mardson Costa e Uili estavam dando continuidade a um legado a partir dos ensinamentos.

Depois desse momento inicial, tivemos o início da aula de musicalidade e logo em seguida a aula de movimento. Reparei muito que as estratégias de Larissa é de usar muito a ludicidade para trazer os conhecimentos ou estimular questões cognitivas, tão fundamentais para a capoeira (e para a vida também). Esse é a sugestão de Alexandra Amorim que acrescenta a abordagem enfatiza o aprendizado inconsciente por meio de jogos, música e relações interpessoais no ambiente pedagógico:

Existe uma priorização das dimensões psicomotoras, por meio de jogos populares valendo-se de metáforas, com exploração da musicalidade, para atingir uma concepção de aprendizagem incidental, ou seja, o aluno aprende sem saber que está aprendendo e, considera as relações do processo como determinante para o sucesso do ambiente pedagógico. (AMORIM, p.47. 2017)

Um dos exercícios iniciais era colocar bambolês dispostos no chão e sobre o comando de Lari, a alunada tinha que ir para direita, esquerda, dentro ou fora. Muito parecido com “Escravos de Jó” só que com o corpo e fazendo isso tendo como referência os bambolês.

Outra dinâmica lúdica foi em duplas. A ideia principal é que uma pessoa tente tocar no joelho da outra pessoa. Ao mesmo tempo que a pessoa precisa fazer este

exercício, precisa também defender o seu próprio joelho para não ser atacado. É uma maneira divertida de praticar questões que são básicas da capoeira. A autopreservação, através da defesa, e o ataque. Janja Araújo (p.72. 2019) registra que “percebemos claramente sua preocupação em refletir uma atitude educativa e lúdica, a fim de dar-lhe status científico [...] Assim, a capoeira era preservada e, em certo sentido, modificada, aperfeiçoando-se, ou seja, se adequando aos novos tempos.”

Como é uma atividade lúdica, desperta mais nos jovens a necessidade de fazer a atividade funcionar e já ir criando posturas corporais que usamos muito na capoeira, do corpo mais inclinado com os joelhos flexionados, o tronco acompanhando, os braços levemente esticados. Posição que se assemelha a da ginga. O autor Muniz Sodré apresenta uma reflexão importante sobre esta prática da educação direcionada a partir da ludicidade entendendo que o capitalismo atual explora não apenas o trabalho físico, mas todo o potencial do indivíduo, exigindo uma reimaginação da educação formal e seu vínculo com o lúdico:

Isto é o que vem emergindo nesta fase do capitalismo em que a extração de valor visa não mais apenas a força física do trabalhador, mas todo o seu potencial de corpo e de existência. Obriga-se, assim, a educação formal a pensar em termos macroculturais: por exemplo, como ponto de partida, a reinvenção da *forma pedagógica*, em que esta de algum modo atualize a antiga distinção entre escola e escolarização, abrindo-se para toda a dimensão do sensível ou da *paidia* (o lúdico, o jogo), afastada da *Paideia* por Platão desde As Leis. (SODRÉ, p.14. 2014)

É por saber e viver tal conflito socialmente e ‘na pele’ que a comunidade negra toma o corpo negro como um espaço de expressão identitária, da transgressão e de emancipação. (GOMES, p. 78. 2019). Uma postagem²² do perfil do *Instagram* da ACANNE CBX, deixaram uma legenda muito interessante que dialoga com esta reflexão: “a capoeira é um importante espaço pedagógico para o desenvolvimento de inúmeras habilidades do aluno, tais como: a musical, corporal, rítmica, emocional, de socialização entre outras. Mas ela ensina aquilo que é mais raro ultimamente, a lógica de subversão a ordem dominante. A cultura negra é uma ferramenta fundamental para o processo de transformação social que tanto necessitamos”. Seguindo a ginga das reflexões da autora Nilma Lino Gomes (p. 98. 2019), percebo a relação da reflexão da legenda da postagem com um trecho de seu livro que aborda sobre perspectivas do conhecimento-emancipação. O conhecimento emancipatório gerado por pessoas negras, incluindo a capoeira, é uma

²² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cx9Ya1cxFmT/> < acesso em 01/12/2023 >

forma de escapar da opressão histórica e buscar liberdade, avançando de um estado de ignorância associado ao colonialismo/escravidão para um estado de sabedoria vinculado à solidariedade e libertação.

Quando questionada como estava sendo para ela estar nesse lugar de coordenadora de um projeto de ensino de capoeira dentro da escola, Larissa sinalizou que para ela aquilo ali é um desafio. Pontua que reforça sempre para as/os suas/seus aprendizes que o mestre está lá no bairro do Dois de Julho e que quem está ali dando aula para elas e eles é uma professora, tal qual as outras pessoas que a ajudam na construção das aulas. Preta angoleira conta que a lógica é muito mais profunda e as responsabilidades são maiores do que está aprendendo com o mestre, por exemplo. Para ela, é como se fosse estar aprendendo a praticar na vida um dos maiores aprendizados da capoeira que é jogar capoeira na vida. Tudo é um jogo de troca, como na capoeira. Então o diálogo com a coordenação da escola ou o jogo de interesse com as/os alunas/os são sempre movimentos que ela aprendeu a fazer com o corpo e reproduz no seu cotidiano com essas relações. Para Eduardo Oliveira (p.172. 207): “Não adianta você fazer este ou aquele movimento. Enfeitar este ou aquele golpe. Se você não sofre transformações profundas em você, seu jogo não muda”.

Dentre esses desafios de manter aulas de capoeira, ela destaca algo que é ser uma mulher ensinando capoeira. Mesmo tendo dois homens fazendo parte dessa construção educativa, ela sente que existe uma resistência da parte das/os alunas/os em abraçar suas aulas:

Para dar aula de capoeira, eu não vou mentir, eu percebi que existe e faz diferença você ser mulher, ser baixinha e ter um porte físico como o meu. Eu vejo que lá muito meninos não vão porque a imagem da capoeira ficou associada a ‘professora Larissa vai dar aula’. E por eu ser assim, às vezes, existe essa resistência. Porque eles estão acostumados a estar nesses ‘esportes’ (porque eles colocam a capoeira como esporte) essas lideranças e esses técnicos de futebol é sempre um homem; o cara do boxe e que puxa o boxe é sempre um homem e assim por diante... e aí quando você vê a capoeira sendo dada por uma mulher, que é professora, que é negra, que é baixinha e ainda rasta os meninos não querem não. É conquista, é suor e lágrima (Larissa Almeida, 2023)

É muito triste escutar isto de Larissa, justamente por conhecer sua potência enquanto pessoa e principalmente enquanto educadora. Mas a encruzilhada do racismo, sexismo e de tantos ismos, não nos deixam descansar. Quando a gente entra na “roda” da vida para jogar, o jogo é sério. Árduo e precisa muitas estratégias para que não fiquemos refém de um sistema que anula nossas existências e possibilidades de construção de novas

narrativas. A autora mineira Conceição Evaristo, nos cadernos negros, vol. 19, entrelaça uma reflexão muito forte em uma das suas poesias quando ela diz “A noite não adormece nos olhos das mulheres a lua fêmea, semelhante nossa, em vigília atenta vigia a nossa memória.” O trecho da poesia de Conceição Evaristo ressalta a noção de que a noite, que muitas vezes é vista como um momento de descanso e escuridão, não é adormecida nas vidas das mulheres. A imagem da "lua fêmea" atenta à memória evoca uma conexão profunda entre as mulheres e a natureza, sugerindo uma ressonância com os ciclos lunares e a força da feminilidade. Além disso, a lua feminina pode ser vista como um símbolo de resistência e perseverança, refletindo a luta das mulheres, especialmente as mulheres negras, em manter suas memórias e identidades vivas em meio a desafios, discriminação e apagamento histórico. Essa conexão entre gênero e raça é essencial para compreender a experiência única das mulheres negras e sua resiliência ao longo do tempo.

3.1.5. Autoconfiança é uma “chamada” para novas histórias

Uma das reflexões trazidas por Larissa Almeida que mais me chamaram atenção foi a quantidade de vezes que ela fez o jogo de palavras e uma das gíngas trazida era a “autoconfiança”. Esse é um sentimento caro para nós mulheres negras. As histórias que nos foram doutrinadas a associar são da escravização, da dor, violência, dos nossos corpos sendo violados e principalmente da escassez. Percebo que depois de tantos anos de luta dos movimentos sociais negros, muita coisa mudou. As novas gerações têm outra postura em relação a negritude e isso me dá esperança. A compreensão de nós mesmos e do lugar onde celebramos a ancestralidade renova a vida de velhos e novos. (Vanda Machado, p. 56, 2017). Todavia, sei o quanto que é difícil associar, cotidianamente, essa postura adversa a tudo o que nos foi “ensinado” cotidianamente sobre nossa história e sobre quem somos. Faz-se necessário a construção de novas narrativas para que a gente comece a construção de um futuro prospero. Para falarmos da nossa raça com orgulho e potência que se é. O objetivo é que a gente não pense mais das nossas identidades a partir das escassez e ausências, a busca pela quebra de crenças limitantes e se tem alguma coisa que a capoeira faz muito bem é nos colocar no centro da roda para entender que somos responsáveis pela criação das nossas histórias.

Na mesa do Congresso UFBA de 2023 (que daqui a pouquinho vamos contar mais para vocês) a Preta Angoleira trouxe como temática principal a autoconfiança. Em um dos trechos ela relaciona a vivência da capoeira angola com a construção da autoconfiança:

A gente não tem como ter comunhão na comunidade se a gente não está fortalecido, né? A mente, a cabeça... e como a capoeira dentro do jogo de capoeira, com todas as possibilidades, as vezes, contra a gente, a gente precisa ter essa autoconfiança de olhar pro nosso adversário (que as vezes não é aquele que tá ali na frente na nossa direção) e saber a hora de esquivar do golpe ou saber a hora de ataca-lo e a gente precisa de autoconfiança pra isso. (Larissa Almeida)

Outra reflexão muito importante sobre autoconfiança é ainda mais direcionada para a vida interpessoal de mulheres negras. Em um outro momento deste nosso texto, dialogamos de forma mais incisiva sobre como as mulheres pretas são atravessadas por dois marcadores sociais que acabam sendo estruturantes para uma sociedade racista e sexista que é gênero e raça. O que “obriga”, nós pretas conscientes e com letramento social a estar sempre em luta e questionamento. Por isso, que em outro momento do Congresso supramencionado, Larissa trouxe que é exaustivo repetir e questionar as mesmas coisas. A gente faz isso não só com as palavras e voz. Fazemos isso com o nosso corpo, postura, olhares. Segundo ela, quando a gente entra nas rodas da vida e da capoeira a nossa compreensão de mundo faz um aú e virar de cabeça pra baixo. Algumas concepções mudam e a gente amplia as visões:

Às vezes eu fico até cansada de falar as mesmas coisas... discutindo as mesmas discussões, mas como nossos adversários e nossos inimigos minam tudo aos pouquinhos. A gente se achando feia... a gente nascendo em comunidade desestruturada em que qualquer contato com nossa cultura é coisa do diabo e coisa do satanás, quando a gente tem que lidar com nossas autoestimas fragilizadas enquanto mulher nos nossos relacionamentos. É o nosso mundo o tempo todo sendo destruído e a gente brigando com isso o tempo todo. E depois que eu entrei na capoeira eu tive uma dimensão muito maior disso... e não é ruim... na verdade é ruim, mas não é ruim no sentido de que a gente não vá poder fazer nada. A capoeira nos mostra que ‘oh dá pra lutar’ (Larissa Almeida, 2023)

Gosto dessa ideia de que conhecer mais dos nossos processos segue sendo algo ruim, mas a diferença para o “ruim” que a sociedade impõe é que na capoeira a gente reconhece que o problema é muito maior do que a gente pensava, mas não é algo sem solução e sem possibilidade para sairmos dessa encruza. Larissa Almeida destaca a importância de abordar a capoeira estrategicamente e de forma prática. Ela enfatiza a necessidade de agir nos espaços disponíveis para promover melhorias graduais e despertar consciência. Não apenas como uma reflexão, mas também como uma ação além disso, ela conta que existe o impacto das tecnologias, a alienação da comunidade e a necessidade de despertar as pessoas para a cultura africana e a história do povo preto. Essa é uma das oportunidades que a capoeira oferece: ela incorpora as nossas histórias e culturas através do corpo inteiro, sendo uma ferramenta versátil de educação em diversas disciplinas acadêmicas, interdisciplinar e de empoderamento:

Então é a gente pensar nessa capoeira de maneira estratégica e prática né... a capoeira não é só estratégia de ficar pensando, capoeira é prática também. O que é que a gente pode fazer nos espaços que a gente tá pra melhorar um pouquinho, um por cento a cada dia... né... e pensar que se aquela galera conseguiu como é que a gente não vai conseguir? Com as ferramentas que a gente tem... também a gente entende que o nosso adversário, nosso inimigo tá mais poderoso... com as tecnologias que estão surgindo... o algoritmo, as redes sociais, uma alienação fodida da comunidade pra também. Que não se enxerga nas nossas redes direito. Pseudo personalidade querendo ser igual ao nosso opressor. Porque nosso opressor ele nos mata e quer que a gente o ame. E ainda quer que a gente o ame... e como é que a gente desperta o número maior de pessoas que a gente puder?! Primeiro a gente se desperta e a capoeira é um bom estalo para isso. Porque a capoeira trabalha nossa história sociocultural do povo preto. Não só a história da escravidão, mas a cultura africana mesmo. Poderia dar uma aula de capoeira em biologia, em matemática... em educação física... em história, português, em tudo. Com capoeira. Em tudo. Né... (Larissa Almeida, 2023)

Para a nossa professora de história, um dos caminhos mais fortes em sua vida para as quebras de crenças limitantes para o povo negro é a capoeira. Pelo menos foi assim que funcionou e tem funcionado para ela. Estamos cansadas de ver pessoas negras sem reconhecer as suas potencias e possibilidades porque é “doutrinada” pela sociedade para se autoconhecer como impotente. A capoeira é a saída, como um rolê, para questões que nos colocam em labirintos identitários e de reconhecimentos. Por isso é tão importante falar sobre autoestima. Para que a gente mude a mentalidade das pessoas negras, sejam ela de qualquer geração, e que possamos ter a nova construção de histórias para um novo futuro. Usar as estratégias da capoeira para vibrar não mais na escassez, mas na abundância, saúde, prosperidade, alegria e autoconfiança, como bem trouxe Larissa:

A capoeira tem nos construído. A gente vai se construindo também a cada dia. Tendo mais autoconfiança e poder fazer determinados tipos de coisas [...] Porque é isso que vai fazer com que tenhamos a visão limpa para tomar decisão e fazer boas escolhas. Não é só levar todas as coisas no grito e nem abaixando a cabeça. Então é esse equilíbrio (Larissa Almeida, 2023)

Na trama intrincada das narrativas que entrelaçam o percurso de Larissa Almeida, a preta angoleira, emerge uma teia de autoafirmação e sua relação inspiradora com a capoeira. Ao desbravar os caminhos da capoeira, Larissa não apenas quebrou as crenças limitantes impostas à comunidade negra, mas também erigiu um legado de potência e possibilidades. A capoeira, para ela, transcende o mero exercício físico; é um "rolê"²³ que desbrava os labirintos complexos da identidade e do reconhecimento. Nesse contexto, a discussão sobre autoestima adquire uma importância central, tornando-se uma chave mestra para desbloquear mentalidades enraizadas em doutrinas de impotência de uma estrutura racial. Ao compartilhar suas experiências, Larissa nos presenteia com a visão de

²³ Movimento de deslocamento da capoeira

uma nova construção de histórias, a partir das estratégias da capoeira. Assim, concluímos este capítulo imersos nas gingas dessa professora de história, vibrando não na escassez, mas na abundância, saúde, prosperidade, alegria e autoconfiança. Sua jornada não apenas nos revela a força transformadora dessa arte ancestral, mas nos convida a trilhar nossos próprios caminhos de empoderamento e recriação.

4.2. Jessica Paranaguá: a voz que arrepia

A nossa quinta angoleira é a Jéssica Costa Paranaguá, conhecida na capoeira como Paraguaçu, é filha de Dona Lúcia & Seu José (*in memorian*) e neta de Dona Antônia, (baiana de acarajé). Paranaguá tem uma voz muito especial e foi a ouvindo cantar a canção “esse quilombo é nosso” que me arrepiei dos pés a cabeça. Antes mesmo de entrar na ACANNE já enxergava nela uma mulher potente e que eu teria muito o que aprender. Em 2018 produzi um evento e convidei a ACANNE para fazer uma roda e ela foi uma das pessoas que estavam lá gingando e deixando seu legado.

Desde que adentrei de fato este quilombo que é a ACANNE tive a oportunidade de ser abraçada por Jéssica. Observadora e assertiva. Algumas das primeiras aulas que tive nesse espaço sagrado foi sob sua condução. Nunca me esqueço que em um desses encontros ela ensinou sobre a mandinga... de enganar a outra pessoa apenas usando a mensagem do corpo. Ela me ensinou muito sobre essa narrativa corporal quando, nessa aula, a gente ficou apenas executando esta “lição”, mas de diversas formas. Seja mexendo o corpo pra um lado e pro outro; fintando movimentos; exercitando os olhares... e em uma hora, mais ou menos, eu aprendi com ela muita coisa que levo até hoje para a vida. O que não foi diferente nos outros momentos em que a gente tem trocado para além da capoeira.

Estes exercícios foram para praticar o que chamamos na capoeira de “jogo de corpo”. Um dos elementos bases da capoeira angola é a intenção de ludibriar a pessoa que está jogando com você para que ela acredite que vai acontecer um movimento e na verdade vai fazer outro. Consoante com a sagacidade que a Rainha Nzinga tinha ao fazer seus acordos, como já trouxemos anteriormente. Então foi nessa aula com Paraguaçu que passei a entender a brincadeira com meu corpo de uma forma diferente. Deixo meu corpo livre pra ele ir para onde quiser quando estou gingando e finjo bastante para qual lado eu vou e qual movimento vou fazer.

Foi assim, acompanhando a postura, risadas e gingas de “Paraguaçu” (o apelido dela na capoeira)²⁴ que fui percebendo que nas histórias e pesquisas que fossem contar/fazer, eu queria falar sobre ela. Então agora, vocês, leitoras/es, vão ter a oportunidade de conhecer um pouco do que eu aprendo e enxergo nesta mulher.

Paraguaçu vem de uma família humilde da Cidade baixa, bairro da Mangueira, divisa entre Massaranduba e Ribeira. Sempre foi incentivada a ser uma mulher independente e esforçada, tanto pelo pai quanto pela mãe. A sua família tem a educação como forma de ascensão social. O pouco que Dona Lúcia tinha, teve como tradição financiar cursos educacionais e projetos que pudessem contribuir com a formação da filha. Jéssica estudou na Escola Sesi Comendador Bernardo Martins Catharino (Salvador – Itapagipe) localizado no bairro Caminho de Areia, até a 4ª série e a partir daí toda a sua formação é da rede pública, incluindo a universidade, onde formou em licenciatura em História (UFBa). Dentro deste processo formativo tem um marco que é o Cursinho Steve Biko do Instituto Cultural Beneficente Steve Biko, localizado no bairro do Pelourinho (que não é só um cursinho). Este espaço foi muito importante para a construção formativa racial e política, foi onde Paranaguá começou a abrir os olhos com relação ao seu papel de mulher negra na sociedade.

Este ponto sobre a importância do Instituto Steve Biko para a consciência social e política de Jessica relaciona-se com as questões supramencionadas ao longo deste texto sobre como nosso povo também tem construído a revolução social a partir da educação de jovens em um espaço que dialoga muito mais do que só as necessidades educativas para passar em uma universidade, mas onde pessoas negras podem ter acesso a abertura de caminhos (e também de mente), além de régua e compasso para reavaliar suas compreensões sobre a vida. São espaços como esses que dialogam firmemente com os ideais de educação postos pela capoeira: a formação para além de questões de um concurso, mas as dúvidas que incomodam a ponto de mover diversas pessoas pela sua própria transformação e das suas comunidades com consciência racial.

Segundo ela, sua infância foi muito divertida. Seu pai e sua mãe se separaram quando ela tinha 5 anos. E seu pai continuou presente mesmo após a separação. Seu pai era um eletricitista autodidata que só estudou até a 4ª série. Dona Lúcia, sua mãe concluiu

²⁴ O seu sobrenome de batismo é Paranaguá. Entretanto, na capoeira, seu apelido é Paraguaçu. Por isso, ao longo do texto

o curso técnico de administração. Entretanto, quando o assunto eram as questões de reconhecimento identitário dos cabelos, a mãe de Paraguaçu, a criou fazendo cabelos crespos com o antigo ferro quente. Inclusive, Paraguaçu usou esse tipo de cabelo dos 10 aos 18 quando conheceu a Biko.

Então, lá na sua comunidade, Mangueira, conhece os contemporâneos de Dona Lucia e também da sua vó. Ela brincou muito de pega pega, baleou e bicicleta. Muito embora sua carreira educacional e profissional tenham se dado, em boa parte fora daquele espaço, ela demonstra gostar muito da Cidade Baixa, dos lugares, das praias e do estilo de vida das pessoas.



Figura 7 – Paraguaçu tocando o berimbau médio na ACANNE (imagem de acervo pessoal)

4.2.2. A sua chegada no mundo de mandinga

Agora que sabemos um pouco sobre a história de Paraguaçu, chegou a hora de entender quando ela ganhou seu novo apelido: Paraguaçu. A sua história com a capoeira iniciou em meados de 2015. Ela estava nos semestres finais da faculdade e recebeu o convite de Larissa (a Preta Angoleira que vocês também conheceram um pouco mais da

história) e um outro amigo: Ismael. Jéssica nunca tinha feito capoeira, apesar de lembrar que em sua infância fez até Judô na escola e que não foi uma experiência agradável.

Então, foi no processo de finalização da faculdade que Paranaguá estava com crises de enxaqueca muito forte e já estava na busca de alguma atividade física, além de sentir um chamado para cuidar da sua ancestralidade. Ela percebeu que a capoeira poderia ajuda-la nessa busca e realmente ajudou. Além disso tudo, a angoleira historiadora também tinha perdido sua vó, no mês de maio, foi um momento que a sua cabeça estava muito bagunçada.

Então, voltando ao convite, num primeiro momento fiquei relutante, achando que aquilo não era pra mim. Que eu era muito grande, desengonçada e blá, blá, blá. Mas em algum momento eu aceitei o convite e fui assistir uma aula. Chegando lá eu me deparei com aquele homem firme com aquela voz grave e firme. Dizendo: isso é coisa de negão. Uma linguagem que eu não estava acostumada. Depois da Biko a linguagem acadêmica meio que tomou conta da minha vida. (risos). Daí e fiquei acho que uns dois dias olhando e aí eu comecei a treinar e fui vendo que podia desenvolver muitas outras coisas na capoeira. (Jessica Paranaguá, 2023)

A musicalidade foi uma das experiências incríveis que ela teve na ACANNE. Lá, Paraguaçu, teve a oportunidade de aprender com o Mestre Renê, um homem a frente do tempo e um verdadeiro exemplo dos ensinamentos da capoeira. Essa jornada transformou a vida dela de muitas maneiras. Transformou sua visão do mundo, tornando-a uma pessoa mais consciente e empática, além de ensiná-la a perseguir seus objetivos e compreender o verdadeiro significado da coletividade, sem negligenciar suas necessidades individuais.

Além disso, a capoeira teve um impacto surpreendente em sua saúde, aliviando significativamente suas enxaquecas. E o mais importante, aproximou-a de sua ancestralidade, conectando-a com suas raízes de uma maneira profunda e significativa. Ela afirma que sempre dirá que a capoeira não foi apenas uma atividade física, mas sim uma jornada que a transformou em uma pessoa melhor e mais conectada com sua própria identidade.

4.2.3. Os tons de ginga (musicalidade e capoeira)

Entre batuques e berimbaus, uma parte importante da história de Jéssica foi o reconhecimento através da musicalidade. O que ela me contou é que quando chegou a capoeira ela acreditava que aquele espaço não era pra ela porque ela tinha o “corpo todo duro”, não queria focar nos movimentos e queria ver como ela poderia se encaixar nesse negócio chamado capoeira. Esta fala me fez refletir sobre como a ausência do corpo negro

e seus conhecimentos na educação formação podem resultar em estereótipos negativos. Tal qual a negação da capacidade dessas pessoas em atividades diversas, afetando nossa autoestima, como é trazido por Nilma Lino:

Trata-se de um processo engenhoso. A não existência do corpo negro e dos seus saberes pode se fazer presente quando esse corpo é tematizado via folclorização, exotismo ou negação. Ou então quando esse corpo apresentado e representado com indisciplinado, lento, fora do ritmo, que não aprende, violento. Esse é um tipo particular de produção de não existência que acontece no campo da educação, pois se realiza através de uma presença redutora que relega o corpo negro e os seus saberes ao lugar da negatividade e da negação (GOMES, p. 79. 2019)

Como a “capoeira é tudo o que a boca come e tudo o que o corpo dá”²⁵ a nossa cantora encontrou sua forma de dialogar com a capoeira quando viu as pessoas tocando berimbau e pensou “ah, eu vou aprender a tocar isso”. Todos nós somos sujeitos da história. Temos de voltar a um estado de presença no corpo para desconstruir o modo como o poder tradicionalmente se orquestrou na sala de aula, negando subjetividade a alguns grupos e facultando-a a outros. (HOOKS, p. 186, 2017). A autora americana, bell hooks, ressalta a importância de todos serem sujeitos ativos na construção da história e da educação. Hooks argumenta que é fundamental que as pessoas, especialmente as negras, estejam presentes e envolvidas em sua própria cultura para desconstruir padrões tradicionais de poder que negaram a subjetividade a certos grupos. Ela enfatiza a necessidade de as pessoas negras reconectarem-se com seus corpos, culturas e histórias, a fim de desafiar as estruturas de poder que perpetuaram a marginalização e permitir que elas se tornem agentes de mudança e empoderamento em suas vidas e comunidades.

Na verdade, Paraguaçu já tinha uma relação próxima com a música desde sempre. Sua família tem uma conexão muito forte com a música. Então sua casa sempre tinha alguém ouvindo samba. Seu pai era viciado em reggae. Ela não gostava porque achava coisa de “velho”. Mas quando chegou na sua adolescência seus amigos e amigas a apresentaram o reggae de uma outra forma e ela mudou bastante suas perspectivas. Fez brevemente aulas de “canto coral” quando era bem pequeninha. Amava bater tudo o que via pela frente. A música sempre foi algo que a divertia. Então, ela já tinha uma certa intimidade, mas não percebia na música um caminho para a vida dela. A capoeira abre portas, principalmente a capoeira da ACANNE. Que está ali para nos mostrar que somos seres potentes, que podemos ser felizes e que podemos construir nossas histórias a partir

²⁵ Uma das frases mais conhecidas do Mestre Pastinha

de diversos caminhos que os aparatos racistas e sexistas nos mostram cotidianamente o contrário.

Ainda não é algo que eu faço como minha principal atividade. Ainda não vivo disso. Mas é algo que eu quero, né? É algo que eu gosto, pelo menos eu me divirto quando eu faço [...] independentemente de qualquer coisa eu sei que vou continuar fazendo música na vida. Isso eu tenho certeza. E isso foi a capoeira que me deu caminho pra isso, entendeu?! (Jéssica Paranaçu, 2023)

Temos uma frase nas paredes da ACANNE que diz o seguinte “A capoeira da ACANNE torna visível o invisível” e é um pouco do que percebo quando Paranaçu reativa uma memória da infância a partir da sua vivência com a capoeira. As negras e os negros em movimento transformam aquilo que é produzido como não existência em presença, na sua ação política. (GOMES, p. 79. 2019). Como bem apontado por Paranaçu, a capoeira tem um potencial grande de autodesconstrução. Sem métodos pré-estabelecidos ela consegue dançar nas entranhas dos nossos egos e histórias para nos apresentar novos caminhos e possibilidades. A fala de Jéssica se conecta com as reflexões de Eduardo Oliveira quando ele aprecia que A capoeira angola é caracterizada pela desconstrução contínua, demandando coragem, autodescoberta e interação com o grupo, incentivando a busca tanto do aprendizado externo quanto do autoconhecimento interno:

A capoeira angola não tem propriamente um método. Se o tem, é a desconstrução. Constrói-se para destruir e destrói-se para construir. E a desconstrói até mesmo suas próprias referências, seu aprendizado, é, na verdade, uma desconstrução de si. Aí é preciso muito mais que destreza, preparo físico, dedicação, treino, habilidade; aqui é preciso coragem para enfrentar seu monstro interno; lidar com seus limites, adentrar na floresta escura que é seu “espírito”. É preciso ter despojamentos, atenção, atitude, entrega. É preciso bastar-se e ao mesmo tempo interagir com o grupo. É preciso aprender o que lhe ensinam, mas, sobretudo, aprender o que já está dentro de você (OLIVEIRA, p. 176. 2007)

Na tessitura do universo da capoeira angola, Eduardo Oliveira desvela uma filosofia intrincada e profundamente enraizada na desconstrução. A ausência de um método linear revela-se como a própria essência da prática, onde o movimento é uma constante transformação, construindo-se apenas para ser desfeito e reconstruído. Nessa dança entrelaçada de gestos e ritmos, a capoeira angola se torna uma metáfora da existência humana, convidando as/os praticantes a enfrentar seus próprios monstros internos e a mergulhar nas profundezas de seus espíritos. A coragem necessária para lidar com os limites pessoais, adentrar a floresta escura da alma e, ao mesmo tempo, interagir harmoniosamente com o grupo, configura-se como um desafio que transcende destreza física e habilidade técnica. A busca pela maestria na capoeira angola, segundo Oliveira, demanda despojamento, atenção, atitude e entrega – uma jornada de autodescoberta onde

aprender o que já está intrínseco ganha tanto valor quanto assimilar o conhecimento que é transmitido. Dessa maneira, a capoeira angola não apenas ensina movimentos físicos, mas incita uma busca profunda pelo entendimento de si mesmo, refletindo a sabedoria ancestral entrelaçada na teia complexa dessa arte singular.



Figura 8 – Jéssica cantando com a sua banda TOM71 em um evento na Faculdade de Educação (UFBA) em 2023 – Imagem de acervo pessoal

Para mim esse ponto cultural foi algo muito importante quando eu cheguei lá na ACANNE, eu gosto de dar esse exemplo, eu senti uma conexão espiritual...e quando eu cheguei naquele espaço eu coloquei, como diz meu mestre, muita coisa que existia em mim e coloquei pra fora. Porque se tem uma coisa que a cultura da capoeira faz é potencializar coisas que você tem adormecido dentro de você. Então eu tive uma memória da minha infância quando entrei na capoeira que hoje em dia eu potencializo isso tanto na sala de aula quanto no meu trabalho com a música. (Jéssica Paranaguá, 2023)

Entre desconstruções e construções que Jéssica passou a cantar dentro e fora do nosso quilombo. A paixão entrelaçou sua rotina para além das rodas de capoeira. Recebeu o primeiro convite para ser beacking vocal de uma banda de reggae chamada Mukambu. Ficou nessa função por um tempo e depois, por questões da rotina e prioridades acabou saindo da banda. Tempos depois, pós pandemia, recebeu mais um convite. Dessa vez para

cantar e puxar um samba em um bar no bairro do Dois de Julho em Salvador. Juntou suas amizades e se jogou. Depois disso sua história com o samba só cresceu. Começou a cantar em mais espaços e agora a coisa está ainda mais séria. Junto com seus amigos próximos criou sua própria banda intitulada “Tom71”.

A vivência de Jéssica e sua trajetória na música, em particular, sua relação com o samba reflete sua busca por identidade e expressão artística, à medida que ela se envolve em diferentes formas de música e constrói sua história no cenário musical. O samba como uma tecnologia de agregação social, destacando sua importância na comunidade. O samba não é apenas uma técnica musical, mas uma forma de unir corpo, ritmo e música para criar espaços de interação social e expressão cultural. Isso se relaciona com a experiência de Paraguaçu, pois ela se envolve com o samba e cria sua própria banda, demonstrando como o samba não apenas a conecta com sua comunidade, mas também serve como uma ferramenta para sua própria expressão artística. A música, e em particular o samba, desempenha um papel crucial na construção da identidade e na integração social, ligando o indivíduo à comunidade e fornecendo uma plataforma para expressão cultural e pessoal. Isso ressalta a importância da música como um meio de fortalecimento da identidade e criação de laços comunitários. Como é bem pontuado pelo autor Muniz Sodré:

Nesse tipo de território, corpo e comunidade se perfazem como vetores de toda uma tecnologia de agregação social. O samba, por exemplo, que é necessário ser abordado não apenas como uma técnica musical específica, como um gênero de canção entre outros, mas como tecnologia de agregação social por corpo e ritmo, por música, portanto. (SODRÉ, p.16. 2014)

Acredito que talvez Jéssica nem tenha noção de que voz dela realmente ecoa nas pessoas não só como uma forma sensibilização ao ouvir o seu canto e toque do berimbau, mas também como uma inspiração. Como já contei, desde que a conheci fiquei vidrada na forma como ela toca e canta. Me imagino um dia tocando e cantando com uma fluidez e potencia equivalente a dela. Considero sua presença na voz de uma roda como sendo um manifesto ao mostrar que o gunga, o médio e a viola²⁶ possam ser tocados por uma mulher negra que rouba o protagonismo. Tenho até o relato de uma vez que fiquei muito feliz porque Paraguaçu quis saber como eu estava tocando berimbau. Perguntou se eu estava treinando e me lembrou da importância de aprender a tocar e ocupar esse espaço. Ela me deu dicas de como tocar e me incentivou. Isso me deu vontade realmente de me

²⁶ Os três modelos de berimbaus que se tem na capoeira. Sendo diferenciados pelo tamanho da cabaça e o som feito por cada um. Que cumprem ritmos e uma funções diferentes dentro da roda de capoeira

dedicar mais. Me senti realmente sendo impulsionada. Por hora, como supramencionado neste texto, a autoestima e autoconfiança são desafios tão grandes para nós mulheres negras que um chamado como esse, de uma outra mulher, pode me conduzir para um outro patamar de relação com o berimbau, com o canto e com a vida.

Na ACANNE, diferente de muitos grupos, a presença na bateria é sobre sua competência em saber tocar os instrumentos da maneira em que é pedido pelo Mestre. Como as mulheres negras são maioria no nosso quilombo, ver mulheres cantando e tocando já é um costume. Sempre bom reforçar o quanto que isso é potente na ritualização. Na capoeira a música é uma das vertentes fundamentais e me sentir representada com as palavras dos canticos sendo faladas por irmãos e irmãs negras/os é de uma força muito grante de ação, como é trazido pelo malinês Hampatê Bâ:

Nas canções rituais e nas fórmulas encantatórias, a fala é, portanto, a materialização da cadência. E se é considerada como tendo o poder de agir sobre os espíritos, é porque sua harmonia cria movimentos, movimentos que geram forças, forças que agem sobre os espíritos que são, por sua vez, as potências da ação. (Bâ, p. 174. 2010)

Outra questão que me arrebatava em relação a musicalidade e capoeira foi, nas oficinas de capoeira do Alto das Pombas (mencionado nos capítulos anteriores), trabalhamos a capoeira como mobilização da construção identitária de meninas, que estão se tornando mulheres e esta ação foi feita através da musicalidade. Por meio das cantigas, podemos refletir em uma oficina, sobre o lugar das mulheres na história da capoeiragem. Refletimos o quanto estamos sendo “privilegiadas” de sermos do gênero feminino e conseguir praticar a capoeira com “liberdade”. Por meio das cantigas, iniciamos, na atividade os debates sobre as canções e o que elas representavam. Ao longo dessa vivência, pudemos trazer algumas músicas de capoeira que versam sobre as mulheres.

Dentre elas. “Maria Conga, esse quilombo é meu, é seu, esse quilombo é nosso” e “Dona Maria do Camboatá, ela chega na roda ela manda botar”. Duas canções que falam positivamente sobre a presença das mulheres na capoeira, o protagonismo e o conceito de comunidade. No livro “Para educar crianças feministas”, ADICHIE (2017) reforça a importância de ações como essa. Pensando sobre a representação e empoderamento:

Esteja atenta também em lhe mostrar a constante beleza e capacidade de resistência dos africanos e dos negros. Por quê? A dinâmica do poder no mundo fará com que ela cresça vendo imagens da beleza branca, da capacidade branca, das realizações brancas, em qualquer lugar onde estiver. Isso estará nos programas de TV a que assistir, na cultura popular que consumir, nos livros que ler. Provavelmente também crescerá vendo muitas imagens negativas da negritude e dos africanos. (ADICHIE, 2017, p.19)

Para meninas negras (e também para as outras pessoas participantes da capoeira), a música na Capoeira Angola se torna um veículo poderoso de conexão com suas raízes culturais. Como aludido anteriormente, as canções frequentemente abordam temas relacionados à resistência, história e espiritualidade afro-brasileira, permitindo que as pessoas negras se identifiquem com narrativas que ecoam suas próprias experiências e histórias de ancestralidade. Essa identificação promove uma formação identitária sólida, na medida em que as meninas se veem como parte de uma tradição cultural rica e poderosa. Além disso, esta participação ativa proposta pela musicalidade angoleira, permite que exista uma apropriação cultural e conseqüentemente a preservação da nossa história que está sendo contada através dessas cantigas. Tem músicas que eu demoro muito tempo para entender a mensagem porque estou distante da realidade contada na música. Algumas músicas ainda não entendo e talvez siga sem entender.

Por fim, trago as reflexões de que na visão de Jéssica Paranaguá, a cultura da capoeira não apenas ensina aspectos técnicos do jogo, mas também oferece uma conexão com a história e a experiência de gerações passadas. Além disso, a capoeira proporciona um sentimento de pertencimento e solidariedade, permitindo que aqueles que compartilham essa cultura superem traumas e estabeleçam uma reconexão com um espaço significativo em suas vidas. Essa dimensão cultural da capoeira se revela como um elemento fundamental para a formação e o bem-estar da comunidade. Dimensões essas, que como trazidas neste subcapítulo, foram também vividas por ela:

E aí chegando lá na ACANNE, lá na capoeira, eu senti que a formação acadêmica ela era importante, a formação militante do movimento negro em um espaço negro também é importante, mas tem uma coisa que só a cultura ela te dá que é a conexão com quem veio antes de você. E aí tem coisas, malandragens e malícias que você só aprende dentro da capoeira. E eu nem tô falando do jogo não, o jogo ele é muito importante né... é a lógica..., mas tem muito mais coisa na capoeira. O fato de você se sentir pertencente por pessoas que compartilham coisas e ideias partilhas com você... pessoas que tiveram os mesmos traumas que você, sejam os traumas de saúde, psicológico ou traumas pessoais... isso é só uma coisa que a cultura lhe dá, porque ela lhe fortalece e te traz uma reconexão por um espaço que você talvez não fosse passar se não fosse a cultura. E no nosso caso através da capoeira. (Jéssica Paranaguá, 2023)

4.2.4. A educação em suas diversas formas

A nível de educação formal, Jéssica é professora de história. Já atuou tanto pela Steve Biko quanto pelo Estado. Entretanto, com a mudança do Novo Ensino Médio, no início do ano de 2023 e teve uma diminuição na carga horária de matérias fundamentais como história, geografia, sociologia, filosofia, etc. Por isso, ela foi realocada de escola e

está ensinando em Paripe dando aula de outras disciplinas como sociologia, artes e inclusão digital. Mas se pararmos para pensar, segundo Hampatê Bâ (p. 184. 2010): Na África, tudo é “História”. A grande História da vida compreende a História das Terras e das Águas (geografia), a História dos vegetais (botânica e farmacopeia), a História dos “Filhos do seio da Terra” (mineralogia, metais), a História dos astros (astronomia, astrologia), a História das águas, e assim por diante.

Em face das crescentes discussões em torno da eficácia do currículo escolar em abordar a realidade dos estudantes, é imperativo examinar as práticas educacionais que transcendem os limites das salas de aula tradicionais e estabelecem conexões significativas entre a educação e as vivências cotidianas da juventude. Neste contexto, a capoeira pode emergir como um espaço de aprendizado para orientar esse processo e que tem profunda relevância, cuja didática tem demonstrado, para seus e suas integrantes a capacidade de envolver as/os estudantes e abordar suas realidades de maneira única. O trecho a seguir, de Paraguaçu, oferece uma visão elucidativa dessa perspectiva, em que ela entende que a partir das suas vivências na capoeira ela consegue aprender possibilidades, mesmo sem mudar o currículo escolar, para criar formas de ensino, destacando assim, a contribuição da capoeira para uma educação mais sintonizada com as experiências dos estudantes.

Atualmente, a capoeira me ajuda como sempre me ajudou. Eu vejo muito a didática que o mestre da aula de capoeira e me ensina muito. Porque os meninos, eu acho que... o que os estudantes sentem falta na escola é de uma educação que seja... que fale a realidade deles. E eu penso muito que esse currículo que tá aí não fala a realidade deles. (Jéssica Paranaguá, 2023)

A aprendizagem isolada se mostra insuficiente, e até mesmo avessa, a uma educação de fato. Reduzida à dimensão do aprender, a educação deixa de ser abertura e passa a ser a repetição dos roteiros avaliados- nada mais contrário ao educar. (CARNEIRO, p.46. 2019). Faz-se necessário pensarmos, diante das discussões preditas sobre inadequação da aprendizagem isolada quando se trata de educação efetiva. Reduzir a educação à mera dimensão do aprendizado, limitando-a à memorização e repetição de informações, é contraproducente para o processo educacional. Isso nos mostra que a verdadeira educação vai muito além do que se “entupir” de conhecimento. Como diz meu mestre Renê “A gente ta ficando obeso de conhecimento”. Porque consumimos muito e não usamos essa “gordura” de aprendizado na prática. A educação envolve a

compreensão, contextualização e aplicação desses conhecimentos no mundo real. O que que se aprende hoje que pode ser aplicado no cotidiano dessa juventude no dia seguinte?

Estes pontos trazidos nos levam a boca da roda para sermos produtoras/es de mudança sobre a natureza do processo educacional e destaca a importância de uma abordagem mais prática. Como a capoeira é. A capoeira nos dá ferramenta não só para jogar dentro da roda de Angola, mas também na roda da vida, como já trouxemos tantas vezes durante este texto. A escola, historicamente, é um espaço constituído para transmissão dos conhecimentos científicos acumulados pela humanidade numa experiência, em sua maioria, tradicional e conservadora que privilegia o dever em detrimento ao prazer; a mente em detrimento ao corpo; à racionalidade em detrimento à sensibilidade. (AMORIM, p.16. 2017). A educação carece de uma transformação estrutural ou prática para que possa ser um instrumento de abertura para o entendimento do mundo e do pensamento crítico. Em vez de se concentrar apenas na avaliação de resultados e no aprendizado passivo e massivo. É um espaço de encorajamento em prol do desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico, criatividade e compreensão mais profunda.

É importante entendermos também que muitas ações (e transformações) já tem sido feitas no cenário escolar de um tempo para cá. A proximidade de idade, identidade de gênero e raça, entre educadora e estudantes, desempenha um papel relevante nessa relação interpessoal. Assim como é destacado a importância de uma educação que seja afrocentrada, mais próxima da realidade das/os estudantes e enraizada na ancestralidade. Princípios básicos que aprendemos muito na capoeira. Essa abordagem pode contribuir para a formação de seres humanos mais conscientes e conectados à sua própria história.

A partir do advento das ações afirmativas configurou-se um outro perfil de juventude negra que se afirma por meio da estética e da ocupação de lugares acadêmicos e sociais. Juventude essa, em sua maioria periférica, que aprendeu a ter orgulho de ser negro e da periferia, numa postura afirmativa e realista (GOMES, p. 75. 2019). Isso demonstra como a mudança no perfil da juventude negra, associada a transformações educacionais, está promovendo uma abordagem mais inclusiva e empoderada em relação à identidade racial e ao conhecimento. Esses desenvolvimentos têm o potencial de impactar positivamente a educação e a sociedade como um todo, ao valorizar e reconhecer as diversas experiências e perspectivas da juventude negra.

Seguindo a gíngua das reflexões, Paranaguá nos conta uma história de que uma professora de Educação Física, da escola que ela ensina, não tem nem uma quadra pra poder dar aulas para os/as estudantes. As aulas são feitas em uma sala de aula. Um dos conteúdos que ela tinha que dá nas aulas era de “artes marciais” e então esta professora alegou que ela não ia dar essas aulas sem embasamento. Teoria sem prática. Por conhecer Jéssica como capoeirista pediu para que realizasse uma atividade de capoeira para as turmas na aula de Educação Física. Paranaguá convocou o quilombo da ACANNE para conduzir esse momento junto com ela e fez uma vivência de capoeira angola. Essa daria passagem para outra inscrição assente em uma filosofia de encruzilhadas que versaria a problematização do ser/saber na expressão “gingo, logo existo” ou na máxima cunhada por Mestre Canjiquinha: “As ideias estão no chão. Eu tropeço, encontro soluções” (RUFINO, p. 68.2016) que se relaciona com a fala de Jéssica:

A capoeira também tá muito tá muito nessa coisa de falar a linguagem deles e de ser próxima deles. E aí entendo que eles têm uma realidade que é muito parecida com a minha. Me coloco muito no lugar deles de quando eu era uma menina de escola pública e não tinha muitas perspectivas quando acabasse o ensino médio e fazer um ensino superior ou de fazer outras coisas... é isso que eu tô falando. Porque essa questão de ter um trabalho de cultura ou de música na escola você pode propiciar outros caminhos pros meninos. Então eu sempre falo de uma educação bem prática assim, de dar caminhos para eles... Eu acho que a capoeira ela fez comigo, ela pode ajudar um jovem negro a realizar seus sonhos. (Jéssica Paranaguá, 2023)

A fala de Jéssica Paranaguá reflete a importância da capoeira como uma ferramenta de transformação para jovens negros, especialmente ao proporcionar novas perspectivas em um ambiente onde essas oportunidades são escassas. Ao conectar sua própria trajetória com a de jovens que enfrentam as mesmas limitações socioeconômicas, ela destaca o papel da capoeira como um caminho prático para sonhar e realizar. A capoeira, nesse sentido, ultrapassa a dança e o jogo, tornando-se um espaço de construção de futuros possíveis, onde jovens podem visualizar-se como protagonistas de suas próprias histórias.

Assim, inscrevem-se sabedorias gíngadas, esquivadas, negaças, práticas de frestas. São sabedorias que se imantam na integralidade dos corpos; os suportes físicos dão passagem para que esses conhecimentos (RUFINO, p.62. 2016). O sistema educacional ocidental frequentemente se distanciou significativamente da realidade das pessoas negras. A narrativa histórica predominante frequentemente enfatiza as feridas e as dores da comunidade negra, desvinculando-a de suas potencialidades. Este fenômeno,

embora sutil, tem ramificações profundas em várias camadas da construção da identidade, especialmente na formulação de perspectivas para o futuro. Ao longo de nossa formação, fomos ensinados a acreditar que somos descendentes dos trágicos processos de escravidão, marcados pelas chibatadas e violências coloniais, em vez de recebermos uma educação que destaque nossas raízes como povos negros descendentes de reis e rainhas.

Nesse contexto, uma questão crucial no âmbito da educação, especialmente na perspectiva do desenvolvimento e da racialidade, é a necessidade de capacitar os educandos com ferramentas que os habilitem a resistir às forças do "desenraizamento", um fenômeno amplamente presente no capitalismo. Como o educador Paulo Freire (1981) argumentou, essa resistência é essencial para promover uma educação que seja verdadeiramente emancipadora e que permita aos educandos manterem suas raízes culturais e identidades em um mundo em constante transformação. Suas palavras ecoam a importância de uma educação que não apenas transmita conhecimento, mas também fortaleça os indivíduos para enfrentar os desafios contemporâneos e manter sua conexão com suas raízes e comunidades.

Parecia-nos, deste modo, que, das mais enfáticas preocupações de uma educação para o desenvolvimento e para a democracia, entre nós, haveria de ser a que oferecesse ao educando instrumentos com que resistisse aos poderes do "desenraizamento" de que a civilização industrial a que nos filiamos está amplamente armada. (FREIRE, p. 89. 1981)

A ausência de referências que se assemelham a nós dentro do processo educacional faz com que os espaços de poder pareçam inacessíveis para nossa comunidade. Quando Paranaguá discute a importância da cultura e da arte, ela está considerando que esses espaços educacionais têm o potencial de oferecer perspectivas diversas sobre o mundo. Isso ocorre ao permitir a incorporação de dimensões culturais, que são transmitidas por meio do corpo e de narrativas alternativas sobre nosso passado, presente e futuros possíveis.

Como comentado, Jéssica, está sendo professora da matéria de inclusão digital. Entretanto, o surpreendente é que não tem computador disponível para o uso das aulas e das/os estudantes. Complexo abordar o assunto de inclusão digital sem ter as ferramentas para poder ensinar, na prática, os assuntos. Parece ser algo básico ter acesso ao uso de computadores e notebooks, mas que pra um/a jovem de periferia pode ser algo novo por ter a possibilidade dessas pessoas não terem acesso ao uso dessa ferramenta. Jéssica disse: *"A gente vai se virando, sabe? A gente tem que ser 'safo', nesse sentido, infelizmente.*

Às vezes você quer até fazer alguma coisa diferente, mas o sistema não deixa. Você tem que fazer o que você pode fazer, o que dá para fazer, entendeu?! Usar da sua sapiência”.

A compreensão da importância de "saber se virar", ou no caso supramencionado por Jéssica “usar da sua sapiência” é adotar uma espécie de "sevirologia" como uma estratégia de enfrentamento em um sistema que muitas vezes impõe limitações à realização de aspirações e ações diferentes. A sevirologia é a arte de saber se virar segundo a empreendedora Adriana Barbosa (2021). Ao compartilhar suas experiências cotidianas, Paraguaçu, expressa a necessidade de adaptar-se às circunstâncias, utilizando a própria sagacidade para lidar com obstáculos e restrições impostos pelo sistema. Tornar-se uma forma de navegar e prosperar em meio a essas complexidades, tornando-se uma estratégia vital para a vida em um contexto de desafios sistêmicos e socioeconômicos. O depoimento de Jéssica e o conceito de "sevirologia" ilustram como a capacidade de adaptar-se e fazer o melhor com os recursos disponíveis desempenha um papel fundamental nas estratégias de sobrevivência e resiliência nas realidades cotidianas dos indivíduos em contextos desafiadores.

Quando questionei a Paraguaçu se um dia ela fizesse uma escola: qual seria a escola ideal? quais as metodologias e práticas que ela usaria? ela respondeu sabiamente sinalizando que a escola dos sonhos precisa sim ter matérias tradicionais como português e matemática. Mas que seria um espaço de educação multidisciplinar que mostrasse a juventude que ela pudesse ser o que quisesse. Só que não só mostrar, mas como dar caminhos para que isso aconteça. Segundo Vanda Machado, realmente as estratégias do pensamento africano de aprendizado não estão desassociadas a prática do cotidiano e, portanto, existe esta “multidimensionalidade” e a não desassociação de valores extremamente importantes para a nossa existência como corpo, mente, memória:

O pensamento africano não separa, não hierarquiza. Corpo, mente, memória, tradição, sentidos, imaginário, símbolos, signos, espiritualidade e as vivências cotidianas, tudo faz parte de uma tradição na sua multidimensionalidade que não se preta a explicações reduzidas, a categorias que fragmentam sentidos. (MACHADO, p.56, 2017)

Outros pontos trazidos por Jéssica foi ter pessoas convidadas que se pareçam com essas pessoas negras e periféricas e que estão construindo novas histórias para que essas/es jovens pudessem se espelhar e ver que tem gente que nem elas/eles atuando em diversos lugares. Não só isso, Jéssica também me contou que ela colocaria, talvez, aulas

de iorubá e maneiras de conexões com essa ancestralidade. Passando por uma educação afrocentrada a partir da cultura e da arte.

Uma perspectiva afrocentrada e indígena e a sociedade seria muito melhor. Esses outros tipos de propostas educativas seriam muito interessantes. Coisas assim básicas. Da gente consumir da gente e de estar com o meio ambiente, acho que a gente se afastou muito do que é nosso. A gente vive em uma sociedade que é doente porque a gente vive educado pela perspectiva do colonizador. Colonizador venceu e isso é fato. Colonizador tem uma lógica cartesiana, ocidental... (Jéssica Paranaguá, 2023)

Associo esta fala com o posicionamento do autor Renato Noguera (2014):

“O conhecimento é um elemento-chave na disputa e na manutenção da hegemonia”. O que Jéssica nos apresenta a todo momento é a necessidade da quebra dessa manutenção da estrutura hegemônica. Conforme Freire (1980), quando os oprimidos se aprofundam em sua análise, podem começar a compreender que a aparente imitação dos modelos dos dominadores resulta da internalização desses modelos. Essa internalização é particularmente influenciada pelos mitos de "superioridade" das classes dominantes, os quais levam os oprimidos a desenvolverem uma sensação de inferioridade em relação a essas classes. Por isso, faço coro as reflexões e práticas de Paraguaçu em relação a educação pela emancipação. O desejo que fica é que os espaços de ensino-aprendizagem possam cada vez mais aplicar esta máxima de quebrar com as inferioridades que nos são impostas e construir novas narrativas de futuros.



Figura 9 – Jéssica Paraguaçu e Larissa Almeida jogando capoeira. Imagem de acervo pessoal. Fotógrafo: Adriano Viana (Bons Ventos 7)

(IN)CONCLUSÕES

Uma certa feita, um grande professor meu de Literatura, chamado Rogério Borges Elegibô, iniciou sua primeira aula com a minha turma (que era de ensino médio) contando uma história nada linear. A história começava falando sobre bolos e receitas e terminava, depois de infinitas voltas reflexivas, falando sobre a necessidade de solar o bolo da educação?!

De início, confesso, que isso não fez nenhum sentido para mim. Como é que ele, professor, dentro de um sistema privado de educação estava falando em solar o bolo da educação. A maturidade veio chegando ao passar dos anos e eu comecei a entender. Alguns bolos são realmente feitos para serem solados. Algumas receitas precisam ser mudadas ao longo do tempo. Para entender essa proposta de Rogério, eu precisei várias vezes seguir uma receita pronta; precisei solar o bolo sem querer; precisei entender a importância de vários ingredientes... e só depois de muito tempo, que eu entendi que solar o bolo da educação é uma forma de construir novas narrativas no universo educacional.

Solar o bolo é criar sua própria receita (ou consultar a receita de sua avó). É isso que tenho feito... estou solando os bolos, não só da educação.

O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (KRENAK, 2019, p. 26)

Para adiar o fim do mundo, mais uma vez, optei por contar um pouco da história dessas mulheres. As que vieram antes, as que existem agora e as meninas que ainda vão mudar o mundo. Esta pesquisa é abertura de caminhos e não “conclusões”. Foi durante cada palavra dessa escrita que pude inventar e reinventar conceitos e percepções. Sentar para ouvir. Escrever sobre a história de outras pessoas. Um grande desafio. Todavia, saio certa de que é só o começo. Nos primeiros passos dessa jornada acreditei que iria ter respostas para questões básicas da educação escolar. Na verdade, eu saí com mais dúvidas sobre tantas coisas e também com muitos aprendizados do meu corpo, comportamento, voz, passos. A todo momento, eu me enxerguei e vi que mulheres negras angoleiras sempre estiveram a uma ginga de receber rasteira da sociedade, mas estão sempre recriando movimentos e deslocamentos para seguir mandingando. “São fenômenos, são acontecimentos que nos motivam a repor a memória e proceder à evocação restauradora das lembranças da comunidade que se reconstrói a cada evento. E tudo nos afeta e nos propicia o autoconhecimento.” (MACHADO, p. 54, 2017)

As maiores (in)conclusões desta pesquisa estão nos detalhes de podermos aprender com a história corporal de mulheres negras e, para quem tem olhos atentos, as mensagens foram maiores do que parecem ser. Estamos falando sobre a dignidade de podermos falar sobre nossas memórias. Trazer mulheres negras falando sobre suas histórias enquanto protagonistas de suas crônicas, por si só já são práticas educativas. A educação da tênue sobrevivência. “A compreensão de nós mesmos e do lugar onde celebramos a ancestralidade renova a vida de velhos e novos.” (MACHADO, p. 54, 2017)

A memória ancestral está nos nossos corpos enquanto mulheres negras e essas lembranças conscientes e inconscientes que são remoradas através da capoeira angola nos dá régua e compasso para entender que o conhecimento para vida nunca se esgota. Saio dessa escrita com mais esperança e ferramentas para seguir andando nas encruzilhadas sociais e espero que também tenha sido um suspiro para você, minha/meu cara/o leitora/or.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro. **Culturas populares, educação e descolonização**. Revista Educação em Questão, Natal, v.57, n.54, p.1-20, out/dez. 2019

ABIB, Pedro. **Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão**. At Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 68, p. 86-98, jan./abr. 2006 <Disponível em <https://www.cedes.unicamp.br/> >

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo de saberes na roda**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2017.

ADICHE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. tradução Denise Bottmann. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ALMEIDA, Larissa. **Voyage spécial à Salvador-BAHIA avec Tician**. LaDebbo Magazine – Femme-famille-Marketing Social. Janvier 2021. P. 22-30

AMORIM, Alexandra da Paixão Damasceno de. **Vem dançar mais eu, camará! Gingar/dançando na capoeira: uma proposta na educação infantil**. 2017. 124 p. Dissertação (Mestrado - Programa de pós-graduação em Dança) – Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, 2017.

ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**. Estudos Feministas. 1º semestre de 2000. Disponível em < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106> >

ARAÚJO, Rosângela Costa (Mestra Janja). **É preta, kalunga: a capoeira angola como prática política entre os baianos: anos 80-90**; Ilustração André Flauzino. – Rio de Janeiro: MC&G,2015. 128p.: il – (Coleção Capoeira Viva.2)

ASANTE, M. K. (2019). **A ideia Afrocêntrica em educação**. Revista Sul-Americana De Filosofia E Educação (RESAFE), (31), 136–148.

BARBOSA, Adriana. **Preta potência: como a resistência e a ancestralidade me ajudaram a criar o maior evento de cultura negra da América Latina.** Rio de Janeiro. Happer Collins, 2021.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994

CARNEIRO, Silvio. **Vivendo ou aprendendo... a “ideologia da aprendizagem” contra vida escolar. At Educação contra a barbárie, por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar.** CÁSSIO, Fernando (org). 1º ed. Boitempo. São Paulo, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. DOCUMENTO PARA O ENCONTRO DE ESPECIALISTAS EM ASPECTOS DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL RELATIVOS AO GÊNERO. *Revista Estudos Feministas*, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 171, 2002. DOI: 10.1590/S0104-026X2002000100011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011>. Acesso em: 4 set. 2024.

DECÂNIO, Ângelo Augusto, **Transe capoeirando.** Salvador, Cepac – coleção S. Salomão – 5, 2002.

DEMO, Pedro. **Introdução à Metodologia da Ciência.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

EVARISTO, Conceição. LIMA, Juliana Domingos de. **“Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’”.** NEXO Jornal, 26 de mai. de 2017 (atualizado 02 de jul. de 2018 às 16h27). Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acesso em: 30 de mar. de 2020

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**; (tradução de Kátia Mello e Silva: Revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra). – 3. Ed. – São Paulo: Moraes, 1980

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 12ª ed. Rio de Janeiro. Paz e terra, 1981

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017 – 4ª reimpressão, 2019

GROSGUÉL, Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI**. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016. p. 25-49

HAMMERSLEY, M. **Methodological Paradigms in Educational Research**. London: Bloomsbury Publishing, 2012.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?**. At Silva, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.) Kathryn Woodward. 13. Ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013

HAMPATÉ BÂ, Amadou. **A tradição viva**. In: História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2.ed – Brasília: UNESCO, 2010.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**/ tradução de Marcelo Brandão Cipolla – 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Campanha das letras. São Paulo. 2019

MACEDO, RS., GALEFFI, D., and PIMENTEL A. **Um rigor outro sobre a questão**

da qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências antropológicas.

Salvador: EDUFBA, 2009.

MACHADO, Vanda. **Pele da cor da noite**. 2ª ed. – Salvador. EDUFBA, 2017

MENEZES, Letícia (flor de Liz); JANJA, Araújo (Orgs.). **Mulheres que Gingam: reflexões sobre as relações de gênero na capoeira**. 1. ed. Curitiba: Editora Appris, 2022.

Movimento Mulheres do Mar. 10 anos com a força de Yemanjá. [Vídeo]. YouTube, 2022. URL: [<https://www.youtube.com/watch?v=UA1eO9DA78A>]. <Acesso em 01/12/2023>

NAVARRO, Verônica Daniela. N'outras corpas: desconstruções e múltiplas possibilidades corporais na capoeira angola do grupo Nzinga. Dissertação ¹ de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Dança, da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Dança. Orientadora:² Gilsamara Moura. Co-orientadora: Janja Costa Araújo. Salvador, 2018. 128 f. **NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos (org.)**. **Adinkra: sabedoria em símbolos africanos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Cobogó: Ipeafro, 2022.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. Organização Alex Ratts. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2021

NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. -1. Ed. – Rio de Janeiro: Pallas. Biblioteca Nacional. 2014

NOGUERA, R. (2012). **Denegrindo a educação:: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade**. Revista Sul-Americana De Filosofia E Educação (RESAFE), (18), 62–73.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da Ancestralidade: corpo de mito na filosofia da educação brasileira.** – Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

OLIVEIRA, J. P. de. **Cosme de Farias e os Capoeiras na Bahia: Um Capítulo de História e Cultura afro-brasileira.** Sankofa (São Paulo), 2(4), 51-66. 2009

PARANAGUÁ, Jéssica. **Voyage spécial à Salvador-BAHIA avec Ticiane.** LaDebbo Magazine – Femme-famille-Marketing Social. Janvier 2021. P. 22-30

PETIT, Sandra. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança afroancestral e Tradição Oral.** Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei nº10.639/03. Fortaleza: EdUECE,2015

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade.** São Paulo. Editora Nós, 2017

PINTO, Valdina. **Saberes e viveres de mulheres negras: Makota Valdina.** [Entrevista concedida a] Ubiratan Castro de Araújo. Palmares, Brasília, nº 2, p. 75 a 83, Dez. de 2005.

POLCRI, Maysa. **Violência contra a mulher cresce 58% em um ano na Bahia: Rede de Observatórios da Segurança contabilizou 316 crimes em 2022.** Correio da Bahia, Salvador, 06 de março de 2023. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/violencia-contr-a-mulher-cresce-58-em-um-ano-na-bahia/>> Acesso em: 30/03/23

RAMOS, Lázaro. **Na minha pele.** 1ª ed. Rio de Janeiro. Objetiva. 2017

RAMOSE, Mogobe B. **A ética do ubuntu.** Tradução para uso didático de: RAMOSE, Mogobe B. **The ethics of ubuntu.** In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002, p. 324-330, por Éder Carvalho Wen. Disponível em < <https://filosofia->

africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/mogobe_b._ramose_-_a_%C3%A9tica_do_ubuntu.pdf >

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala.** -- Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017.

RUFINO, Luis. **Performances Afro-diáspórica e Decolonialidade:** O saber Corporal a partir de Exu e suas Encruzilhadas. **Revista Antropolítica, n. 40, Niterói, p.54-80, 1. sem. 2016. PDF.** Disponível em < <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41797/23790> > Acesso em julho de 2021

SENA, Ivanildes Teixeira. **No ventre da capoeira, marcas de gente, jeito de corpo: um estudo das relações de gênero na cosmovisão africana da capoeira angola.** Dissertação (Mestrado em Crítica Cultural Linha 2 de Pesquisa: Letramento, Identidades e Formação de Professores)- Universidade do Estado da Bahia, 2015.

SILVA, Maria Zeneide Gomes da. **Movimento capoeira mulher : Saberes ancestrais e a práxis feminista no século XXI em Belém do Pará.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC), Campus Universitário de Cametá, Universidade Federal do Pará, Cametá, 2016.

SIMPLICIO, Franciane et al. **A capoeira em salvador:** registros de mestres e instituições. Salvador: Fundação Gregório de Matos, 2015

SODRÉ, Muniz. **Cultura, corpo e afeto Dança,** Salvador, v. 3, n. 1, p. 10-20, jan./jul. 2014. Disponível em:

< <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistadanca/article/download/13161/9318> >

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno falar?;** Tradução de Sandra Regina Goullart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

XAVIER, Giovana. **Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história.** Rio de Janeiro. Malê, 2019

WOODSON. Carter G. A **(des)educação do negro.** 1ª edição. – Edipro. 2021

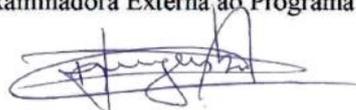


Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PGEDU), realizada em 07/12/2023 para procedimento de defesa da Dissertação de Mestrado EM EDUCAÇÃO no. 1, área de concentração Educação, Sociedade e Práxis Pedagógica, da candidata **LETÍCIA DE OLIVEIRA MENEZES**, de matrícula 2021123140, intitulada Esse quilombo é nosso: a memória ancestral no corpo de mulheres negras na capoeira angola. Às 15h do citado dia, Faculdade de Educação, foi aberta a sessão pelo presidente da banca examinadora Prof. Dr. PEDRO RODOLPHO JUNGERS ABIB que apresentou os outros membros da banca: Profª. Dra. ROSANGELA JANJA COSTA ARAUJO e Profª. Dra. CARLA ADRIANA DA SILVA SANTOS. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo presidente que passou a palavra à examinada para apresentação do trabalho de Mestrado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pela candidata, tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

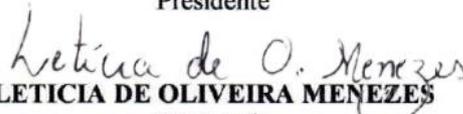

Dra. CARLA ADRIANA DA SILVA SANTOS
Examinadora Externa à Instituição



Dra. ROSANGELA JANJA COSTA ARAUJO, UFBA
Examinadora Externa ao Programa



Dr. PEDRO RODOLPHO JUNGERS ABIB, UFBA
Presidente


LETICIA DE OLIVEIRA MENEZES
Mestranda